

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

ANDRÉ POLTRONIERI SANTOS

**AS CONSTRUÇÕES RELATIVAS NA FALA DE VITÓRIA/ES: uma
perspectiva sociolinguística**

VITÓRIA

2020

ANDRÉ POLTRONIERI SANTOS

**AS CONSTRUÇÕES RELATIVAS NA FALA DE VITÓRIA/ES: uma
perspectiva sociolinguística**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Lillian Coutinho Yacovenco

VITÓRIA

2020

André Poltronieri Santos

“As Construções Relativas na Fala de Vitória/es: uma Perspectiva Sociolinguística”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 08 de abril de 2020.

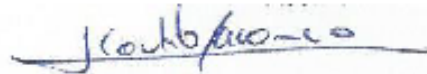
Comissão Examinadora:



Profa. Dra. Lilian Coutinho Yacovenco (UFES)
Orientadora e Presidente da Comissão Examinadora



Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre (UFES)
Examinadora Titular Interna



^{pl}
Profa. Dra. Maria Cecília de Magalhães Mollica (UFRJ)
Examinadora Titular Externa

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

S237c Santos, André Poltronieri, 1990-
As Construções Relativas na Fala de Vitória/ES : uma perspectiva sociolinguística / André Poltronieri Santos. - 2020. 156 f. : il.

Orientadora: Lilian Coutinho Yacovenco.
Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Língua portuguesa - Português falado. 2. Sociolinguística. 3. Sintaxe. I. Yacovenco, Lilian Coutinho. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço profundamente à minha orientadora e professora, Lilian Coutinho Yacovenço. Desde o momento em que tivemos nosso primeiro contato, na sala do PortVix, me senti acolhido por sua generosidade, seriedade e comprometimento com a pesquisa. Sou muito grato por ter sido seu aluno e orientando. Você, provavelmente sem saber, é inspiração para muitas alunas e alunos.

Agradeço à professora Maria Marta Pereira Scherre pelas tantas conversas e perguntas sobre a pesquisa, mesmo em breves encontros pelo *campus*. Suas inquietações e sugestões, na banca de qualificação, contribuíram muito para a finalização desse trabalho.

Agradeço, também, à professora Maria Cecilia de Magalhães Mollica, por aceitar com tão boa vontade nosso convite para participar da banca de qualificação e de defesa dessa dissertação. Não posso deixar de dizer que é um privilégio ter, em minha banca, a pesquisadora pioneira nos estudos sobre a relativização no português brasileiro. Obrigado por todas as sugestões e pelo incentivo a dar continuidade a essa pesquisa.

Meus mais calorosos agradecimentos à minha família: à minha mãe, Ana Angélica Poltronieri, por todo o apoio carinhoso, generoso e amoroso com que tem me incentivado aos estudos ao longo da minha vida; ao meu pai, Swamy Santos, pela paciência, pela prontidão e generosidade com que me acolheu aqui, no Espírito Santo, para que eu pudesse continuar a estudar; à minha irmã, Luciana, pelo amor e pelo carinho que nunca me faltaram e que, no percurso final da dissertação, se tornou mãe e me presenteou com um amor imensurável chamado Ícaro; aos meus irmãos, Allan e Arthur, que compartilham comigo, desde a gestação, o tempo, o espaço, os bons e os maus momentos; por sempre escutarem meus questionamentos sobre a pesquisa; ao Adriano Ruan, por tanto incentivo e por ter, mesmo sem perceber, me tornado uma pessoa mais compreensiva.

Agradeço às professoras e professores do Departamento de Letras e Linguística pelo conhecimento compartilhado no período em que cursei as disciplinas: à professora Gesieny Laurett Neves Damasceno, pelo cuidado e carinho com que conduziu suas aulas logo no primeiro semestre em que ingressei no programa; às professoras Edenize Ponzó Peres e Luciana Moraes, por tantas oportunidades de aprendizado com as aulas; ao professor Roberto Perobelli de Oliveira pelas discussões sobre o fazer científico empreendidas nas aulas.

Agradeço às colegas e aos colegas que se tornaram, para mim, pessoas com quem pude compartilhar momentos de reflexão sobre a Linguística; momentos de resistência diante de tantos ataques às universidades e ao ensino superior gratuito e de qualidade; momentos de felicidade e satisfação ao ver o progresso dessas alunas e desses alunos durante minha passagem na UFES. Aqui vão meus mais sinceros agradecimentos a: Jessyca Christina, Carol Massariol, Tarsila Machado, Jhonathan Santana, Emília Eloi, Bruno Andrade, Ellen Nunes, Valeska Serafim, Elaine Cristina, Carlos Eduardo Deoclécio, Aline Berbert, Ludimila Rupf Benincá e a todas e todos que, de alguma forma, fizeram meus dias na UFES melhor. Meu tempo na UFES não teria sido o mesmo sem vocês.

RESUMO

É estudada, neste trabalho, a variação das estratégias de relativização no português falado na cidade de Vitória/ES. Analisou-se uma amostra de fala constituída por quarenta e seis entrevistas do projeto Português Falado na Cidade de Vitória (PortVix). Os falantes foram estratificados em quatro faixas etárias, três níveis de escolarização e sexo (YACOVENCO *et al.*, 2012). Observou-se que o comportamento das estratégias de relativização varia segundo a função sintática exercida pelo pronome relativo. Dessa forma, as funções sintáticas foram separadas em quatro grupos, de acordo com as possibilidades de variação. Os dados foram submetidos a análises estatísticas com o pacote de programas *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). As variáveis selecionadas foram diferentes para cada um dos quatro grupos. Os resultados, de forma geral, convergem com o que vêm atestando outras pesquisas sobre a variação das orações relativas na fala de outras cidades. As variáveis que mais fortemente favorecem a relativa copiadora são, principalmente, o traço [+ humano] do antecedente e ambientes de maior distância, ligadas ao que Mollica (1977; 1997) denominou *processamento sintático*. Em relação aos pronomes relativos empregados, os resultados mostram que o relativo *que* é, como o esperado, o mais utilizado. A alta frequência das relativas de sujeito e objeto direto sem a cópia pronominal, conforme atestam Silva e Lopes (2007), está enfraquecendo semanticamente o *que* e, conseqüentemente, generalizando o uso desse pronome nas funções sintáticas preposicionadas, com as relativas cortadoras, que apresentam estrutura similar às relativas padrão de sujeito e objeto direto.

Palavras-chave: Estratégias de relativização. Sociolinguística Variacionista. Fala de Vitória.

ABSTRACT

We study, in this thesis, the variation of the relativization strategies on spoken portuguese in Vitória/ES. We have analyzed a sample of speech consisting of forty six interviews from the Project Spoken Portuguese in the City of Vitória (PortVix). The speakers were stratified in four age groups, three levels of schooling and gender (YACOVENCO *et al.*, 2012). We have observed that the behavior of the relativization strategies varies according to the syntactic function of the relative pronoun. Thus, the syntactic functions were rearranged in three groups, according to the possibilities of variation. The data were submitted to statistical analysis with the program package *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). The selected groups of factors were different for each of the three groups. The results, in general, converge with the ones found in other researches about the variation of relative clauses in the speech of other cities. The variables that favor more strongly the copy retention variant were, especially, the [+ human] trace of the noun phrase head and environments with greater distance, which is related to the concept Mollica (1977; 1997) has named *syntactic processing*. As for the relative pronouns, the results show that *que* is, as we have already expected, the most frequent. The high frequency of subject and direct object relative clauses without the pronoun retention, as Silva e Lopes (2007) attest, has been weakening semantically the relative pronoun *que* and, consequently, generalizing the usage of this pronoun on prepositional variants, i.e., on prepositional phrase chopping, whose structure is similar to standard subject and direct object relative clauses.

Keywords: Relativization strategies. Variationist Sociolinguistics. Speech of Vitória.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diferenças e semelhanças entre as concepções de estratégias de relativização em diferentes pesquisas.....	72
Quadro 2 – Relativização de sujeito e objeto direto	99
Quadro 3 – Relativização de adjunto adverbial de tempo	99
Quadro 4 – Relativização de complemento oblíquo e genitivo.....	100
Quadro 5 – Relativização de locativos	100
Quadro 6 – Variáveis selecionadas em relativas de sujeito em duas amostras	116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relativas de sujeito na pesquisa de Mollica (1977): apagamento da cópia.....	41
Tabela 2 – Relativas de objeto não preposicionado na pesquisa de Mollica (1977): apagamento da cópia.....	41
Tabela 3 – Relativas de objeto preposicionado na pesquisa de Mollica (1977): apagamento da cópia.....	41
Tabela 4 – Fatores condicionantes da relativa copiadora nos resultados de Tarallo (1983).....	45
Tabela 5 – Frequência e probabilidade de retenção pronominal em antecedentes não humanos nos dados de Tarallo (1983).....	47
Tabela 6 – Frequência da relativa copiadora em três classes sociais, nos dados de Tarallo (1983).....	49
Tabela 7 – Distribuição geral dos dados por função sintática em Silva e Lopes (2007): dados de fala e de escrita.....	59
Tabela 8 – Comparação das relativas na fala e escrita em Silva e Lopes (2007).....	61
Tabela 9 – Resultados de Vale (2014) para as relativas de sujeito e objeto direto por grau de letramento.....	64
Tabela 10 – Resultados de Vale (2014) para as relativas de funções preposicionadas por grau de letramento.....	65
Tabela 11 – Resultados de Vale (2014) sobre o efeito da função sintática nas relativas preposicionadas de falantes [+ Letrados].....	66
Tabela 12 – Resultados de Vale (2014) sobre o efeito da função sintática nas relativas de falantes [- Letrados].....	67
Tabela 13 – Efeito do tipo de inquérito sobre a relativa padrão preposicionada nos dados do NURC-SP, em Corrêa (1998).....	80
Tabela 14 – Distribuição dos falantes no banco de dados do PortVix.....	87
Tabela 15 – Distribuição geral dos dados por função sintática do relativo na amostra PortVix.....	113
Tabela 16 – Distribuição da relativa sem cópia pronominal e copiadora segundo a função de sujeito e objeto direto.....	114

Tabela 17 – Efeito do traço [+/- humano] sobre a relativização com cópia na amostra PortVix, em função de sujeito.....	117
Tabela 18 – Efeito do traço [+/- humano] sobre a relativização com cópia na amostra de Mollica (1977), em função de sujeito.....	117
Tabela 19 – Efeito da especificidade do antecedente sobre a relativa copiadora na amostra PortVix, em função de sujeito.....	119
Tabela 20 – Efeito da especificidade do antecedente sobre a relativa copiadora na amostra de Mollica (1977), em função de sujeito.....	119
Tabela 21 – Efeito da distância sobre a relativização com cópia na amostra PortVix, em função de sujeito.....	120
Tabela 22 – Efeito da distância sobre a relativização com cópia na amostra PortVix, em função de sujeito (com amálgama).....	121
Tabela 23 – Efeito da distância sobre a relativa copiadora na amostra PortVix, em função de sujeito (com novo amálgama).....	122
Tabela 24 – Efeito da distância sobre a relativa copiadora na amostra de Mollica (1977), em função de sujeito.....	122
Tabela 25 – Efeito do tipo de informação veiculado pelo antecedente sobre a relativa copiadora, na amostra PortVix, em função de sujeito.....	123
Tabela 26 – Efeito do tipo de informação do antecedente sobre a relativa copiadora, na amostra PortVix, em função de sujeito.....	124
Tabela 27 – Tabulação cruzada entre “tipo de informação do antecedente” e “especificidade do antecedente” em relação à estratégia copiadora, na amostra PortVix, em função de sujeito.....	125
Tabela 28 – Efeito do traço [pluralidade] sobre a relativa copiadora, na amostra PortVix, em função de sujeito.....	126
Tabela 29 – Efeito do traço [pluralidade] sobre a relativa copiadora na amostra de Mollica (1977), em função de sujeito.....	126
Tabela 30 – Efeito da escolarização sobre a relativa copiadora na amostra PortVix, em função de sujeito.....	127
Tabela 31 – Efeito da escolarização sobre a relativa copiadora na amostra PortVix, em função de sujeito (universitários vs. não universitários).....	128
Tabela 32 – Efeito da idade dos falantes sobre a relativa copiadora na amostra PortVix, em função de sujeito.....	130

Tabela 33 – Tabulação cruzada (faixa etária vs. nível de escolarização) em relação à estratégia copiadora em função de sujeito, na amostra PortVix.....	131
Tabela 34 – Efeito da faixa etária sobre a relativa copiadora, na amostra PortVix, em função de sujeito	132
Tabela 35 – Distribuição geral dos dados de complementos oblíquos e genitivo na amostra PortVix.....	136
Tabela 36 – Efeito do traço [+/- humano] sobre a relativa copiadora de complemento oblíquo e genitivo na amostra PortVix	137
Tabela 37 – Efeito das funções sintáticas de complemento oblíquo e genitivo sobre a variante copiadora na amostra PortVix (copiadora vs. cortadora).....	138
Tabela 38 – Efeito da distância sobre a relativa copiadora na amostra PortVix, nas funções de complemento oblíquo e genitivo (copiadora vs. cortadora)...	139
Tabela 39 – Efeito da especificidade sobre a relativa copiadora, na amostra PortVix, em funções de complemento oblíquo e genitivo (copiadora vs. cortadora).....	140
Tabela 40 – Tabulação cruzada entre “especificidade do antecedente” e “traço humano” em relação à estratégia copiadora nas funções de complemento oblíquo e genitivo, na amostra PortVix.....	141
Tabela 41 – Distribuição das relativas de locativos na amostra PortVix (copiadoras vs. cortadoras).....	143
Tabela 42 – Frequência de uso dos pronomes relativos na amostra PortVix	144
Tabela 43 – Distribuição geral das relativas por função sintática do relativo na amostra PortVix.....	146

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 DEFININDO O OBJETO DE ESTUDO	19
2.1 As Relativas na Tradição Gramatical	19
2.1.1 Bechara (2009)	20
2.1.2 Cegalla (2010).....	21
2.1.3 Rocha Lima (2011).....	23
2.1.4 Notas à seção	24
2.2 As Relativas nas Gramáticas Descritivas	25
2.2.1 Neves (2000).....	26
2.2.2 Perini (2002).....	28
2.2.3 Bagno (2012)	30
2.2.4 Notas à seção	32
2.3 Considerações parciais	33
3 A RELATIVIZAÇÃO EM OUTROS TRABALHOS	35
3.1 Keenan e Comrie (1977)	35
3.2 Maria Cecilia Mollica (1977)	38
3.2 Fernando Tarallo (1983)	43
3.3 Mollica (1997)	50
3.4 Corrêa (1998)	53
3.5 Silva e Lopes (2007)	57
3.6 Vale (2014)	63
3.7 Algumas Considerações	70
4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	74
4.1.1 Principais abordagens e métodos	83
4.2 A Amostra Analisada	87
4.3 Variáveis Analisadas	89

4.3.1 A variável dependente.....	89
4.3.2 As variáveis linguísticas	91
4.3.2.1 Função sintática do pronome relativo	91
4.3.2.1.1 Sujeito	93
4.3.2.1.2 Objeto Direto	93
4.3.2.1.3. Objeto Indireto.....	94
4.3.2.1.4 Complemento Oblíquo	94
4.3.2.1.5 Locativos	95
4.3.2.1.6 Advérbio de Tempo.....	96
4.3.2.1.7 Complemento Nominal.....	97
4.3.2.1.8 Genitivo	98
4.3.2.2 Traço humano do antecedente	100
4.3.2.3 Distância.....	101
4.3.2.4 Tipo de preposição	102
4.3.2.5 Pronome relativo empregado.....	104
4.3.2.6 Existencialidade	105
4.3.2.7 Restritividade	106
4.3.2.8 Pluralidade.....	107
4.3.2.9 Especificidade.....	108
4.3.2.10 Tipo de informação	110
4.4 Tratamento Estatístico com o GoldVarb X	111
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	113
5.1 Sujeito e Objeto Direto	114
5.1.1 Traço humano do antecedente	116
5.1.2 Especificidade do antecedente	118
5.1.3 Distância	120
5.1.4 Tipo de informação do antecedente	123

5.1.5 Pluralidade	125
5.1.6 Nível de escolarização dos falantes	126
5.1.7 Faixa etária dos falantes	129
5.2 Adjunto Adverbial de Tempo	134
5.3 Complementos Oblíquos e Genitivo	135
5.3.1 Traço humano do antecedente	136
5.3.2 Função sintática do relativo.....	137
5.3.3 Distância	139
5.3.4 Especificidade do antecedente	140
5.4 Locativos	141
5.5 Os pronomes relativos e a hierarquia de acessibilidade	144
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
REFERÊNCIAS.....	153

1 INTRODUÇÃO

Desde a pesquisa pioneira de Mollica (1977) sobre as estratégias de relativização na fala do Rio de Janeiro, diversos trabalhos têm investigado o fenômeno, sob diferentes perspectivas teóricas. Tarallo (1983), um dos pesquisadores interessados no tema, realizou um estudo sobre a relativização no português falado em São Paulo. Outras pesquisas analisaram o fenômeno em amostras de diversas localidades brasileiras, entretanto, até o presente momento, não há um estudo sobre o comportamento das relativas em território capixaba.

Com o objetivo de preencher essa lacuna, buscamos analisar, sob o aporte teórico da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968;) as estratégias de relativização na variedade capixaba. Pretendemos investigar o encaixamento das estratégias de relativização e as restrições que atuam sobre a estratégia considerada padrão, exemplificada abaixo, uma vez que é a contraparte das demais. Consideramos como estratégia padrão a relativa recomendada/prescrita nos livros de gramática normativa, conforme Tarallo (1983). Propusemo-nos, também, a analisar o paradigma de pronomes relativos empregados na variedade capixaba falada, uma vez que tem sido constatada redução da frequência de tipo de relativos, sobretudo o *cuj*o, que, mesmo na escrita, aparece com baixíssima frequência (cf. OLIVEIRA; CYRANKA, 2013). Pesquisas mostram que o relativo *que* tem sido o mais utilizado (cf. TARALLO, 1983; SILVA; LOPES, 2007), confirmando seu estatuto de *relativo universal* (BECHARA, 2009). Diante de tais constatações empíricas, observamos, também, como se configura o paradigma de pronomes relativos da fala capixaba. Para tanto, analisamos uma amostra de quarenta e seis falantes, que nasceram e vivem na cidade de Vitória, Espírito Santo, do banco de dados do PortVix: Projeto Português Falado na Cidade de Vitória (YACOVENCO *et al.*, 2012).

As estruturas relativas, no português brasileiro (doravante PB), admitem três formas. Os exemplos abaixo, encontrados na amostra, são todos de função preposicionada:

(1) a. acho que vai incentivando quem tá vendo as coisas funcionando e realmente acho que nós vamos chegar **num ponto em que a sociedade vai ‘tar envolvida e ajudando... voluntariamente** né? (PortVix: M-3-Superior) ¹

b. **essa médica que eu estou com ela** ela disse que deve ser... deve ela falou assim ne ”deve ser o remédio porque a senhora não tem nada” (PortVix: F-4-Fundamental)

c. tirar do sério? ó pra tirar do sério tem que pisar no meu calo ou tem que me contrariar mu::ito ou tem que fazer **uma coisa que eu não goste mesmo** entendeu ou me xinGAR:: ou me provoCAR fora isso eu não esquento (PortVix: M-2-Superior)

Em (1a), a estratégia utilizada é chamada “relativa padrão” preposicionada, por ser acompanhada de uma preposição que antecede o pronome relativo, conforme registrada e recomendada pela tradição gramatical. Em (1b), a falante recupera a referência do antecedente, *médica*, com um pronome pessoal (ela), por isso, é classificada como “relativa copiadora”. A preposição, além disso, é expressa juntamente ao pronome pessoal, em sua posição canônica (isto é, antes de nomes ou referentes nominais). No terceiro exemplo (1c), a oração relativa não contém nem a preposição antecedendo o pronome relativo nem o pronome cópia. Nesse caso, há um “corte” da preposição concomitante ao do elemento anafórico, o que confere a essa estrutura a classificação de “relativa cortadora”. Destacamos que a relativa cortadora é uma variante que ocorre apenas em funções preposicionadas. Nas relativas de sujeito e objeto direto (funções não preposicionadas), não havendo preposição, as variantes possíveis são a relativa padrão e a relativa copiadora. As relativas padrão de sujeito e objeto direto são também chamadas “variantes de lacuna” (*gap-leaving variants*) (TARALLO, 1983) e assemelham-se às relativas cortadoras (CAMACHO, 2015).

¹ A notação utilizada para identificar as características sociais dos indivíduos é a seguinte:

- a. Sexo/gênero: M = masculino; F = feminino;
- b. Escolarização: Fundamental = Ensino Fundamental; Médio = Ensino Médio; Superior = Ensino Superior;
- c. Faixa etária: 1 = 07-14 anos; 2 = 15-25 anos; 3 = 26-49 anos; 4 = 50 anos ou mais.

Temos como principais hipóteses as de que a estratégia copiadora, assim como nos trabalhos de Mollica (1977) e Tarallo (1983), será a menos frequente em nossos dados e que essa variante está associada, principalmente, a variáveis internas à língua, como as funções sintáticas mais baixas na Hierarquia de Acessibilidade (KEENAN; COMRIE, 1977), à distância entre o pronome relativo e a posição da cópia (MOLLICA, 1977; TARALLO, 1983; VALE, 2014), a sintagmas nominais que fazem referência a seres humanos (MOLLICA, 1977; SILVA; LOPES, 2007; TARALLO, 1983) e às pessoas com menor grau de escolarização (CORRÊA, 1998; SILVA; LOPES, 2007)

Nosso trabalho está organizado da seguinte forma: no capítulo 2, definimos o objeto de estudo a partir de gramáticas normativas e descritivas. Verificamos, portanto, como o fenômeno é abordado por ambas as perspectivas de análise: a tradição gramatical e os estudos descritivos.

No capítulo 3, analisamos trabalhos que tiveram como objetivo a investigação das orações relativas. Faremos uma breve descrição dos objetivos de cada trabalho, das amostras analisadas e dos principais resultados encontrados. A leitura desses trabalhos nos permitiu levantar hipóteses diferentes das que havíamos formulado inicialmente, quando apenas tínhamos nosso uso e percepção do fenômeno como ponto de partida.

No capítulo 4, há a descrição da proposta teórica que fundamenta as análises da nossa amostra. Também são descritos os procedimentos metodológicos que conduziram nossas abordagens e métodos de análise dos dados.

As análises são descritas em detalhe no capítulo 5, bem como as possíveis explicações para o comportamento das relativas.

No capítulo 6, são feitas as considerações finais e, em seguida, listamos as referências bibliográficas.

2 DEFININDO O OBJETO DE ESTUDO

As orações relativas, objeto de análise desta pesquisa, são definidas, pela tradição gramatical (ROCHA LIMA, 2011, por exemplo), como o tipo de oração cuja função é restringir ou caracterizar, tal como um adjunto adnominal, um antecedente. Por exercerem função semelhante à dos adjetivos, são denominadas *orações subordinadas adjetivas* pela tradição gramatical, embora também sejam conhecidas como *orações adjetivas*, *orações relativas* ou simplesmente *relativas*.

Com base em diferentes gramáticas, verificamos como são concebidas as orações relativas sob perspectivas distintas de análise, buscando identificar que definições são compartilhadas por determinados gramáticos e em quais obras há divergências. Para tanto, consultamos as gramáticas tradicionais dos seguintes autores: Bechara (2009), Cegalla (2010) e Rocha Lima (2011). De igual modo, recorreremos às gramáticas descritivas de Neves (2000), Perini (2002) e Bagno (2012) a fim de verificar o tratamento descritivo dado por esses autores ao fenômeno da relativização.

2.1 As Relativas na Tradição Gramatical²

Por serem obras relativamente acessíveis a um amplo público, desde professores/as ou alunos/as do ensino básico à graduação, os manuais de gramática normativa são comumente consultados com a finalidade de sanar dúvidas relacionadas ao emprego de formas linguísticas, suas classificações (morfológicas, sintáticas etc.), regências de verbos, entre outras questões. O trabalho dos gramáticos consiste em registrar, descrever e recomendar (ou prescrever) construções encontradas na escrita literária como forma de preservar o “bom uso” da língua, tal como escreviam “os clássicos” (BAGNO, 2010, p. 39). Com isso, os usos que se afastam da escrita literária clássica,

² Adotamos, no decorrer dessa pesquisa, os termos “gramática tradicional” e “gramática normativa” conforme Bagno (2001), sendo o primeiro uma tradição milenar voltada ao estudo da escrita literária, e, o segundo, os instrumentos produzidos por gramáticos, que objetivam, sobretudo, recomendar ou prescrever os usos efetivamente encontrados em obras literárias escritas.

quando mencionados pelos autores de gramáticas normativas, são considerados, pelos próprios autores, como erros ou desvios. Devido ao caráter normativo/prescritivo dessas gramáticas, podem ser denominadas *gramáticas normativas* ou *prescritivas*. Foram analisadas três gramáticas dessa natureza com o objetivo de verificar se algum de seus autores reconhece diferentes usos das orações relativas, além dos recomendados.

2.1.1 Bechara (2009)

A análise das orações adjetivas, denominadas nessa obra como *orações complexas de transposição adjetiva* (BECHARA, 2009, p. 191), é subdividida em duas seções principais: a) orações adjetivas ou de relativo; b) o relativo marcado por índice preposicional.

No primeiro caso, é analisada somente uma relativa de sujeito, a partir da qual se depreende que o pronome relativo (denominado, por Bechara, *transpositor relativo*) exerce duas funções: retoma o antecedente e assume função sintática de acordo com o papel do pronome relativo em relação ao verbo no interior da oração adjetiva.

(2) O aluno que estuda vence na vida. (BECHARA, 2009, p. 191)

No segundo caso, o autor apresenta exemplos de relativas padrão preposicionadas e afirma ser imprescindível o uso da preposição antes do relativo. Em seguida, é apresentada a classificação tradicional de orações adjetivas explicativas e restritivas.

E. Bechara dedica uma seção específica para explicar o emprego dos pronomes relativos. Intitulado “Pronome relativo”, o tópico apresenta recomendações de uso dos relativos em contextos restritos à escrita literária. Em um subtópico sobre o “Relativo universal”, Bechara reconhece o uso do relativo *que* sem função sintática como “simples transpositor oracional”:

Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado *relativo universal* que, desfazendo uma

complicada contextura gramatical, se torna um elemento linguístico extremamente prático (BECHARA, 2009, p. 201, grifos do autor)

E traz os exemplos:

- (3) a. Ali vai o homem *que* eu falei com *ele*.
 b. Ali vai o homem *com quem* eu falei. (BECHARA, 2009, p. 201, grifos do autor)

Embora admita que a construção com cópia “desfaça uma complicada contextura gramatical” (BECHARA, 2009, p. 201), o autor a considera uma forma de expressão encontrada na linguagem coloquial e popular, sem, no entanto, explicar essa declaração, que certamente tem suas raízes na prática comum de alguns gramáticos de concluir que as formas que se afastam dos usos por eles recomendados são expressões coloquiais. As pesquisas têm revelado que a estratégia copiadora, diferentemente do que registra Bechara, são empregadas por falantes de diferentes graus de escolarização: tanto falantes do ensino fundamental quanto os com ensino superior completo a usam, embora nestes a frequência da copiadora seja inferior à daqueles, como demonstram os estudos de Vale (2014) e Silva (2018).

2.1.2 Cegalla (2010)

O capítulo correspondente ao estudo das orações subordinadas adjetivas (nomenclatura empregada pelo gramático) é iniciado comparando as seguintes frases:

- (4) a. O professor gosta dos alunos **estudiosos**.
 b. O professor gosta dos alunos **que estudam**. (CEGALLA, 2010, p. 390, grifos do autor)

Em relação à forma como as orações relativas são estruturadas, lê-se que “são introduzidas, as mais das vezes, pelos pronomes relativos e referem-se a um termo antecedente, que pode ser um substantivo ou pronome”³. O autor destaca que há orações adjetivas iniciadas por pronome indefinido *quem*,

³ (*id.*, *Ibid.*, p. 390)

equivalente a “aquele que” e pelo advérbio relativo *como*, equivalente a “por que”, “pelo qual” e “pela qual”, as chamadas *relativas livres* ou *relativas sem antecedente*.

O tópico seguinte trata da classificação das orações subordinadas adjetivas, podendo ser *explicativas* ou *restritivas*, com alguns exemplos e breves comentários sobre a distinção entre esses dois tipos de oração. O autor explica que as orações adjetivas são sempre precedidas de preposição quando exigidas pelo verbo. Em seguida, é oferecida uma lista de exercícios, finalizando o capítulo.

O autor não registra as orações relativas vernaculares (com cópia ou sem a preposição, no caso de complementos preposicionados), reconhecendo como legítimas apenas a relativa com preposição antecedendo o pronome relativo e as relativas de sujeito e OD sem a cópia. Além do capítulo dedicado às orações subordinadas adjetivas, na seção de morfologia há um tópico intitulado “Pronomes Relativos”, em que o autor apresenta um quadro de pronomes relativos, separados em “variáveis” e “invariáveis” e exemplos de como são empregados. No entanto, mais uma vez, não é mencionado o uso das relativas copiadora nem cortadora.

É digno de nota que, na introdução da obra, o gramático admite haver pelo menos dois tipos de gramática:

A Gramática Histórica estuda a origem e a evolução de uma língua, acompanhando-lhe os passos desde o seu alvorecer até a época atual. *A Gramática Normativa* enfoca a língua como é falada em determinada fase de sua evolução: faz o registro sistemático dos fatos linguísticos e dos meios de expressão, aponta normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, em suma, ensina a falar e escrever a língua-padrão corretamente. Este livro pretende ser uma Gramática Normativa da Língua Portuguesa do Brasil, **conforme a falam e escrevem as pessoas cultas na época atual**. (CEGALLA, 2010, p. 16, itálicos do autor, negritos meus)

Apesar de declaração de que o livro pretende ser uma gramática normativa do português brasileiro levando em consideração a fala e a escrita das pessoas consideradas cultas, observou-se que os exemplos apresentados pelo autor foram ora retirados da escrita literária, ora de autoria do gramático. Com isso, fica evidente que o caráter normativo da obra ignora tanto as evidências empíricas das diferentes estratégias de relativização no PB quanto as pesquisas

sobre esse mesmo fenômeno, iniciadas no Brasil pelo menos quarenta anos antes da data de publicação dessa edição da gramática.

2.1.3 Rocha Lima (2011)

Na seção destinada às orações adjetivas, o gramático as descreve como sendo equivalentes a adjuntos adnominais e são subordinadas a um termo antecedente de núcleo substantivo, como exemplificado em (5):

(5) *A água é um líquido / que não tem cor.* (ROCHA LIMA, 2011, p. 333)

Segundo Rocha Lima, em (5), a oração relativa poderia ser substituída pelo adjetivo *incolor*. O autor explica que o uso de orações adjetivas permite, também, expressar ideias para as quais não há “adjetivos léxicos” específicos na língua:

O emprego de orações adjetivas permite que juntemos ao substantivo características mais complexas, para as quais, muita vez, não existem na língua adjetivos léxicos. Vimos que, na frase acima citada, à oração *que não tem cor* corresponde, com justeza, o adjetivo *incolor*. Debalde, porém, procuraríamos um adjetivo isolado, capaz de traduzir exatamente a ideia global contida na oração *que no vosso espelho caiu*, de um período como este, de Ribeiro Couto:

“Dizei-me, águas mansas do rio,
Para onde levais essa flor
Que no vosso espelho caiu?”

(Rocha Lima, 2011, p. 333, grifos do autor)

Em relação à estrutura das orações adjetivas desenvolvidas, Rocha Lima explica que são encabeçadas pelos pronomes relativos *que*, *qual* (e suas flexões), *quem*, *cujo* (e suas flexões), *quanto* (e suas flexões) ou pelos advérbios relativos *quando*, *como* e *onde*. O autor também menciona que os relativos desempenham tanto uma função sintática no interior da oração adjetiva quanto função de *ligação oracional*, isto é, de estabelecer ligação com a oração principal ou matriz.

Além da tradicional distinção entre relativas restritivas e explicativas, Rocha Lima descreve o que chama de *relativos condensados*: pronomes relativos *que*, por si só, têm função de termo da oração principal e, concomitantemente, da oração adjetiva, conforme exemplo (6):

(6) *Não há quem dele se apiede.* (ROCHA LIMA, 2011, p. 337)

O autor encerra o tópico sobre as orações adjetivas apresentando orações adjetivas restritivas, com exemplos retirados de obras literárias.

Em outra seção da gramática, intitulada “Pronomes Relativos”, Rocha Lima descreve o uso dos pronomes relativos e as funções sintáticas por eles exercidas. Foram encontrados exemplos de estruturas clivadas com *que* e *é que*, esta chamada genericamente de “expressão idiomática” pelo autor. Além de pouco precisas, muitas explicações não deixam claros os procedimentos de análise adotados pelo gramático, especialmente quando analisa o uso do pronome relativo *que*. Ao analisar a construção de modalidade deôntica *ter que*, o *que* é analisado como um “relativo fossilizado”:

(7) Construções há em que o relativo, obliterada a sua função própria, aparece *fossilizado*:

Tenho *que* sair imediatamente. (ROCHA LIMA, 2011, p. 406)

Assim como em Cegalla (2010), não foram encontradas quaisquer notas acerca das relativas não padrão. Também não há exemplos de construções tipicamente produzidas na fala e na escrita de brasileiros em gêneros diversos. Algumas das frases utilizadas como exemplo são produzidas pelo próprio gramático e a maior parte foi retirada de obras da literatura brasileira e portuguesa. Sem desconsiderarmos a contribuição e a importância da obra, fazemos uma ressalva à postura limitadora da obra apenas à prescrição de formas encontradas na escrita literária, especificamente no que se refere à análise das orações relativas.

2.1.4 Notas à seção

Observamos, em geral, uma postura relativamente uniforme dos gramáticos de natureza prescritiva em relação às orações subordinadas adjetivas. Em primeiro lugar, os três autores selecionam como formas recomendadas exemplos encontrados principalmente na escrita literária. Essa seleção de usos recomendados pelos gramáticos implica a exclusão (isto é, a não recomendação, ou mesmo a rejeição explícita) de outras manifestações linguísticas, algumas das quais, quando exemplificadas, vêm acompanhadas de

avaliações como linguagem “popular” ou “coloquial”. Destacamos a inconsistência de Cegalla (2010) em declarar que sua obra pretende ser uma gramática normativa conforme falam e escrevem as pessoas consideradas cultas, valendo-se unicamente da escrita literária como fonte de observação dos usos linguísticos apresentados na gramática.

De forma geral, os autores não explicam como as orações são analisadas. Chamou-nos a atenção a análise pouco esclarecedora de Rocha Lima sobre estruturas nas quais há presença do *que*, seja como partícula expletiva ou conjunção integrante: as orações clivadas são denominadas “expressões idiomáticas” e o *que* nas construções de modalidade deôntica “ter que” é denominado “relativo fossilizado”, sem que sejam apresentados os procedimentos de análise e de interpretação dessas estruturas.

Não apresentando as relativas vernaculares (isto é, a relativa copiadora e a relativa cortadora), com exceção de Bechara, que reconhece pelo menos a existência da relativa copiadora, os autores das gramáticas normativas consultadas rejeitam a existência das orações efetivamente usadas pela população brasileira.

2.2 As Relativas nas Gramáticas Descritivas

A preservação da escrita literária pelos gramáticos de linha prescritiva os impede de conferir uma análise verdadeiramente pautada nos usos encontrados na escrita contemporânea. Em boa medida, as construções selecionadas pelos gramáticos são empregadas por escritores de séculos passados, inclusive escritores portugueses.

Os resultados das pesquisas sociolinguísticas desenvolvidas no Brasil desde a década de 70 possibilitaram a produção de gramáticas descritivas, isto é, gramáticas que têm como objetivo descrever o português brasileiro tal como é falado e/ou escrito pelos brasileiros. À medida que são gramáticas baseadas em trabalhos científicos, têm um público com perfil diferente daquele de leitores de gramáticas normativas: estudantes de graduação em Letras, professoras e professores e estudantes de pós-graduação. Assim como observado nas

gramáticas tradicionais, verificamos em três gramáticas descritivas como as orações relativas são abordadas por cada autor/a.

2.2.1 Neves (2000)

A escolha dessa obra se deu por ser uma gramática descritiva frequentemente utilizada em cursos de Letras. Uma leitura preliminar do capítulo referente às orações relativas levou-nos a identificar a que *usos* se refere a autora, como consta do título. Na apresentação dessa gramática, percebeu-se que o *corpus* tomado como fonte de análise de diferentes elementos gramaticais é constituído apenas por textos escritos:

Esse *corpus* abriga textos escritos de literaturas romanesca, técnica, oratória, jornalística e dramática, o que garante diversidade de gêneros e permite a abrangência de diferentes situações de enunciação, incluindo a interação, sendo notável a representatividade da língua falada, encontrada na simulação que dela fazem as peças teatrais (NEVES, 2000, p. 14).

A autora parece justificar a escolha por textos escritos com a seguinte declaração: “infelizmente, como se sabe, não há disponível, no Brasil, nenhum banco de dados representativo da língua falada contemporânea”⁴.

Na primeira parte do capítulo em que são analisados os pronomes relativos e as orações relativas, é analisada a natureza do pronome relativo. Para a autora, o pronome relativo introduz uma oração de função adnominal e ocupa, na oração relativa, a mesma posição do elemento correferente. A autora classifica os pronomes em dois subtipos:

a) pronomes relativos propriamente ditos:

*É este o **homem QUE** vê na obra de Eurípedes um perigo aos bons costumes!*

b) pronomes que correspondem a um sintagma nominal.

***QUEM** dá aos pobres empresta a Deus.*

⁴ (*id.*, *ibid.*, p. 14)

Segundo Neves (2000, p. 366), há pronomes que podem pertencer aos dois subtipos, como é o caso de *quem*, que, além de ser um relativo sem antecedente, pode ser um relativo propriamente dito, como em (8):

(8) *Esse grupo de **pessoas de QUEM** falei tem uma capacidade intelectual e através deles talvez se possa ver o peso das idéias na condução da política.*

A autora faz uma extensa análise do emprego do relativo *cujo*, descrevendo sua característica semântica de ser definido e sua função de complementar nomes e quantificadores. Caberia comentarmos aqui que, mesmo em se tratando de textos escritos, o relativo *cujo* vem sendo cada vez menos empregado: Oliveira e Cyranka (2013) atestaram, através de uma proposta de ensino dos relativos em uma turma de nono ano, a obsolescência do *cujo* em textos escritos monitorados (domínio jornalístico).

A distinção entre orações adjetivas restritivas e explicativas também é feita pela autora, sendo as primeiras subdivididas em dois tipos: com antecedente e sem antecedente, enquanto as adjetivas explicativas, de acordo com Neves (2000), sempre apresentam antecedente expreso.

Também são descritas detalhadamente as funções sintáticas exercidas pelos pronomes relativos, divididas em contextos em que o relativo é precedido de preposição ou não. O primeiro pronome relativo analisado é o *que* em funções não preposicionadas (sujeito e objeto direto). Ao descrever os casos em que o pronome é precedido de preposição, a autora constata:

Freqüentemente, a **preposição** é omitida antes de **pronome relativo objeto indireto**, especialmente a **preposição de**, e especialmente com o **verbo gostar**: [...] Essa supressão ocorre quase categoricamente quando o antecedente é o **pronome demonstrativo o** (NEVES, 2000, p.381, grifos da autora).

Ao registrar ocorrências da relativa cortadora, Neves não faz avaliações sobre ser um uso indevido, sem explicação ou sem justificativa (embora o faça ao explicar outras construções, como usos hipercorretos de relativas preposicionadas). Não há registros da relativa copiadora, nem mesmo quando há a explicação do emprego de *cujo*, provavelmente em virtude da natureza do *corpus* analisado.

2.2.2 Perini (2002)

No capítulo em que são apresentadas as orações complexas, Perini (2002) não só faz descrições e análises de orações, mas também explica as etapas de suas análises. A estrutura oracional dos exemplos é descrita sistematicamente: o pronome utilizado, sua função sintática e a oração chamada principal, por exemplo.

No que diz respeito aos exemplos apresentados pelo autor, todas as orações são construções hipotéticas, isto é, foram produzidas exclusivamente pelo próprio autor e não fazem parte de um banco de dados do português falado ou escrito no Brasil. Frequentes vezes, os exemplos são modificadas para efeito de comparação com estruturas alternativas, como o uso de um pronome relativo ou complemento diferente do exemplo anteriormente exposto. São muitos os exemplos elencados pelo autor (17 apenas nas duas primeiras seções), possibilitando análises complementares entre eles.

Alguns dos exemplos merecem especial atenção, tanto em relação à sua descrição quanto em relação a algumas considerações feitas pelo autor. Por exemplo, ao analisar a oração relativa em (9) (PERINI, 2002, p. 151)

(9) O urso que me mordeu era branco,

é explicado que a oração *que me mordeu*, aparentemente incompleta (sem sujeito), não admite “o acréscimo de um sujeito a ela”, como em (9’):

(9’) O urso que ele me mordeu era branco.

Ora, se se considerar que em (9’) o pronome *ele* desempenha função de sujeito, conseqüentemente o relativo *que* passa a não exercer função sintática, como analisam Tarallo (1983) e Bechara (2009). Diferentemente do que registra Perini (2002), a construção (9) admite, pelo menos em contextos não restritos à análise sintática de frases descontextualizadas, a inserção de um sujeito pronominal a ela, resultando em uma relativa copiadora. À relativa copiadora é dedicada uma nota apenas quando associada à variante com o relativo *cujo*:

Uma nota final, que pode ser de interesse: sabemos que, no português brasileiro coloquial, a construção relativa tem uma estrutura muito

diferente da que foi exposta acima e é válida apenas para o padrão. Em particular, a construção com o relativo *cujo* praticamente desapareceu da língua falada, sendo substituída por uma construção regular do tipo

(9^o) O urso que eu cortei a pata dele era branco

(PERINI, 2002, p. 155. A numeração do exemplo não corresponde à da obra)

Assim como Bechara (2009), Perini (2002) associa o uso da relativa copiadora à linguagem coloquial, o que não corresponde ao que as pesquisas têm mostrado sobre os usos das orações relativas no português brasileiro. Mesmo em situação de monitoramento da fala, os falantes também recorrem à relativa copiadora (VALE, 2014).

Por se tratar de uma gramática descritiva, esperava-se que fossem contempladas ao rol de exemplos as construções efetivamente encontradas no paradigma de usos de relativas no PB. Isso inclui tanto a relativa padrão preposicionada quanto a relativa copiadora e a cortadora. A relativa cortadora, aliás, sequer é mencionada na obra.

A obra de Perini apresenta reflexões não elaboradas pelas gramáticas prescritivas – ao menos aquelas gramáticas consultadas para os propósitos deste capítulo. Um dos questionamentos levantados pelo autor refere-se ao uso de determinados pronomes relativos e preposições. Perini mostra que há casos em que parece ser impossível haver presença de determinados pronomes relativos, como nas orações elencadas em (10) (exemplos do autor, grifos nossos):

(10) a. A firma a respeito de **que** lhe falei.

b. A firma contra **que** me revoltei.

Em (10a), há outra possibilidade de relativização, com o emprego do pronome relativo *qual*. A língua parece não admitir o uso do relativo *que* em (10b). O autor defende que tais construções ainda estão sendo pesquisadas e as características que bloqueiam o uso de *que* a esses contextos ainda não são claras.

Em suma, a obra de Perini reconhece o uso da relativa copiadora, pelo menos em funções preposicionadas, como uma possibilidade legítima de relativização, diferentemente de outras gramáticas aqui analisadas. Em relação

à riqueza de exemplos (ao menos em termos quantitativos, já que não são exemplos reais), ponderamos ser uma característica positiva da obra, pois possibilita estabelecer comparações e contrastes entre as orações relativas com diferentes pronomes relativos e funções sintáticas do relativo, por exemplo.

2.2.3 Bagno (2012)

A descrição das relativas, nessa obra, é feita principalmente com base em dados do projeto NURC. O autor inicia a seção problematizando o estatuto do pronome relativo da seguinte forma:

As sentenças adjetivas são aquelas que contêm um **pronome relativo**. E é aqui que surge a pergunta fatídica: ainda existem pronomes relativos no português brasileiro? A resposta tem de ser dada com cuidado. Ao que parece, os pronomes relativos se reduziram no PB falado a um simples conector – que –, sem nenhuma propriedade pronominal (ou seja, sem propriedade anafórica), denominado pelos estudiosos de **relativo universal**. A sobrevivência dos pronomes relativos parece cada vez mais restrita aos gêneros escritos mais monitorados. No entanto, mesmo aí já encontramos indícios que anunciam a provável extinção futura desses pronomes (BAGNO, 2012, p. 900, grifos do autor).

É também empreendida uma ampla discussão acerca das estratégias vernaculares (copiadora e cortadora), em que são oferecidos exemplos fartos e reais, extraídos do *corpus* do NURC e de *corpora* de textos escritos monitorados, como excertos da Folha de São Paulo e do site O Globo.

Em relação ao uso das estratégias vernaculares indicadoras de posse nas quais há substituição do relativo *cuyo* por outras estratégias, o autor explica que tal fenômeno está documentado em outras línguas, como o espanhol e o francês. Segundo Bagno, o uso da forma *que su* no lugar de *cuyo* é chamada de *quesuísmo* nos estudos linguísticos do espanhol (BAGNO, 2012, p. 903). No caso do francês, Bagno recorre a Guiraud (1975), que assim escreve sobre os pronomes relativos:

[...] o pronome relativo, em francês, constitui um conjunto inorgânico, mal estruturado e artificialmente fixado numa fase de transição no curso da qual ele estava em vias de se decantar e de se organizar segundo as três grandes tendências que modelam a evolução do francês: redução das declinações, desacumulação das formas sintéticas, sintaxe sequencial (GUIRAUD, 1975 *apud* BAGNO, 2012, p. 904).

A pesquisa das estratégias de relativização com o *corpus* do NURC-Brasil abarca os relativos em função de complementos indiretos e complementos oblíquos. Os resultados encontrados mostram que a estratégia padrão corresponde a 34% das ocorrências (17 casos), enquanto a copiadora corresponde a 2% (apenas 1 caso) e a cortadora 64% (32 ocorrências). Apesar de ser uma pesquisa com poucos dados (50 no total), os resultados confirmam o que vem sendo atestado em outros estudos acerca do comportamento e da frequência de uso de cada uma das estratégias de relativização disponíveis no PB (MOLLICA, 1977; TARALLO, 1983; SILVA, 2007).

Segundo Bagno, há 197 combinações possíveis de preposição + pronome relativo, organizadas em uma ordem estranha à sintaxe do PB:

As preposições ocupam lugares bem delimitados na sintaxe da nossa língua: como o próprio nome indica, elas se *posicionam* sempre *antes* (pré-) de seu complemento. Nas relativas padrão [preposicionadas], no entanto, as preposições são *deslocadas* para um lugar que elas normalmente não ocupam na imensa maioria das suas demais ocorrências na língua. Vejamos:

• o templo cristão mais antigo DE **que se tinha notícia**
(BAGNO, 2012, p. 912, grifos do autor).

O autor reconhece que em inglês é possível haver preposições sozinhas (órfãs), como em (11) (exemplo do autor):

(11) This is the house I lived *in*

Entretanto, não registra a possibilidade de construções com encalhamento de preposição (*preposition stranding*), ou preposições órfãs, em determinadas construções no português brasileiro, conforme exemplo abaixo, encontrado por Vale (2014):

(12) A gente via um boi...pá...matou...taí [uma coisa]; [que; eu bato [contra [__]]; ...do sujeito matar um boi... agora chama o doutor...o doutor vem...canta...passa remédio...o boi torna levantar...tira a língua do boi...esse boi torna...como que um boi vai ficar sem língua? (VALE, 2014, p. 91)

A gramática também traz sugestões de ensino dos pronomes relativos, além de uma subseção específica para o ensino do relativo *cujos*. Outras propriedades das relativas também são mencionadas, como a correlação entre as estratégias de relativização e as estratégias de pronominalização, observadas

na pesquisa de Tarallo (1983). O autor também aborda o parentesco entre a topicalização e as estratégias de relativização vernaculares (cf. p. 920) e a semelhança entre os pronomes interrogativos e os relativos.

Algumas considerações merecem destaque em relação à obra de Bagno (2012). Primeiramente, por ser uma gramática descritiva, o autor não emite juízos de valor em relação a quaisquer usos nela registrados. As construções analisadas foram encontradas em um *corpus* de produção oral altamente monitorada. Isso significa que as estratégias de relativização investigadas não constituem usos restritos à tradição literária escrita nem usos considerados “coloquiais” ou “informais”. Em segundo lugar, a estratégia padrão, única recomendada e aceita pelas gramáticas de linha tradicional, não é considerada “mais correta” ou “superior” às vernaculares. Pelo contrário, atestou-se que são as estratégias menos empregadas mesmo pelas pessoas consideradas cultas. As explicações para esse fenômeno são de ordem social e cognitiva, como têm mostrado diversas pesquisas, frequentemente mencionadas pelo autor. Por fim, a descrição detalhada e extensa sobre o fenômeno no PB confere a essa gramática um lugar de destaque na literatura linguística por sua proposta e consonância com as pesquisas sobre o PB atual.

2.2.4 Notas à seção

Diferentemente das gramáticas prescritivas, os autores das gramáticas descritivas exibem postura científica frente às orações relativas, não emitindo avaliações sobre as diferentes formas de relativização. Acreditamos que essa postura seja reflexo dos objetivos de cada tipo de gramática: enquanto as gramáticas normativas pretendem fixar um padrão de usos considerados pelos próprios autores como modelo da escrita literária, as gramáticas descritivas buscam apresentar ao/à leitor/a o que efetivamente os/as brasileiros/as falam e escrevem.

Uma característica que diferencia a gramática de Perini (2002) das outras duas é que as gramáticas de Neves (2000) e Bagno (2012) trazem exemplos reais de usos encontrados na fala e na escrita, enquanto Perini recorre a orações elaboradas a partir de sua própria intuição linguística.

Percebemos que as três estratégias de relativização mais conhecidas (padrão, copiadora e cortadora) não foram trazidas da mesma forma nas três gramáticas: Neves (2000) não menciona a relativa copiadora, e Perini (2002), por sua vez, não registra a cortadora. A gramática de Bagno (2012) foi a única, entre todas as gramáticas analisadas, que contemplou as três estratégias de relativização. Os motivos que levaram cada autor/a a (não) apresentar um ou outro tipo de relativa escapam do alcance dessa pesquisa, mas, acreditamos ser importante registrar essa diferença de tratamento entre as obras consultadas, especialmente quando a proposta da gramática é de registrar os usos que vêm sendo objeto de estudo desde a década de 70, como a dissertação pioneira de Mollica (1977) sobre as relativas.

2.3 Considerações parciais

As gramáticas podem ser consideradas importantes instrumentos de normatização à medida que registram os usos considerados exemplares em contextos particularmente formais de expressão linguística. Também podem ser consideradas um tipo de catálogo ou compêndio em que se encontram registradas as construções linguísticas que fazem parte da língua e suas classificações.

Uma das principais diferenças entre as gramáticas normativas (ou prescritivas) e as gramáticas descritivas é o objetivo de cada uma. A gramática tradicional, inspirada nas primeiras gramáticas gregas, busca preservar formas linguísticas encontradas na escrita literária clássica, ao passo que a gramática descritiva registra toda e qualquer construção efetivamente usada pelos falantes, observada nas mais diferentes interações sociais.

Por haver diversas formas de se analisar o comportamento das orações relativas, diversos aspectos não foram descritos da mesma forma, nem mesmo entre os gramáticos de orientação prescritiva. Algumas características foram comuns em todas as análises, por exemplo, a distinção entre oração adjetiva explicativa e restritiva, o uso de alguns pronomes relativos e a presença de preposições de acordo com a regência do verbo na oração relativa. Desse modo,

as particularidades das análises de cada gramática podem ser consideradas complementares.

3 A RELATIVIZAÇÃO EM OUTROS TRABALHOS

Nesta seção faremos um breve percurso de algumas das principais pesquisas sobre as orações relativas. Iniciaremos com a descrição do trabalho de Keenan e Comrie (1977) sobre a acessibilidade das relativas em várias línguas. Em relação aos trabalhos sobre a variação das relativas no português brasileiro, partimos da pesquisa pioneira de Mollica (1977) e da tese de Tarallo (1983), chegando a trabalhos mais recentes. A escolha desses trabalhos e não de outros se deveu principalmente à abordagem teórica e metodológica de cada um. Uma vez que trabalhamos com um *corpus* do português falado na cidade de Vitória, analisando a língua em uso, optamos por observar o fenômeno sob uma perspectiva variacionista. Por vezes recorremos a pesquisas funcionalistas à medida que abriam novas possibilidades de análise do fenômeno, além de terem como objeto de análise a língua em uso. O estudo das dissertações, teses e artigos escolhidos nos permitiu levantar hipóteses e estabelecer grupos de fatores que possam ser igualmente relevantes para a pesquisa na amostra PortVix.

3.1 Keenan e Comrie (1977)

O artigo publicado na revista *Linguistic Inquiry*, intitulado *Noun Phrase Accessibility and Universal Grammar*, teve como principais objetivos apresentar uma hierarquia de acessibilidade a partir da qual são formuladas restrições universais subjacentes à formação de orações relativas (KEENAN; COMRIE, 1977), reproduzida a seguir:

SUJ > OD > OI > OBL > GEN > OCOMP

Nesse esquema, são mais facilmente relativizadas as funções de sujeito, seguidas por objeto direto, até o outro extremo da hierarquia, o objeto de comparação. As funções sintáticas do esquema são sujeito, objeto direto, objeto indireto, funções oblíquas, genitivo e objeto de comparação. Ambientes em que há maior dificuldade de relativização, isto é, em posições sintáticas mais baixas – mais à direita, na Hierarquia –, tendem a favorecer o uso da relativa copiadora.

Entre outras constatações, restringimo-nos a mencionar, nesta seção, apenas a proposta de descrição das orações relativas. Isso não significa que estamos desconsiderando o trabalho como um todo; pelo contrário, retornaremos a esse artigo à medida que nos for apropriado.

As orações relativas são definidas pelos autores a partir de critérios estritamente semânticos, a partir dos quais é analisada a estrutura sintática das relativas em diferentes línguas. São levados em conta, além do critério semântico, os elementos sintáticos constituintes da oração relativa, como o sintagma nominal (SN) cabeça, também chamado de *antecedente*, o pronome relativo, também chamado de *operador*, e outros:

Consideramos um objeto sintático como sendo uma oração relativa se ele especifica um conjunto de objetos (talvez um conjunto de apenas um membro) em duas etapas: um conjunto maior é especificado, chamado de *domínio* de relativização, e então restrito a algum subconjunto do qual determinada sentença, a sentença restrigente⁵, é verdadeira. O domínio de relativização é expresso na estrutura da superfície pelo SN cabeça, e a sentença restrigente pela *cláusula restrigente*, que pode parecer mais ou menos como uma sentença de superfície dependendo da língua.

Por exemplo, na oração relativa *a garota de que João gosta* o domínio de relativização é o conjunto de garotas e o SN cabeça é *garota*. A sentença restrigente é *João gosta dela* e a cláusula restrigente é *de que João gosta*. Claramente, para que um objeto remeta corretamente à *menina de que João gosta*, o objeto deve estar no domínio de relativização e a sentença restrigente deve ser verdadeira. Nos referimos ao SN na sentença restrigente coreferente ao SN cabeça como SN relativizado (SN_{rel}); em nosso exemplo, é o caso de *ela*, isto é, o objeto direto de *João gosta dela* (KEENAN; COMRIE, 1977, p. 63-64, grifos dos autores, tradução nossa).⁶

Ressalta-se que Keenan e Comrie consideram apenas as relativas restritivas nesse trabalho. O estudo também abarca construções que, segundo

⁵ Optamos por traduzir “restricting” como “restringente” e não “restritiva” a fim de evitar a possibilidade de interpretação equivocada do termo “restritiva” como um dos subtipos das orações relativas.

⁶ We consider any syntactic object to be an RC if it specifies a set of objects (perhaps a one-member set) in two steps: a larger set is specified, called the *domain* of relativization, and then restricted to some subset of which a certain sentence, the *restricting* sentence, is true. The domain of relativization is expressed in surface structure by the *head NP*, and the restricting sentence by the *restricting clause*, which may look more or less like a surface sentence depending on the language.

For example, in the relative clause *the girl (that) John likes* the domain of relativization is the set of girls and the head NP is *girl*. The restricting sentence is *John likes her* and the restricting clause is *(that) John likes*. Clearly, for an object to be correctly referred to by *the girl that John likes*, the object must be in the domain of relativization and the restricting sentence must be true of it. We shall refer to the NP in the restricting that is coreferential with the head NP as the NP relativized on (NP_{rel}); in our example, this is *her*, i.e. the direct object of *John likes her*.

os autores, não são encontradas na gramática tradicional e referem-se a diferentes maneiras de se formarem orações relativas como “estratégias de formação de orações relativas”. Essa denominação é frequentemente encontrada em outros trabalhos como *estratégias de relativização*.

São tomados dois critérios para identificar quando duas orações relativas são formadas por estratégias diferentes: a) a forma como o SN cabeça e a cláusula restrigente são dispostas; b) como a posição (ou função sintática) relativizada é indicada.

Em outras línguas, é possível que o SN cabeça esteja à direita da cláusula restrigente ou mesmo em seu interior. Keenan e Comrie mostram que, em alemão, por exemplo, além da estratégia de relativização tradicional, há a possibilidade de relativização com uma construção de particípio (exemplos de Keenan e Comrie, 1977, p. 64):

(13) *der Mann, der in seinem Büro arbeitet.*

o homem que em seu escritório trabalha
 “o homem que está trabalhando em seu escritório”

(14) *der in seinem Büro arbeitende Mann*

o em seu escritório trabalhando homem
 “o homem que está trabalhando em seu escritório”

Em (13), o SN cabeça (*der Mann*) está à esquerda da cláusula restrigente, diferentemente de (14), em que *Mann* está à direita, no final da sentença, e o artigo (*der*) à esquerda, no início. No português brasileiro, as ORs não apresentam variação quanto à posição do SN cabeça, que é sempre especificado/posicionado à esquerda da cláusula restrigente.

O segundo critério leva em consideração o seguinte: estratégias de relativização são diferentes quando uma delas apresenta um elemento que expressa inequivocamente qual posição do SN está sendo relativizada (KEENAN; COMRIE, 1977, p. 65). A esse critério está relacionada a propriedade de marcação de caso:

(15) The girl who John likes.

No exemplo (15), o pronome *who* recupera o SN antecedente *the girl*, objeto direto de *likes*. Essa estratégia não codifica caso (- caso) visto que a partícula *who* também pode ser usada para relativizar outra posição sintática, como a de sujeito, em (16):

(16) The girl who likes John.

Ainda de acordo com Keenan & Comrie, em russo, por exemplo, o pronome relativo fornece informação sobre a função sintática exercida pelo SN cabeça, de forma que tal estratégia codifica caso (+ caso) (exemplos retirados de Keenan; Comrie, 1977, pp. 65-66):

(17) a. devushka kotoruyu Dzhon lyubit.

garota quem (acustivo) John gosta
“a garota de quem John gosta”

b. devushka kotoraya lyubit Dzhona

garota quem (nominativo) gosta John
“a garota que gosta de John”

As análises de Keenan e Comrie (1977), embora tenham sido pautadas em critérios semânticos, possibilitaram a descrição de características sintáticas das estratégias de relativização em aproximadamente cinquenta línguas. Tomamos por definição as orações relativas tal como caracterizadas no início desse tópico, isto é, uma oração que especifica um conjunto de objetos e o restringe a um subconjunto cuja sentença restrigente é verdadeira.

3.2 Maria Cecilia Mollica (1977)

A primeira pesquisa sobre a relativização no/sobre o português brasileiro foi a de M. Cecilia Mollica (1977). A autora buscou determinar as variáveis linguísticas que atuam condicionando o apagamento da cópia nas orações relativas. Numa análise preliminar em relação à produção das relativas na fala de informantes de duas classes (nível superior e médio de escolarização),

constatou-se que a baixa incidência da relativa copiadora impediria tratamento estatisticamente significativo dos dados. Decidiu-se, portanto, pesquisar a variação das relativas na fala de estudantes do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) – indivíduos com pouca ou nenhuma escolarização formal. Foram pesquisados quatro falantes, sendo sete entrevistas de cada um, com duração média de 1 hora cada, totalizando aproximadamente 28 horas de gravação.

Com a observação dos contextos em que havia variação, foram identificados fatores que poderiam condicionar o apagamento da cópia. O primeiro deles foi o traço [humano] do SN antecedente, conforme se observa nos exemplos (18a-b):

(18) a. Tem um senhor também que ele reza, ele reza a pessoa (antecedente [+humano] – favorece a presença da cópia)

b. Tem carne seca que tem aquela carne misturada (antecedente [- humano] – favorece o apagamento da cópia)

(MOLLICA, 1977, p.37, grifos da autora)

b) especificidade do SN antecedente, conforme exemplos em (19a-b), abaixo:

(19) a. Saiu agora procurando vestido pro casamento da filha que vai casá agora (antecedente [+ especificado] – favorece o apagamento da cópia)

b. Eu tenho uma colega que ela é doidinha por lá (antecedente [- especificado] – favorece a presença da cópia)

(MOLLICA, 1977, p. 37, grifos da autora)

c) traço de [coletividade] do SN antecedente, como em (20a-b):

(20) a. Tem gente que sai até choranu (antecedente [+ coletivo] – favorece o apagamento da cópia)

b. Tem uma moça que ela mora lá em casa, né? (antecedente [- coletivo] – favorece a presença da cópia)

(MOLLICA, 1977, p.39, grifos da autora)

d) distância, classificada de acordo com a presença ou ausência de elementos antes ou depois do relativizador, como pausas, pronomes possessivos e demonstrativos pospostos ao antecedente, expressões de função conativa, advérbios, apostos e/ou sentença encaixada entre a oração matriz e a relativa (MOLLICA, 1977, p. 41). Os exemplos em (21a-b) ilustram, ambos, casos de [+ distância], que favorecem a presença da cópia:

(21) a. Ela é uma professora que, you lhe dizê uma coisa, ela não faz pelo aluno o que ela não pode

b. Tenho uma amiga – uma madame, né, que ela é muito amiga minha

(MOLLICA, 1977, p. 41, grifos da autora)

Ao trabalho interessaram dois grupos de relativas. Para as funções do SN relativizado em que não há preposição (sujeito e objeto direto), foram estudadas as variantes com cópia pronominal e sem cópia pronominal; em funções preposicionadas, interessou à pesquisadora analisar as variantes copadoras (com cópia pronominal) e cortadoras (com apagamento da preposição/pronome cópia). Procedeu-se assim por não haver, na língua portuguesa, segundo Mollica (1977), uma construção que apresente, simultaneamente, a preposição deslocada e a cópia, como em (22):

(22) *Os filmes de que gostamos deles são muitos

(MOLLICA, 1977, p. 29)

Os resultados encontrados pela pesquisadora mostram que, nas relativas de sujeito, apenas 37 dos 795 dados apresentaram cópia. Em termos percentuais, 4,7% das orações relativas de sujeito apresentaram pronome cópia. Lembramos que foi estabelecido como regra variável o **apagamento da cópia**, e não sua realização. Os traços [- humano]⁷, [+ especificado], [+ coletivo] e a

⁷ O sinal positivo (+) não indica que o SN seja *mais humano* de um ponto de vista gradual ou escalar, mas que ele designa um ser *humano*. O mesmo vale para o sinal negativo (-), que designa seres não humanos.

ausência de elementos entre a oração matriz e a relativa [- distância] favoreciam o apagamento da cópia:

Tabela 1 – Relativas de sujeito na pesquisa de Mollica (1977): apagamento da cópia

FATORES	Não Humano	Humano	Espec.	Não Espec.	Coletivo	Não Coletivo	Sem Dist.	Com Dist.	Total
Probabilidade	0,77	0,23	0,70	0,30	0,68	0,32	0,81	0,19	
Freq.	N 220/222	538/573	282/286	476/509	319/326	439/469	530/534	228/261	758/795
	% 99,1	93,9	98,6	93,5	97,8	93,6	99,2	87,3	95,3

Fonte: adaptada de Mollica (1977, p. 55)

Esse padrão de aplicação se repete nos resultados de relativas de objeto direto, que apresenta estabilidade no que se refere à probabilidade de apagamento da cópia, como apresentados na Tabela 2:

Tabela 2 – Relativas de objeto não preposicionado na pesquisa de Mollica (1977): apagamento da cópia

FATORES	Não Humano	Humano	Espec.	Não Espec.	Coletivo	Não Coletivo	Sem Dist.	Com Dist.	Total
Probabilidade	0,62	0,38	0,71	0,29	0,64	0,36	0,71	0,29	
Freq.	N 351/377	32/39	227/231	156/184	122/128	261/288	329/345	54/71	383/416
	% 93,1	82,1	98,3	84,8	95,3	90,6	95,4	76,1	92,1

Fonte: adaptada de Mollica (1977, p.59)

Nas relativas de objeto preposicionado, um dado particularmente interessante foi a inversão dos valores probabilísticos de apagamento da cópia em contextos de [+/- distância] em relação aos dados de sujeito e objeto não preposicionado:

Tabela 3 – Relativas de objeto preposicionado na pesquisa de Mollica (1977): apagamento da cópia

FATORES	Não Humano	Humano	Espec.	Não Espec.	Coletivo	Não Coletivo	Sem Dist.	Com Dist.	Total
Probabilidade	0,69	0,31	0,56	0,44	0,53	0,47	0,39	0,61	
Freq.	N 31/38	23/50	27/39	27/49	14/21	40/67	38/52	16/36	54/88
	% 81,6	46,0	69,2	55,1	66,7	59,7	73,1	44,4	61,4

Fonte: adaptada de Mollica (1977, p. 63)

Acreditamos que esse resultado se deva ao número escasso de dados de objeto preposicionado. Se compararmos as frequências das três funções

analisadas constatamos que foram encontradas 795 relativas de sujeito, 416 de objeto não preposicionado e apenas 88 de objeto preposicionado. Mollica interpreta efeito do fator [distância] da seguinte forma:

[o fator distância] mostra-se como de particular relevância para o caso em exame. Lembremos que a distância 0 foi caracterizada pela ausência de qualquer elemento antes ou depois do relativizador como contexto favorável à aplicação da regra. A presença de elementos, tais como pausa, expressões apositivas ou outra sentença encaixada, eleva a probabilidade de cópia. Podemos admitir dois motivos que concorram para explicar lingüisticamente a tendência observada:

- 1) O primeiro estaria ligado à própria emissão do discurso oral. Não houvesse a cópia, seriam obrigados falante e ouvinte a reter de memória o antecedente, durante todo o tempo de enunciação dos elementos intercalados.
- 2) O segundo se relacionaria à intenção de ênfase, patente no uso daqueles elementos e reforçada, na mesma direção, pela cópia (MOLLICA, 1977, pp. 77-78).

O grupo de fatores relacionado ao traço [humano] indica que antecedentes [+ humanos] condicionam fortemente o uso da cópia:

Esta constatação estatística vem corroborar fenômeno mais geral da língua que transcende o domínio da estrutura relativa. O Português admite menos a pronominalização de nomes de traço [não humano] que a de nomes de traço [humano] (MOLLICA, 1977, p. 68).

Antecedentes [não especificados] também favorecem a anáfora pronominal nas relativas, como se pode constatar nas tabelas. Além de investigar sintaticamente os elementos que caracterizam o antecedente como sendo especificados (ou não), isto é, com a presença de artigos definidos, pronomes possessivos e demonstrativos, também é feita uma análise semântica, relacionada a diferentes graus de referencialidade dos termos na oração matriz e na relativa. Mollica concluiu que SNs antecedentes especificados e semanticamente mais referenciais tendem a não ser copiados, uma vez que a cópia teria como principal papel, nesses casos, conferir ênfase ao enunciado. Por isso, se o SN antecedente for [não especificado], haverá maiores chances de apresentar a cópia, pois necessita ser referencializado (MOLLICA, 1977, p. 76).

O mesmo acontece com antecedentes de traço [coletivo] e parece corresponder à necessidade de referencializar o SN antecedente (MOLLICA, 1977, p. 76) ou à codificação da cópia, que pode ser morfologicamente singular ou plural:

- (23) a. É um pessoal_i que eu falo (com eles_i).
 b. É um pessoal_i que eu falo com *eles_i*.
 c. É um pessoal_i que eu falo com *e/le_i*.

A dúvida entre o emprego da forma singular ou plural é eliminada quando o falante opta pela alternativa (23a), sem o pronome anafórico.

O trabalho de Mollica é importante para a análise das estratégias de relativização por, de forma pioneira para o português brasileiro, ter identificado variáveis linguísticas que condicionam as relativas com cópia em sua amostra, ainda que não tenha controlado fatores de natureza social. Serão considerados, em nosso trabalho, os grupos de fatores relacionados ao traço do SN antecedente [+/- humano] e a [distância], bem como a análise das estratégias com cópia e sem cópia com antecedentes não preposicionados, de um lado, e das estratégias, também com cópia e sem cópia, com antecedentes preposicionados, de outro.

3.2 Fernando Tarallo (1983)

F. Tarallo, em sua tese de doutorado, teve como objetivo investigar as orações relativas na fala de São Paulo. Foram estudadas três estratégias de relativização. A primeira delas, chamada “variante de lacuna” (*gap-leaving variant*), é encontrada nas funções de sujeito e objeto direto. Uma discussão importante é se esse tipo de estratégia deriva de movimento do elemento QU, isto é, do elemento introdutor da oração relativa (*que, quem* etc.) à posição de complemento ou se do apagamento do pronome cópia dentro da oração relativa. A variante de lacuna encontra-se ilustrada em (24):

- (24) Tem **as** que (∅) não estão nem aí não é?
 (TARALLO, 1983, p. 1, grifo nosso)

A segunda estratégia analisada por Tarallo (1983) resulta do preenchimento da lacuna, na oração relativa, com uma forma pronominal correferencial ao SN cabeça, chamada de “variante de pronome resumptivo”, também conhecida como “relativa copiadora”, exemplificada em (25):

(25) Você acredita que um dia teve **uma mulher** que ela queria que a gente entrevistasse ela pelo interfone?

(TARALLO, 1983, p. 2, grifo nosso)

Segundo Tarallo, esse tipo de relativa pode ser encontrado em todas as posições sintáticas, isto é, tanto nas funções não preposicionadas (sujeito e objeto direto) quanto nas preposicionadas (adjuntos adverbiais, objeto indireto, complementos relativos etc.). Apesar de as gramáticas normativas (cf. Item 2.1) prescreverem apenas a relativa padrão preposicionada, Tarallo (1983) discute que essa estratégia está ausente do português brasileiro falado. Sendo assim, no vernáculo brasileiro são empregadas, em funções preposicionadas, apenas a estratégia de pronome resumptivo ou uma terceira estratégia, explicada abaixo.

O terceiro tipo de relativa analisado ocorre apenas em funções preposicionadas. Nessa estratégia, chamada *PP-chopping* (*prepositional phrase chopping* – cortadora de sintagma preposicionado), a preposição e o SN são apagados, resultando em uma variante de lacuna. Os exemplos de Tarallo (1983, p. 4, grifos nossos), abaixo, ilustram essa estratégia:

(26) a. O dedo indicador é **o dedo** que você dá bronca (com ele).

b. **Uma mulher** que nós batemos na porta (dela).

Uma das discussões centrais do trabalho de Tarallo (1983) é saber se as estratégias de relativização no português brasileiro falado envolvem movimento ou apagamento. Para tanto, o pesquisador analisa as relativas sob a ótica da Teoria de Princípios e Parâmetros e da Sociolinguística Variacionista. A conjugação dessas duas teorias é também conhecida como Sociolinguística Paramétrica, proposta pelo próprio Fernando Tarallo (cf. TARALLO, 1985).

A opção pela leitura da tese de Tarallo (1983) se deu, em primeiro lugar, por ser um estudo extenso sobre o tema e sobretudo uma referência entre os trabalhos sobre a relativização no PB. Em segundo lugar, esclarecemos que, embora a pesquisa de Tarallo tenha sido fundamentada na Sociolinguística Paramétrica, coadunando métodos de análise da sociolinguística variacionista à teoria de princípios e parâmetros, para os propósitos do nosso estudo não serão

abordadas quaisquer discussões sobre as análises gerativistas, mas tão somente nos ateremos à metodologia e aos resultados obtidos a partir da análise variacionista.

Outra questão de interesse para a pesquisa é explicar a alternância entre as três estratégias de relativização. Tarallo investiga a distribuição das três variantes, levando em consideração fatores de natureza social, estilística, sintática e semântica.

Foi analisada uma amostra de fala de quarenta informantes, divididos em quatro níveis socioeconômicos (baseados em níveis de educação, renda e ocupação), idade e sexo. Uma segunda amostra foi constituída por programas de televisão: programas esportivos, documentários, entrevistas, mesas redondas e novelas. Uma terceira amostra teve como objetivo realizar um estudo diacrônico sobre as relativas em cartas e peças teatrais escritas nos séculos XVIII e XIX.

Os resultados de Tarallo (1983) mostram que a estratégia copiadora tem maior probabilidade de ocorrer nas funções sintáticas de genitivo e objeto indireto. Além disso, é mais provável ocorrer em relativas não restritivas, com distância após o relativo *que*, com antecedente [+ humano] e singular, conforme Tabela 4:

Tabela 4 – Fatores condicionantes da relativa copiadora nos resultados de Tarallo (1983)

Função Sintática	Aplicação/Total	%	Prob.
Sujeito	103/992	10,4%	0,37
Objeto Direto	10/384	2,6%	0,18
Objeto Indireto	16/76	21,1%	0,65
Oblíquo	24/231	10,4%	0,49
Genitivo	9/17	52,9%	0,81
(continua)			
Distância			
Distância 0	67/1218	5,5%	0,27
Mais de uma relativa	44/209	21,1%	0,44

Tabela 4 – Fatores condicionantes da relativa copiadora nos resultados de Tarallo (1983)

			(conclusão)
Material antes de <i>que</i>	41/249	16,5%	0,41
Material depois de <i>que</i>	10/24	41,7%	0,83
Restritivismo			
Restritiva	29/891	3,3%	0,30
Não restritiva	133/809	16,4%	0,70
Traço humano			
Humano	124/887	13,9%	0,66
Não humano	38/813	4,7%	0,34
Singular ou Plural			
Singular	149/1332	11,2%	0,66
Plural	13/368	3,5%	0,34
TOTAL	162/1700	9,5%	

Fonte: adaptada de Tarallo (1983, pp. 90-91)

A primeira observação de Tarallo (1983) é a de que os resultados relacionados ao uso da relativa copiadora correspondem à ordem prevista pela Hierarquia de Acessibilidade de Keenan e Comrie (1977).

De acordo com a Hierarquia de Acessibilidade de Keenan e Comrie, as posições mais baixas são as menos acessíveis para relativização, isto é, posições sintáticas mais baixas, quando relativizadas, criam configurações sintáticas mais estreitas, sendo assim, levam à retenção da cópia na oração relativa mais frequentemente. Portanto, diferentemente de sujeitos e objetos diretos, como esperado, foi provado que objetos indiretos, oblíquos e genitivos favorecem o uso do pronome resumptivo (TARALLO, 1983, p. 101, tradução nossa).⁸

A alta frequência dos pronomes resumptivos nas funções de sujeito e sua baixa frequência nos objetos diretos podem ser explicadas, segundo Tarallo

⁸ According to Keenan and Comrie's hierarchy of NP accessibility, the lower relativization sites are the least accessible for relativization, i. e., lower syntactic positions, when relativized, create tighter syntactic configurations, and as such, prompt the retention of the copy in the relative clause more often. Thus, unlike subjects and direct objects, as expected, it was proven that indirect objects, obliques, and genitives favor the use of resumptive pronoun.

(1983, p. 132), a partir das estratégias de pronominalização encontradas no português brasileiro falado.

Nos resultados de Tarallo (1983), entretanto, as posições que inibem o pronome resumptivo são, primeiramente, objeto direto, seguido de sujeito, oblíquo, objeto indireto e genitivo (não foram encontradas relativas de objeto de comparação). Entre os fatores semânticos, constatou-se que o traço [+ humano], de todos os grupos de fatores, é o que mais favorece o uso do pronome resumptivo. Antecedentes de traço semântico singular e semanticamente indefinidos também favoreceriam a relativa copiadora, embora de forma menos expressiva que o antecedente com traço [+ humano].

Em outra etapa da análise quantitativa, foram considerados apenas os fatores sintáticos, ou fatores de processamento (TARALLO, 1983, p. 102). Nesse caso, o fator que apresentou maior probabilidade de retenção pronominal foi a distância após o relativo. A fim de mostrar que a cópia exerce papel tanto no nível semântico quanto no nível sintático, Tarallo realizou uma rodada com relativas encabeçadas por antecedentes [- humanos] e fatores de processamento sintático. O teste fundamenta-se no seguinte: se os fatores de processamento sintático estivessem de fato favorecendo a cópia, então os valores probabilísticos mostrariam resultado igual mesmo em ambientes semanticamente menos favoráveis (no caso, com antecedentes [- humanos]). Reproduzimos os resultados dessa rodada abaixo, na tabela 5.

Tabela 5 – Frequência e probabilidade de retenção pronominal em antecedentes não humanos nos dados de Tarallo (1983)

Distância	n/N	%	PR (- humano)	PR (geral)
Distância 0	19/636	2,9%	0,18	0,28
Mais de uma relativa	6/63	9,5%	0,80	0,50
Material antes de <i>que</i>	9/102	8,8%	0,32	0,42
Material depois de <i>que</i>	4/12	33,3%	0,71	0,79

Fonte: adaptada de Tarallo (1983, p. 107)

A diferença entre as probabilidades de aplicação nas tabelas 4 e 5 mostra que a retenção pronominal que ocorre em contextos semânticos menos favoráveis (traço não humano) é condicionada por fatores de processamento sintático (TARALLO, 1983, p. 107). Os resultados da tabela 4 foram obtidos em uma rodada geral, incluindo fatores semânticos e sintáticos; os valores de probabilidade geral, na tabela 5, referem-se apenas aos fatores sintáticos; os valores de probabilidade (- humano), por sua vez, são resultantes de uma rodada somente com fatores sintáticos e com antecedentes não humanos, o que permitiu visualizar interação entre a distância (fator de processamento) e um traço semântico inibidor da relativa copiadora. Em relação às relativas restritivas, os resultados de Tarallo (1983) mostram que as orações relativas não restritivas favorecem a estratégia copiadora.

Em relação aos fatores sociais, Tarallo (1983) observou haver evidências de que os sistemas de relativização na fala de grupos sociais mais altos e mais baixos envolvem o apagamento da cópia. As quatro classes socioeconômicas foram organizadas da seguinte forma: classe baixa e classe trabalhadora foram amalgamadas formando o superfator *classe baixa*, uma vez que uma análise preliminar mostrou não haver diferença entre o comportamento dessas duas classes em relação ao uso da relativa copiadora. As classes média e alta foram comparadas com o superfator *classe baixa*, apresentando diferenças. Portanto, as três classes sociais resultantes (baixa, média e alta) foram consideradas nas rodadas seguintes.

A tabela 6 mostra a frequência de uso da relativa copiadora nas três classes sociais. As variáveis relacionadas ao sexo e à idade dos informantes não foram estatisticamente relevantes e, portanto, foram desconsideradas das análises:

Tabela 6 – Frequência da relativa copiadora em três classes sociais, nos dados de Tarallo (1983)

Classe Social	Aplicação	Total	%	Prob.
Baixa	109	984	11,1%	0,57
Média	33	414	7,9%	0,52
Alta	20	302	6,6%	0,42

Fonte: adaptada de Tarallo (1983, p. 125)

Conforme se observa na tabela 7, a relativa *pied-pipping* (ou relativa padrão preposicionada) apresenta comportamento semelhante entre as três classes sociais, no entanto, não ultrapassa os 21 dos 1.700 dados. Dos 21 casos de relativa padrão preposicionada em funções preposicionadas, 14 foram produzidas por falantes da classe alta – o que é esperado, segundo Tarallo, já que são os que tentam ao máximo se aproximar das formas previstas pela gramática prescritiva:

A versão padrão preposicionada, isto é, a estratégia que apresenta o processo de movimento mais claramente, também é quase inexistente. Há 21 casos no total, dos quais 14 foram usados por falantes da classe alta, que – nem seria necessário mencionar – visam mais fortemente as formas padronizadas (TARALLO, 1983, p. 128).⁹

Em suma, observou-se que, nas posições sintáticas mais baixas, a relativa copiadora tem ocorrência mais forte sobre os falantes da classe baixa se comparada à estratégia cortadora, conforme tabela 7. Com isso, Tarallo (1983, p. 130) infere que as classes média e alta, por favorecerem a relativa cortadora nessas mesmas funções, atribuem estigma social à estratégia de pronome resumptivo, ainda que essa variante esteja presente na fala das classes mais altas.

⁹ The standard piedpiped version, i.e. the strategy which displays the movement process more clearly, is almost non-existent. There are 21 cases altogether, 14 of which were used by upper-class speakers, who – needless to say – aim at the standard target more strongly (Tradução nossa).

Tabela 7 – Percentagem de uso da relativa padrão preposicionada, copiadora e cortadora em três posições sintáticas baixas e três classes sociais

	Classe Baixa	Classe Média	Classe Alta	TOTAL
Padrão	2 (1,3%)	5 (5,6%)	14 (17,9%)	21
Copiadora	33 (21,0%)	10 (11,2%)	7 (9,0%)	50
Cortadora	122 (77,7%)	74 (83,2%)	57 (73,1%)	253
TOTAL	157	89	78	324

Fonte: retirada de Tarallo (1983, p. 131)

Assim como Tarallo (1983), testaremos o efeito de relativas restritivas e não restritivas no uso de relativas com cópia. A variável *distância*, relevante no trabalho de Mollica (1977) e especificada na pesquisa de Tarallo (1983), mostrou ter efeito mais forte depois do relativo *que*. Consideraremos, em nossa pesquisa, a distância nesse mesmo contexto, no entanto, estabelecemos, assim como Vale (2014), um grupo de fatores relacionados à distância de acordo com o número de sílabas do material presente após o relativo *que*, a fim de verificar se distâncias maiores têm efeitos mais significativos em relação ao uso da cópia.

3.3 Mollica (1997)

Nesse trabalho, Mollica aborda o uso variável do pronome anafórico nas orações relativas, levando em conta sua funcionalidade. Para a autora, o emprego do pronome cópia tem papel relevante e definido do ponto de vista discursivo e pragmático. O principal objetivo do trabalho é

demonstrar que a anáfora pronominal [...] constitui estratégia enfática do sistema do português brasileiro com vistas à focalização de entidades de referentes nominais e à facilitação de processamento sintático (MOLLICA, 1997, p. 172).

Foram analisados os mesmos dados de seu trabalho anterior (1977). As funções sintáticas do relativizador são: sintagma sujeito, sintagma complemento não preposicionado e preposicionado, considerando a possibilidade de o relativizador apresentar pronome anafórico correferente ao SN cabeça da oração relativa.

A primeira questão levantada por Mollica refere-se à natureza morfológica e semântica do SN antecedente da oração relativa e sua funcionalidade na comunicação. Assim, para a pesquisadora, SNs de base pronominal não podem ser pronominalizados, ao passo que SNs de base nominal, no português brasileiro, estão sujeitos à pronominalização:

(27) a. *Aquele dia eu tava com pressentimento do_i que ele_i ia acontecê.

b. Tem um senhor_i também que ele_i reza a pessoa.

(MOLLICA, 1997, p. 173)

A explicação para a não possibilidade de pronominalização de (26a), segundo Mollica, é que pronominalizar elementos de mesma categoria morfológica (no caso, pronomes) configura redundância:

A explicação é bastante evidente: a língua não costuma pronominalizar elementos com o mesmo traço categorial, pois seria mera redundância, desprovido de valor funcional (MOLLICA, 1997, p. 173).

Constatou-se estatisticamente que SNs com traço [humano] favorecem o pronome anafórico nas relativas. Mollica (1977; 1997) atribui essa constatação a um princípio mais geral na língua de que a pronominalização de nomes [humanos] é mais aceitável que de nomes [não humanos]. Ainda segundo Mollica (1977), pesquisas posteriores, como Omena (1978) e Braga (1986), confirmam a atuação desse princípio em português.

Outro fator que contribui para a tese da autora é a especificidade: antecedentes [- especificados] favorecem o uso da cópia por sua referencialidade: dado que o pronome anafórico tem como função enfatizar a referencialidade do antecedente, a autora conclui que o uso de pronomes anafóricos correferentes a SNs [+ especificados] seriam, novamente, mera redundância, desprovida de valor funcional. Esse mesmo princípio parece nortear o emprego da cópia quando o antecedente contém o traço [+ coletivo], uma vez que pode haver ou não a necessidade de tornar o referente mais explícito (MOLLICA, 1997, p. 175). Ademais, outra explicação para o favorecimento da relativa copiadora com antecedentes [+ coletivos] está relacionada à codificação do pronome, isto é, se codificado em sua forma singular ou plural, conforme os exemplos abaixo, apresentados por Mollica:

- (28) a. É um pessoal que eu falo.
 b. É um pessoal que eu falo com *eles*.
 c. É um pessoal que eu falo com *ele*.
 (MOLLICA, 1997, p. 176)

Assim como já explicitado anteriormente, antecedentes [+ coletivos] podem admitir quaisquer das três possibilidades de codificação do pronome correferente a ele. No entanto, a dúvida quanto ao uso de uma ou outra forma é contornada quando o falante opta pela estratégia cortadora (28a).

Outro aspecto da funcionalidade da cópia está ligado a seu uso como estratégia de processamento sintático: a distância intersentencial, é controlada em dois casos: a) quando há distância entre o núcleo do SN antecedente e a fronteira entre a oração matriz e a relativa, depois (29a) ou antes (29b) do operador; e b) sem distância (30). Retomamos os exemplos (21a-b) em (29a-b):

- (29) a. Ela é uma professora que, *(pausa) vou lhe dizer, ela* não faz pelo aluno o que ela não pode.
 b. Tenho uma amiga – *uma madame, né* – *(pausa)* que *ela* é muito amiga minha.
- (30) Essa moça tem uma filha que tem estudo.
 (MOLLICA, 1997, p. 176)

Assim como em seu trabalho de 1977, o resultado estatístico encontrado por Mollica confirma a função da cópia como facilitadora do processamento de curto termo, sendo um recurso que confere ao discurso “maior expressividade e consequente aumento na eficácia comunicativa” (MOLLICA, 1997, p. 178). O artigo reitera a importância, entre outros fatores, daquele ligado à distância como favorecedor da cópia nas orações relativas.

3.4 Corrêa (1998)

Foram analisadas, na tese de Corrêa, as orações relativas e a influência exercida pela escola na aquisição e na produção dessas orações. O objetivo da pesquisa é, nas palavras de Corrêa:

Examinar os vários empregos de relativas, o que as crianças falam, o que acontece na escola enquanto adquirem a forma aceita como a melhor, o que os adultos cultos produzem. [...] este estudo investiga, entre outros de ordem social e lingüística, o fator escolaridade como um determinante relevante da variação nas relativas, na crença de que, entre as relativas do português falado no Brasil, para uma vasta parcela da população, uma delas tem de ser aprendida formalmente: a que apresenta preposição. (CORRÊA, 1998, p. 6-7)

A pesquisadora analisou três diferentes *corpora*. Primeiramente, foram coletados dados de 50 narrativas orais e 45 narrativas escritas de alunos do primeiro grau de uma escola pública do Estado de São Paulo, o que permitiu estabelecer uma comparação entre dados de fala e dados de escrita. A população dessa amostra compõe-se de 40 alunos (5 de cada série, da 1ª à 8ª), 5 falantes não escolarizados e 5 falantes de nível universitário (4 professores e 1 dentista). O segundo *corpus* analisado é constituído de 90 exercícios resolvidos por alunos do 2º grau (ensino médio), coletados experimentalmente. Os exercícios foram divididos em duas partes: preenchimento de lacunas e produção livre em forma de paráfrase (CORRÊA, 1998, p. 62). O terceiro *corpus* constituiu-se de dados de fala do projeto Norma Urbana Culta (NURC).

A pesquisadora empreende uma discussão teórica acerca da constituição das orações relativas com base no gerativismo. Nosso interesse, entretanto, atém-se estritamente às análises sociolinguísticas.

A análise do primeiro *corpus* levou em conta a classificação proposta por Tarallo (1983), composta por quatro tipos de orações: a) relativas de lacuna (de sujeito e objeto direto); b) relativa resumptiva (ou relativa copiadora); c) relativa cortadora e d) relativa *pied-piping* (ou relativa padrão preposicionada), a fim de separar os sintagmas em contexto de preposição dos não preposicionais. Nos dados de fala (90 no total), 71 eram de sujeito e objeto direto; os demais 19 dados foram de funções preposicionadas, sendo 18 de adjunto adverbial e 1 de objeto indireto. Das já escassas ocorrências de relativas em funções

preposicionadas, apenas 3 delas foram relativizadas na forma padrão preposicionada, todas usadas pelos falantes universitários:

(31) a. “foi só na hora em que a outra voltou do banheiro que elas deram pela falta da bolsa”;

b. “e pediu para se sentar junto com essas moças de quem eu já tinha falado”;

c. “na hora em que ela estendia a mão, a moça se mexia e...”.

(CORRÊA, 1998, p. 78)

Além disso, nenhum dos 16 dados de relativas cortadoras foi produzido por falantes universitários. A partir desses dados, segundo Corrêa (1998), pode-se dizer que

[...] até a 8ª série a escola não modificou, na fala, os hábitos lingüísticos destes alunos e que as construções relativas são ainda as vernaculares, pois os alunos não usaram a preposição com o pronome relativo, embora os professores (entre os falantes de nível universitário), cômnicos talvez de seu trabalho, o fizessem. Esse *corpus* ainda não revela onde se inicia o uso de estratégias em variação. Com ele, no entanto, se constata que ela já existe, já que os dados do 1º grau e do nível universitário estão em oposição quanto ao uso da preposição: os alunos nunca a usam e os universitários sempre o fazem (CORRÊA, 1998, p. 77).

Nos dados de escrita, os resultados são semelhantes, exceto o fato de que a relativa padrão preposicionada começa a aparecer nos dados da 6ª série (2 ocorrências). Os universitários, mais uma vez, não produziram relativas cortadoras: todas as relativas de sintagma preposicional foram do tipo padrão (com a preposição antecedendo o pronome relativo).

Nos dados dos estudantes de ensino médio, foram encontradas 126 relativas de sintagma preposicional, produzidas por 50 dos 62 alunos. Os outros 12 alunos, relata Corrêa (1998), não relativizaram sintagmas preposicionais, adotando estratégias de esquiva, tratadas em detalhe pela pesquisadora em etapa posterior na pesquisa e apresentadas aqui logo abaixo. Para a análise de pesos relativos, foram levados em consideração os seguintes grupos de fatores: a) pronome relativo empregado; b) função sintática relativizada; c) sexo e d) série cursada. Somente metade dos dados pode ser processada pelo programa devido aos casos categóricos. A variável relacionada à série cursada havia sido

separada entre as três séries do 2º grau, mas após observação inicial dos dados, constatou-se que a 2ª série tinha um perfil muito próximo ao da 1ª (CORRÊA, 1998, p. 87). A pesquisadora optou por estabelecer uma oposição entre série inicial (1ª e 2ª) e série final (3ª série).

A rodada de pesos relativos mostrou que apenas a variável *série cursada* foi estatisticamente significativa para o uso da relativa padrão preposicionada, com as séries iniciais desfavorecendo o emprego da preposição (PR = 0,42) e a série final favorecendo (PR 0,88). Esse resultado mostra haver diferença, em relação ao uso da relativa padrão preposicionada, entre o aluno estar cursando as séries iniciais ou terminando o 2º grau (CORRÊA, 1998, p. 94).

Uma importante questão que envolve a produção das relativas de sintagma preposicional, no 2º grau, diz respeito à frequência de emprego entre as séries iniciais e à série final: dos 63 dados, 54 foram produzidos pelos estudantes das séries iniciais. Na série final, foram encontrados apenas 9 sintagmas preposicionais relativizados, dos quais 4 (44%) eram relativas padrão e os outros 5 (56%), relativas vernaculares. Isso significa que os alunos do 3º ano têm evitado as relativas preposicionadas: 7 dos 25 alunos do 3º redigiram o texto sem produzir sequer uma relativa preposicionada, usando estratégias de esquiva. Abaixo, elencamos alguns dos exemplos de Corrêa (1998) dos casos em que os alunos evitaram usar a relativa preposicionada e recorreram a uma estratégia sem preposição:

(32) a. O amigo com quem conversava era alegre:

i. ... enquanto conversava com um amigo que era alegre, olhava...

b. ... o outro para quem olhava todas as aulas era muito bonito.

i. ... o outro que ela olhava todas as aulas...

ii. ... havia um outro que ela o olhava todas as aulas.

iii. ... o outro que observava nas aulas...

iv. ... mas aquele que recebia os olhares era muito bonito.

v. O outro que chamava a atenção do seu olhar todas as aulas...

Em relação aos dados do NURC-SP, a análise de regra variável considerou o grupo de fatores mais importante a função sintática exercida pelo relativo, sendo o adjunto adverbial¹⁰ a função que mais favoreceu o uso da relativa padrão preposicionada.

Quanto à faixa etária dos falantes, os mais velhos apresentaram maior tendência a usar a preposição (ou o relativo *cujos*), enquanto os mais jovens a usaram menos. Outros fatores favoreceram o emprego das relativas padrão preposicionadas, como as profissões para as quais o uso de formas de prestígio é imprescindível, como advogado e professor, e o tipo de inquérito: elocuições formais¹¹ favoreceram o uso da relativa padrão preposicionada.

Descobriu-se que, na amostra pesquisada por Corrêa (1998), a estratégia padrão com preposição só começou a ser usada entre os estudantes do 2º grau, especialmente os do 3º ano. Mesmo tendo êxito em preencher lacunas com relativas de sintagma preposicional, alguns dos alunos evitaram produzir, em seus textos, essas relativas, recorrendo a estratégias de esquiva:

Os alunos de 3ª. Série do 2º grau estiveram na escola, estudando português por no mínimo 11 anos e, mesmo premidos pelas circunstâncias, não produziram categoricamente a relativa padrão quando a oportunidade ocorria, isto é, quando eles próprios escolhiam relativizar termos que, dentro da relativa, exerciam funções preposicionadas. Temos ainda que considerar um segundo ponto: seja por estarem se prevenindo contra um resultado indesejado, seja por rejeitarem a estratégia preposicionada por motivos que podemos imaginar mas não afirmar no momento, muito alunos esquivaram-se das circunstâncias que os forçariam a usar a preposição. Assim fazendo, resolveram seu problema: executaram a tarefa proposta, mas sem usar a preposição (CORRÊA, 1998, p. 153-154).

Apesar de aprenderem a usar relativas de sintagma preposicional, o uso dessas estruturas é variável até mesmo entre os adultos com nível superior de escolarização. Essa variação está relacionada a fatores linguísticos e extralinguísticos, como observado nas amostras analisadas: a relativa padrão preposicionada encontra as melhores condições de ser produzida por falantes

¹⁰ A pesquisadora não classifica os diferentes tipos de adjuntos adverbiais (de tempo, de lugar etc.), reunindo todos sob a mesma categoria, distinguindo-a apenas em relação a outras funções sintáticas, como complemento nominal, objeto indireto, genitivo etc.

¹¹ O projeto NURC classificou as situações de gravações da seguinte forma: elocução formal (aulas e conferências), diálogo entre dois interlocutores e diálogo entre informante e documentador (formato mais próximo da entrevista).

mais velhos, com níveis mais altos de escolaridade e cuja profissão exige desempenho linguístico mais próximo das variedades de prestígio. Somada a esse perfil de falante está a ocasião de interlocução: elocuições formais favorecem o uso da relativa padrão preposicionada. Por fim, entendemos que, entre o que se aprende e o que efetivamente se fala, no português brasileiro, no que diz respeito às orações relativas, há processos complexos de aprendizagem formal da estrutura relativa alinhados a contextos linguísticos e sociais que levam o falante ora a recorrer à relativa padrão preposicionada, ora a evita-la.

3.5 Silva e Lopes (2007)

Silva e Lopes (2007) têm como objetivo, em seu artigo, discutir se o operador *que* está começando a funcionar, em determinados contextos, como um complementizador. Para tanto, as autoras defendem a tese de que o alto índice de uso da relativa padrão (sem a cópia pronominal) em função de sujeito e objeto direto pode influenciar o uso da estratégia cortadora nas funções preposicionadas. A proposta baseia-se no fato de as relativas de sujeito e objeto direto, ambas sem a presença da cópia, terem o mesmo *output* fonético da estratégia cortadora, como discutido em Corrêa (1998): iniciam-se pela partícula *que*, sem preposição.

O papel da frequência, na análise, fundamenta-se em Bybee (2003), considerando que as relativas de funções preposicionadas sejam muito menos frequentes, se comparadas às relativas de sujeito e objeto direto. Além disso, as relativas de sujeito e objeto direto são sintaticamente similares à relativa cortadora, o que parece estar espalhando seu padrão de uso para as relativas de sintagma preposicional.

Para o estudo, foi utilizada uma amostra do acervo “A Língua Falada e Escrita da Cidade do Rio de Janeiro”, do Grupo de Estudos Discurso e Gramática (UFRJ). A amostra é composta por uma parte oral e outra escrita: primeiramente era feita a entrevista e, posteriormente, o falante escrevia o que contou ou descreveu na entrevista, controlando-se, também, a escolaridade de cada indivíduo.

Além disso, são mencionados trabalhos que atestam a gramaticalização, em outras línguas, de pronomes relativos que passaram a se tornar conjunções, fato comum ao grego, alemão, francês, espanhol e inglês. As autoras apresentam exemplos do português arcaico, encontrados por Therezinha Barreto (1996) na obra *Demanda do Santo Graal*:

(33) a. Entam leeo as letras *que* ambos as ouvirom...

b. ...eu te conheço por tam santo homem e por tam leal sergente de nosso Senhor *que* se tu o rogares...

Silva e Lopes destacam, também, o emprego do pronome relativo *cuyo*, em espanhol, e do *cuyo*, em português. A partir de outros estudos (LOPE BLANCH, 1984; BRUCART, 1999; COMPANY, 2002), Silva e Lopes (2007) constataam que o relativo *cuyo* perdeu seu valor pronominal, passando a atuar apenas como marca de subordinação. A anaforicidade é recuperada, nesses casos, por um pronome anafórico, resultando em construções como (32):

(34) Mencionamos aquellos diccionarios [...] *que su* uso em el campo de la docência es o ha sido generalizado

A proposta de análise das autoras focaliza a gramaticalização e o papel da frequência nesse processo. Elas adotaram o conceito de Kurylowicz (1965), segundo o qual a gramaticalização é compreendida como um processo em que são ampliados os limites de um morfema, avançando do léxico para a gramática, ou de uma categoria gramatical para outra ainda mais gramatical. A frequência, segundo Bybee (2003), é um fator primordial para desencadear a mudança via gramaticalização, uma vez que usos mais frequentes se tornam entranhados (*entrenched*), automáticos, e tendem a não ser substituídos por formas menos frequentes. Estas, por outro lado, têm representações mais fracas na memória e, por isso, apresentam risco de serem substituídas por usos mais frequentes.

As variantes analisadas foram divididas em *padrão*, *copiadora* e *cortadora*. Nas funções sintáticas não preposicionadas (sujeito e objeto direto) podem ser encontradas as variantes padrão (sem cópia) e copiadora (com cópia), enquanto nas funções preposicionadas são encontradas as três variantes.

Reproduzimos, abaixo, a tabela com a distribuição dos dados de fala e escrita de acordo com a função sintática do relativo:

Tabela 7 – Distribuição geral dos dados por função sintática em Silva e Lopes (2007): dados de fala e de escrita

		Padrão	Copiadora	Cortadora	Total
Sintagma não preposicionado	Sujeito	412/420 (98%)	8/420 (2%)	-	420/813 (52%)
	Objeto Direto	83/83 (100%)	0/83 (0%)	-	83/813 (10%)
Sintagma preposicionado	Adjunto Adverbial	74/259 (29%)	9/259 (3%)	176/259 (68%)	259/813 (32%)
	Complemento Relativo	3/45 (7%)	1/45 (2%)	41/45 (91%)	45/813 (5,5%)
	Complemento Nominal	0/3 (0%)	0/3 (0%)	3/3 (100%)	3/813 (0,4%)
	Adjunto Adnominal	1/3 (33%)	2/3 (66%)	0/3 (0%)	3/813 (0,4%)
	Total	573	20	220	813

Fonte: retirada de Silva e Lopes (2007, pp. 90-91)

A maior parte dos dados se encontra na função de sujeito, com 420 dos 813 dados, representando 52% do total. A segunda função mais produtiva foi a de adjunto adverbial, com 259 dados (32%) e, em terceiro lugar, a função de objeto direto, com 83 dados (10%). As autoras ressaltam que o fato de as relativas de sujeito serem as mais produtivas corrobora o resultado encontrado por Corrêa (1998), que também identificou que a maior parte dos dados se referia à relativa de sujeito – 390 das 701 orações, correspondendo a 56% do total. Observando apenas as funções não preposicionadas (503 ocorrências), os valores percentuais de sujeito passam a corresponder a 83% dos dados, e, os de objeto direto, 17%. Acredita-se que, por ser essa uma construção muito produtiva, sua estrutura superficial (que tem o mesmo *output* fonético da relativa cortadora), poderia estar no início de um processo de assimilação de outras funções sintáticas:

[...]a repetição da estratégia cortadora associada à frequência de uso das relativas na função de sujeito acionou a gramaticalização ou despronominalização do *que* relativo. O aumento da frequência de uso dessa estratégia ou construção, nos termos de Bybee (2003), pode ter desencadeado o processo, fazendo com que a seqüência estrutural da cortadora se torne automática como uma única unidade de processamento. Trata-se, pois, de ritualização/hábito/automatização de um tipo de estrutura (SILVA; LOPES, 2007, p. 92).

No caso das funções preposicionadas, constatou-se que, com exceção da função de adjunto adnominal (3 casos¹², dos quais 1 ocorrência foi da estratégia padrão preposicionada e as 2 restantes de copiadora), em todas as demais funções preposicionadas prevalece a estratégia cortadora (cf. Tabela 7). Para as pesquisadoras,

a frequência de uso das estruturas relativas de sujeito/objeto resultou no enfraquecimento semântico do *que* como um pronome anafórico. Além disso, pode-se considerar que a estrutura superficial da cortadora tornou-se mais geral. A construção, por conseguinte, passa a ser usada em outros contextos: ter-se-ia uma estratégia cortadora, forma resultante do processo de generalização (SILVA; LOPES, 2007, p. 94).

É recuperado o conceito de Heine (2003) de *generalização de expressões linguísticas*, segundo o qual, no caso das estratégias de relativização, as construções cortadoras seriam resultantes de um processo de extensão/generalização das relativas de sujeito. Os relativos passam a ser empregados em novos contextos, exercendo, pois, novas funções: o operador *que* preserva a função de conector, mas não estabelece correferência com o SN antecedente. A frequência de 71% de estratégias cortadoras nas relativas de sintagma preposicionado possibilita aventar ser um caso de generalização, uma vez que o falante recorre à relativa cortadora, construção análoga à relativa padrão de sujeito e objeto direto, isto é, às relativas de lacuna, sem cópia pronominal.

O último dos fatores linguísticos controlados foi o tipo de pronome relativo empregado. Nos dados de fala, o relativo *que* teve o maior índice de ocorrências, sendo encontrado em 95% dos dados. Os demais pronomes relativos identificados na fala foram *onde* (4%) e *qual* (1%), sendo estes últimos empregados de forma categórica em relativas padrão.

¹² Não foram oferecidos exemplos, pelas autoras, das ocorrências de adjunto adnominal.

Nos dados de escrita, por outro lado, o paradigma de pronomes relativos conta com duas outras formas, além de *que* (88,4%), *onde* (10,4%) e *qual* (0,4%): os relativos *cujo* (0,4%) e *quem* (0,4%). Elaboramos uma tabela para melhor visualização dos resultados entre fala e escrita, apresentada abaixo:

Tabela 8 – Comparação das relativas na fala e escrita em Silva e Lopes (2007)

FALA				
	Padrão (%)	Copiadora (%)	Cortadora (%)	Total (%)
Que	298/470 (63%)	18/470 (4%)	154/470 (33%)	470/496 (95%)
Onde	25/25 (100%)	0/25 (0%)	0/25 (0%)	25/496 (4%)
Qual	1/1 (100%)	0/1 (0%)	0/1 (0%)	1/496 (1%)
Total	324/496 (65%)	18/496 (4%)	154/496 (31%)	496
ESCRITA				
	Padrão (%)	Copiadora (%)	Cortadora (%)	Total (%)
Que	209/277 (75%)	2/277 (1%)	66/277 (24%)	277/313 (88,4%)
Onde	33/33 (100%)	0/33 (0%)	0/33 (0%)	33/313 (10,4%)
Qual	1/1 (100%)	0/1 (0%)	0/1 (0%)	1/313 (0,4%)
Cujo	1/1 (100%)	0/1 (0%)	0/1 (0%)	1/313 (0,4%)
Quem	1/1 (100%)	0/1 (0%)	0/1 (0%)	1/313 (0,4%)
Total	245/313 (78%)	2/313 (1%)	66/313 (21%)	313

Fonte: adaptada de Silva e Lopes (2007, pp. 95-96)

Embora ausentes dos dados de fala, houve apenas uma ocorrência do relativo *cujo* e uma de *quem*, ambas utilizadas exclusivamente na estratégia padrão. Tanto na fala quanto na escrita prevaleceu o emprego da relativa com *que*, com algumas diferenças percentuais: enquanto nos dados de fala foram encontrados, encabeçadas com *que*, 63% de relativas padrão, na escrita essa porcentagem foi de 75%. A porcentagem de relativas cortadoras com “que” também difere entre fala e escrita: 33% na fala e 24% na escrita.

Apesar de encontrados os pronomes *onde*, *qual*, *cujo* e *quem*, não se pode afirmar que esses dados sejam conclusivos de que o paradigma tradicional de pronomes relativos vigore na língua escrita, uma vez que foram identificados apenas 35 dos 313 dados (11,2%).

Para Silva e Lopes, a alta frequência do relativo *que* confirma sua função de *relativo universal*, como afirma Bechara (cf. item 2.1.2). O baixo percentual de relativos com flexão (por exemplo, *o qual*), explicam as autoras, “referenda a ideia da perda do caráter pronominal intrínseco ao elemento que encabeça a oração relativa, daí a ausência de concordância” (SILVA; LOPES, 2007, p. 96).

Em relação ao nível de escolaridade, as autoras observaram que na pré-escola a cortadora foi categórica, levando em conta a amostra de escrita. A distribuição da relativa padrão na modalidade escrita é crescente, pois aumenta à medida que se eleva o grau de escolaridade. Por conseguinte, a relativa cortadora se distribui de forma decrescente, tendo sua frequência de uso reduzida quanto mais se avança nos níveis de escolaridade.

Nos dados de fala, o uso da relativa padrão (sem cópia pronominal de sujeito e objeto direto ou com a presença de preposição deslocada em ambientes preposicionados) aumenta a partir da quarta série do ensino fundamental (quinto ano, atualmente) e atinge seu ponto máximo no ensino superior. Observou-se que, na quarta série, a relativa padrão disputa espaço com a cortadora. Em seguida, esta passa a ser a estratégia mais frequente e apresenta índices regulares em todos os níveis posteriores. A relativa copiadora mostrou-se uma estratégia marginal tanto nos dados de fala quanto nos de escrita, em todos os níveis de escolaridade. Esses resultados parecem corroborar os de Corrêa (1998), confirmando que a escola pode operar de forma a inibir o uso – já escasso – da estratégia copiadora.

De forma geral, as autoras puderam verificar que as estratégias de relativização não padrão parecem ser resultado da gramaticalização do *que*, já que a relativa cortadora foi a mais frequentemente empregada nas funções preposicionadas. Os conceitos de *frequência de tipo* e *frequência de ocorrência* foram pertinentes para a conclusão:

a frequência de uso das relativas de sujeito/objeto resultou no enfraquecimento semântico do *que* como um pronome anafórico e a generalização da estrutura superficial da estratégia cortadora em todos os contextos (SILVA; LOPES, 2007, p. 97).

A frequência do *que* evidencia a neutralização do traço flexional, constatada por correlação à baixa incidência de relativos que apresentam flexão,

como o *qual*. A perda de concordância sugere haver também esvaziamento semântico do *que*, uma vez que passa a não exercer função anafórica. Como resultado, as autoras afirmam ser esse um caso de *decategoriação* (HOPPER, 1991) do pronome, aproximando-se da categoria de conjunção subordinativa ou atuando como complementizador.

Considerando que as autoras argumentam haver um claro processo de gramaticalização do relativo *que*, com base na sua frequência, optamos por controlar o tipo de pronome relativo empregado, o que nos possibilitou testar se a incidência do *que* corrobora os resultados de Silva e Lopes (2007) e outros.

3.6 Vale (2014)

Em sua tese, Vale (2014) teve como objetivo descrever as estratégias de relativização na fala de adultos maranhenses. A hipótese central da pesquisa é a de que, como é estudada a fala de adultos com mais de 60 anos de idade, divididos em dois níveis de letramento, a variante padrão preposicionada deve ser encontrada na fala dos mais letrados e as variantes não padrão, particularmente a cortadora, devem ser as mais frequentes na amostra.

A partir de resultados já atestados em outras pesquisas, Vale tinha por hipótese que a relativa padrão de funções preposicionadas não aparecesse na fala dos indivíduos [- letrados]. Foi empreendida uma análise variacionista associada a pressupostos funcionalistas advindos de outros trabalhos sobre o fenômeno, utilizados como ponto de partida.

A amostra analisada, intitulada “Memórias de Velhos”, é constituída por entrevistas gravadas com 32 falantes com mais de 60 anos, com duração de 1 a 3 horas. Todos os indivíduos vivenciaram (ou ainda vivenciam) experiências com a arte e a cultura popular maranhense. Foram utilizadas, para a pesquisa, 22 fitas com entrevistas de 14 indivíduos, sendo 9 com gravações de 4 indivíduos [+ letrados] e 13 de 9 indivíduos [- letrados]. Os falantes foram distribuídos da seguinte forma: 7 homens, dos quais 5 são analfabetos ou semianalfabetos e 2 com nível superior; 7 mulheres, sendo 5 analfabetas ou semianalfabetas e 2 sem ensino superior, mas que tiveram intenso contato com a escrita.

A variável em estudo é composta por três variantes: a relativa padrão, a copiadora e a cortadora. Foram analisados, na pesquisa, as seguintes variáveis: função sintática exercida pelo pronome relativo, a preposição (realizada ou apagada), o traço de animacidade, o status informacional do elemento relativizado (entidades evocadas, inferíveis ou novas) e a distância entre o relativo e a função relativizada, em número de sílabas; os fatores sociais levam em consideração o gênero do falante e seu nível de letramento (VALE, 2014, pp. 55-61).

Inicialmente, foram analisadas as relativas em funções não preposicionadas (sujeito e objeto direto). Os dados são apresentados em função do grau de letramento dos indivíduos. Deve-se lembrar que, uma vez que os dois grupos têm número diferente de falantes, a maior parte dos dados está no grupo dos falantes [- letrados]:

Tabela 9 – Resultados de Vale (2014) para as relativas de sujeito e objeto direto por grau de letramento

Estratégia	SUJEITO				OBJETO DIRETO			
	Padrão (sem cópia)		Copiadora		Padrão (sem cópia)		Copiadora	
Graus de Letramento	N	%	N	%	N	%	N	%
[+ Letrado]	520	100	-	-	194	99,5	1	0,5
[- Letrado]	762	99	7	1	328	99,4	2	0,6
TOTAL	1282	99,5	7	0,5	522	99,4	3	0,6

Fonte: retirada de Vale (2014, p. 65)

As funções de sujeito e objeto direto, em relação à estratégia copiadora, apresentaram valores percentuais de uma regra semicategórica, com apenas 0,6% de dados da variante copiadora. Das 10 ocorrências, 9 exercem função de sujeito e 1 de objeto direto. Este último foi o único dado de copiadora encontrado na fala dos falantes [+ letrados] e, segundo Vale (2014), há dúvidas quanto à sua classificação como oração relativa ou oração coordenada explicativa:

(33) ...foi uma coisa que me desvaneceu extraordinariamente porque eu estava em Manaus tinha mudado meu Ministério quando eu recebi um apelo dele para que eu mandasse [os originais]; [que eu guardava [aquilo]; sem esperança]

de que saísse, né? escreveu uma carta...parece que eu tenho-a...não...não...tenho não...tenho uma carta é do Ortiz (VALE, 2014, p. 66).

Apesar de não ser uma regra variável nas funções não preposicionadas, o traço [+ humano] mostrou-se um fator favorecedor da relativa copiadora, uma vez que, das 9 relativas com cópia na fala dos [- letrados], 6 tinham como antecedente um SN [+ humano], confirmando os resultados de Mollica (1977; 1997).

Do total de 2.286 dados, 473 são de relativas preposicionadas, o que equivale a 20,7% do total de dados, como se pode observar na Tabela 10, abaixo:

Tabela 10 – Resultados de Vale (2014) para as relativas de funções preposicionadas por grau de letramento

Graus de Letramento	Padrão		Copiadora		Cortadora		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
[+ Letrado]	120	71	9	5	40	24	169	100
[- Letrado]	57	19	11	3	236	78	304	100
Total	177	37,5	20	4	276	58,5	473	100

Fonte: adaptada de Vale (2014, p. 69)

Na amostra de Vale (2014), a relativa padrão prevalece entre os mais letrados, com 71% do total. Nos falantes menos letrados, a estratégia padrão preposicionada corresponde a 19% do total. A cortadora, por sua vez, é a mais frequente entre os indivíduos menos letrados (78%), enquanto essa mesma estratégia na fala dos mais letrados é de apenas 24%. A copiadora apresenta valores percentuais bastante reduzidos, de 3% nos menos letrados e 5% nos mais letrados, evidenciando ser essa uma estratégia marginal, mesmo entre os indivíduos menos escolarizados. Esse resultado fez com que Vale optasse por fazer uma análise de regra variável binária excluindo as relativas copiadoras, sobre as quais foram feitas análises estritamente qualitativas (VALE, 2014, p. 70).

Anteriormente, a pesquisadora verificou como se comportam as três estratégias segundo a função sintática do pronome relativo. As tabelas 10 e 11

ilustram, respectivamente, a distribuição das relativas de funções preposicionadas na fala dos indivíduos [+ letrados] e [- letrados].

Tabela 11 – Resultados de Vale (2014) sobre o efeito da função sintática nas relativas preposicionadas de falantes [+ Letrados]

Função sintática do relativo	Padrão ¹³		Copiadora		Cortadora		Total
	N	%	N	%	N	%	
Objeto Indireto	0	-	0	-	2	100	2
Comp. Oblíquo ¹⁴	39	72	3	6	12	22	54
Predicador	19	86	0	-	3	14	22
Locativo ¹⁵							
Complemento	3	75	0	-	1	25	4
Nominal							
Adjunto Adverbial	57	77	1	1	16	22	74
Genitivo	2	15,5	5	38,5	6	46	13
Total	120	71	9	5	40	24	169

Fonte: retirada de Vale (2014, p. 70-71)

Em praticamente todas as funções sintáticas (com exceção do genitivo), os falantes [+ letrados] empregam mais a relativa padrão. O maior índice de relativas padrão é de 86% na função de predicador locativo. Vale (2014), no entanto, ressalta que esse percentual se deve ao uso frequente do relativo *onde*.

A relativa copiadora foi a mais frequente na função de genitivo, seguida de complementos oblíquos. Dos 9 dados de cópia, 5 são de genitivo, correspondendo a 55,5% dos casos, confirmando os resultados de Mollica e Tarallo de que a copiadora seria a estratégia mais frequente na função de genitivo (VALE, 2014, p. 77).

Houve 40 ocorrências da estratégia cortadora na fala dos [+ letrados], com maior incidência nas funções de adjunto adverbial e complemento oblíquo, com 16 e 12 casos, respectivamente. Vale (2014) atribui essa frequência ao índice já

¹³ Considerou-se como *padrão* de sintagma preposicionado as relativas nas quais havia presença da preposição antecedendo o pronome relativo ou encabeçadas por relativos como “onde” e “quem”.

¹⁴ O rótulo de complementos oblíquos inclui os chamados complementos relativos e complementos circunstanciais (ROCHA LIMA, 2011)

¹⁵ Predicadores locativos são construções com verbos de ligação (ser, estar) e existenciais (ter, haver), diferenciando-as de adjunto adverbial/complemento circunstancial.

elevado dessas duas funções, uma vez que são as duas mais frequentes na amostra. Os resultados para os falantes [- letrados] são apresentados a seguir, na Tabela 12:

Tabela 12 – Resultados de Vale (2014) sobre o efeito da função sintática nas relativas de falantes [- Letrados]

Função sintática do relativo	Padrão		Copiadora		Cortadora		Total
	N	%	N	%	N	%	
Objeto Indireto	0	-	0	-	5	100	5
Comp. Oblíquo	11	14	4	5	62	81	77
Predicador	38	60	1	2	24	38	63
Locativo							
Complemento	0	-	0	-	6	100	6
Nominal							
Adjunto Adverbial	8	6	2	1	134	93	144
Genitivo	0	-	4	44,5	5	55,5	9
Total	57	19	11	3	236	78	304

Fonte: retirada de Vale (2014, p. 77)

Assim como nos resultados dos [+ letrados], as funções sintáticas mais frequentes foram as de adjunto adverbial e complemento oblíquo, seguidas da função de predicador locativo. A única função sintática que favoreceu a relativa padrão foi a de predicador locativo, com 60%, em comparação aos 86% na fala dos [+ letrados]. Contudo, em todos os dados de relativa padrão de predicador locativo foi empregado o relativo *onde*.

A relativa copiadora, nesse grupo, apresentou 11 ocorrências (3%), a maior parte encontrada na função de genitivo e complemento oblíquo, com 4 dados em ambas, seguidos de 2 casos de adjunto adverbial e 1 de predicador locativo.

Observou-se que 78% de todos os dados dos [- letrados] são relativas cortadoras, encontrados predominantemente nas funções de adjunto adverbial (134 ocorrências), complemento oblíquo (62 ocorrências) e predicador locativo

(24 dados). Os casos categóricos da cortadora são de objeto indireto e complemento nominal, que tiveram, respectivamente, 5 e 6 casos.

O contraste que se estabelece aqui é o de que a relativa considerada padrão é a estratégia mais frequente (71%) nos dados dos indivíduos [+ letrados] ao passo que, nos indivíduos [- letrados], a estratégia preferida é a cortadora (46%).

Ao analisar as relativas padrão preposicionadas nos dois grupos, Vale (2014) salienta que o alto índice dessa variante nos dados dos [- letrados] se deve ao emprego do relativo *onde*. Ao excluir as relativas encabeçadas por *onde*, ocorre uma leve mudança no comportamento das estratégias: uma redução de 71% para 65% entre os [+ letrados], mantendo-se como a variante mais produtiva, seguida da cortadora, que aumenta de 24% para 29%. A copiadora, por sua vez, chega a 6% de frequência, tornando-se uma regra variável. A exclusão do relativo *onde* na fala dos [- letrados] resulta em uma redução drástica da frequência da relativa padrão preposicionada de 19% para apenas 1%, um aumento da cortadora de 78% para 94,5% e, por fim, um leve aumento da copiadora de 3% para 4,5%.

Em suma, observou-se que não há diferenças significativas no comportamento das relativas de sujeito e objeto direto nos dois grupos de indivíduos, dado que a frequência da relativa sem cópia pronominal se diferencia em apenas 0,6 pontos percentuais. Vale (2014) acrescenta que esse resultado se deve

ao fato de ter sido obtido em amostra de fala de indivíduos letrados com mais de 60 anos. Uma amostra estratificada por faixas etárias e por níveis de escolaridade diferentes exibiria índices muito inferiores de relativas padrão (VALE, 2014, p. 88).

Nas funções preposicionadas, a relativa padrão apresentou diferença entre os [+ letrados], produzidas em 65% dos casos, enquanto os [- letrados] recorrem muito menos a elas, visto o percentual de apenas 1% de relativas padrão preposicionada. O comportamento da cortadora também se diferencia entre os dois grupos: é a estratégia mais frequentemente empregada pelos falantes [- letrados], especialmente quando são desconsiderados os dados do relativo *onde*, fazendo com que essa estratégia seja empregada em 94,5% dos

casos. Os [+ letrados], em relação à estratégia cortadora, apresentam um percentual de 29%, isto é, a relativa padrão preposicionada é utilizada com uma frequência superior ao dobro da cortadora. Os resultados da relativa copiadora, segundo Vale (2014), corroboram aqueles já encontrados por Mollica (1977): tendem a ocorrer em antecedentes [+ humanos]; e Tarallo (1983): seguem a mesma hierarquia, sendo o genitivo a função que mais favorece a cópia, seguido do complemento oblíquo e adjuntos.

A análise de regra variável levou em consideração a relativa padrão preposicionada e a cortadora, uma vez que o número de *knockouts* encontrados com as três estratégias impossibilitou a análise. Os grupos de fatores selecionados como favorecedores à relativa cortadora foram 1) escolaridade; 2) tipo de preposição e 3) função sintática do pronome relativo, nessa ordem. O fator relacionado ao grau de escolaridade dos indivíduos mostrou que, para os indivíduos menos letrados, a cortadora é favorecida, com peso relativo de 0,84. Para os mais letrados, o peso relativo foi de apenas 0,06. Dessa forma, confirmou-se, tal como observado nas rodadas preliminares, que os indivíduos menos escolarizados tendem a recorrer à cortadora muito mais que os mais escolarizados.

O segundo fator selecionado – o tipo de preposição – na rodada de pesos relativos indicou que as preposições com menor conteúdo semântico (“a”, “de” e “em”) são mais frequentemente apagadas, com peso relativo de 0,52, enquanto as que têm maior conteúdo semântico (“por” e “sobre”, por exemplo) tendem a não sofrer o apagamento (0,21 de peso relativo).

A função sintática do pronome relativo que mais favorece o apagamento da preposição é a de genitivo (PR de 0,98). Os complementos oblíquos apresentam-se como um fator neutro (PR de 0,50), enquanto o complemento nominal e adjunto adverbial desfavorecem, mesmo que levemente, o apagamento, com PR de 0,49 e 0,47, respectivamente. De todas as funções preposicionadas, o predicador locativo é a função que tem menores chances de aplicar a regra de apagamento da preposição, recebendo peso relativo de 0,38.

Uma importante generalização empírica do trabalho de Vale (2014) é a de que o alto índice de cortadoras na amostra pode estar associado ao apagamento

de preposição na topicalização de constituintes oblíquos, confirmando a hipótese de Kato (1993) de que o constituinte relativizado é extraído da posição de deslocamento à esquerda (*left dislocation*) e não da posição canônica. Por fim, registramos que alguns dos grupos de fatores, ainda que não tenham sido selecionados pelo Varbrul, na amostra “Memórias de Velhos” (1983-1996), serão testados na amostra PortVix (2001-2003), como a variável relacionada à distância entre o relativo e a função relativizada em número de sílabas e a escolarização dos falantes.

Temos como hipótese que ambientes de maior distância favorecerão a relativa copiadora, como uma estratégia de recuperar o referente, diminuindo o custo do que Mollica (1977) e Tarallo (1983) denominaram *processamento*. Outra hipótese levantada, a partir da tese de Vale (2014), é a de que falantes com maior nível de escolaridade empregarão menos as relativas copiadora ou cortadora.

3.7 Algumas Considerações

A leitura dessas pesquisas nos permitiu observar que há diferenças e semelhanças no tratamento das variantes em cada uma delas. Mollica (1977) concebe como variantes a realização ou não realização da cópia na oração relativa em três contextos sintáticos distintos: sujeito, complemento não preposicionado e complemento preposicionado.

Tarallo (1983) analisa a variação tendo em vista quatro variantes: relativas de lacuna, sem a cópia pronominal nas posições de sujeito e complemento não preposicionado; relativas de pronome *resumptivo*, com a cópia em todas as funções sintáticas; relativas cortadoras de sintagma preposicionado (ou *PP-chopping variant*), nas quais há o apagamento (“corte”) da preposição concomitantemente ao apagamento da cópia; relativa padrão preposicionada, chamada *pied-piping variant*. Nas palavras de Tarallo (1983, p. 5), essa última versão é a norma padronizada prescrita pelas gramáticas. Lembramos que Tarallo (1983), apesar de considerar a existência de quatro variantes, analisa apenas as três primeiras.

Corrêa (1998) segue a mesma denominação proposta por Tarallo (1983) a fim de separar contextos preposicionados de contextos não preposicionados (CORRÊA, 1998, p. 83). Diferentemente de Tarallo (1983), Corrêa (1998) analisa as relativas padrão preposicionadas (*pied-piping*).

Silva e Lopes (2007), por sua vez, analisam principalmente as relativas não previstas pela tradição gramatical: as cortadoras (com apagamento da preposição) e as copiadoras, mas, incluem, nas análises, as relativas consideradas “padrão”, preconizadas pela tradição gramatical (SILVA; LOPES, 2007, p. 87), isto é, as de lacuna de sujeito e objeto direto (sem a cópia) e as relativas padrão preposicionadas, com preposição acompanhando o pronome relativo.

Para Vale (2014), a variação nas relativas é constituída por três estratégias: a relativa padrão de funções não regidas e regidas de preposição, conforme a tradição gramatical (VALE, 2014, p. 53), semelhante à relativa de lacuna; a relativa copiadora em funções não regidas e regidas de preposição (com elemento anafórico na oração relativa) e relativa cortadora (com apagamento da preposição e da cópia), encontrada nas funções preposicionadas.

O quadro abaixo sintetiza as concepções das variantes consideradas por diferentes pesquisas, incluindo a nossa.

Quadro 1 – Diferenças e semelhanças entre as concepções de estratégias de relativização em diferentes pesquisas

	Variante 1	Variante 2	Variante 3	Variante 4
Mollica (1977)	Apagamento da cópia pronominal nas funções de sujeito, complemento não preposicionado e complemento preposicionado	Presença da cópia pronominal nas funções de sujeito, complemento não preposicionado e complemento preposicionado	-	-
Tarallo (1983)	<i>Gap-leaving:</i> Lacuna de sujeito e objeto direto	<i>Resumptive pronoun:</i> Presença da cópia pronominal em todas as funções sintáticas	<i>PP-chopping:</i> Apagamento da preposição e da cópia nas funções preposicionadas	<i>Pied-piping:</i> Preposição no início da relativa em funções preposicionadas (não analisada, mas descrita na tese)
Corrêa (1998)	Variante de lacuna: Lacuna de sujeito e objeto direto	Copiadora: Presença da cópia pronominal em todas as funções sintáticas	Cortadora: Apagamento da preposição e da cópia nas funções preposicionadas	Relativa padrão preposicionada: Preposição no início da relativa em funções preposicionadas
Silva e Lopes (2007)	Padrão: Lacuna de sujeito e objeto direto; preposição no início da relativa em funções preposicionadas	Copiadora: Presença da cópia pronominal em todas as funções sintáticas	Cortadora: Apagamento da preposição e da cópia nas funções preposicionadas	-
Vale (2014)	Padrão: Lacuna de sujeito e objeto	Copiadora: Presença da cópia	Cortadora: Apagamento da preposição e da	-

	direto; preposição no início da relativa em funções preposicionadas	pronominal em todas as funções sintáticas	cópia nas funções preposicionadas
Santos (2020)	Padrão: Lacuna de sujeito e objeto direto; preposição no início da relativa em algumas funções preposicionadas	Copiadora: Presença da cópia pronominal (ou com dêiticos lá e ali) em algumas funções sintáticas	Cortadora: apagamento da preposição e da cópia em algumas funções preposicionadas

Inicialmente, nos valem principalmente da proposta de Mollica (1977), tomando como variantes as relativas com cópia e sem cópia, tanto nas funções de sujeito e objeto direto quanto nas funções preposicionadas. No entanto, nas primeiras observações dos dados, separados por estratégia de relativização e função sintática, encontramos diferenças em relação ao comportamento destas (ver item 4.3.2.1), o que nos levou a nos aproximarmos mais da concepção adotada por Silva e Lopes (2007) e Vale (2014).

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Ao iniciar seus estudos na linguística, W. Labov (2008 [1972]) relata ter encontrado diversas barreiras ideológicas que impediam um estudo que assumisse a relevância do contexto social para a pesquisa linguística (LABOV, 2008 [1972], p. 13-14). As análises gerativistas, por exemplo, observavam exclusivamente a intuição gramatical do linguista, baseando-se apenas na introspecção. Alguns dos mais importantes conceitos deixados de fora da pesquisa linguística – como o efeito do tempo sobre a variação e/ou a mudança linguística – foram retomados por Labov (2008 [1972]) e, à medida que a Sociolinguística¹⁶ se estabelecia como um modelo de fazer científico, esses conceitos, elencados a seguir, sofreram uma ressignificação drástica e passaram a ser compreendidos como fatos necessários para dar conta de explicar as dinâmicas da variação e da mudança linguística.

A primeira divergência teórica com o modelo estruturalista, por exemplo, tem sua origem na dicotomia saussuriana entre sincronia e diacronia. Saussure (1949) postulou que a estrutura linguística do presente e as mudanças do passado deveriam ser estudadas separadamente. As pesquisas sociolinguísticas têm mostrado algo diferente. Ao estudar a variação linguística por meio do tempo aparente, levando em conta as diferentes faixas etárias dos falantes, é possível observar a frequência de uso das variantes entre falantes mais jovens e mais velhos. Isso significa que uma pesquisa sincrônica permite também uma leitura diacrônica dos dados, uma vez que a distribuição das variantes entre as faixas etárias mais novas e as mais avançadas pode ser sugestiva de uma mudança em andamento. Na pesquisa de Labov (2008 [1972]) sobre o /r/ nas lojas de departamento em Nova York, o pesquisador esperou encontrar um aumento da pronúncia do /r/ na fala dos entrevistados mais jovens, o que comprovaria o surgimento de um novo padrão de prestígio na cidade, no entanto, a distribuição dos dados por idade não mostrou nenhum indício de haver mudança (LABOV, 2008 [1972], p. 79). Em sua pesquisa sobre a centralização dos ditongos (ay) e (aw) na ilha de Martha's Vineyard, publicada em 1963, Labov

¹⁶ Utilizamos Sociolinguística aqui como um termo de categoria mais geral. Sabemos que, de fato, há sociolinguísticas e não podemos resumir esse paradigma de estudos apenas à Sociolinguística Variacionista.

destaca que parece, de fato, haver aumento regular dos índices de centralização em faixas etárias sucessivas, no entanto, conclui que

O fato de ser mínimo o percentual de centralização para os muito velhos e para os muito jovens mostra que o efeito da idade não pode ser inteiramente descartado e que, de fato, pode ser um fator secundário na distribuição pelas faixas etárias (LABOV, 2008 [1972], p. 44).

A segunda diferença de concepção teórica tem relação com a não possibilidade de se observar diretamente a mudança sonora. Como explica Labov, Leonard Bloomfield (1933) postulava que as irregularidades observáveis eram meros empréstimos dialetais. Labov conclui que, considerando essa barreira ideológica, “o estudo empírico da mudança linguística estava [...] eliminado do programa da linguística do século XX” (LABOV, 2008 [1972], p. 14).

Na evolução das línguas, sejam fenômenos fonológicos, morfológicos ou sintáticos, novas formas de expressão são criadas pelos falantes e essas novas formas podem ser cada vez mais usadas até que a forma antiga seja completamente substituída pela forma inovadora. Nesse caso, há mudança linguística. Há casos, no entanto, em que formas linguísticas em variação são utilizadas, ainda que uma delas seja mais frequente que a(s) outra(s). Portanto, se as formas variantes coexistem sem que nenhuma se sobressaia, diz-se que há variação estável.

Segundo Labov (2008 [1972]), o conceito de variação livre era talvez o entrave mais significativo para que a pesquisa linguística pudesse conceber a variação como uma consequência imperativa da organização linguística e social:

O postulado básico da linguística declarava que alguns enunciados eram o mesmo. Por conseguinte, eles estavam em variação livre, e se considerava linguisticamente insignificante saber se um ou outro ocorria num momento particular. Relações de *mais* ou *menos*, portanto, eram descartadas do raciocínio linguístico: uma forma ou regra só podia ocorrer sempre, opcionalmente ou nunca. A estrutura interna da variação ficava, portanto, removida dos estudos linguísticos e, com ela, o estudo da mudança em progresso. (LABOV, 2008 [1972], p. 14, grifos do autor).

Ainda para Labov (2008 [1972]), a questão central até então negligenciada era justamente descobrir o que motiva a escolha – ou o emprego – de uma forma no lugar de outra. Se duas ou mais formas expressam a mesma coisa, por que não haver apenas uma? O termo “opcionalmente”, aliás, pode até

mesmo ser interpretado como uma escolha consciente do falante de recorrer a uma forma A em vez de B, o que não é verdade em muitos casos, a depender do fenômeno variável. As correlações encontradas entre os fatores sociais e o emprego de variantes linguísticas mostram que o uso de formas variantes é condicionado tanto por fatores sociais quanto estruturais (linguísticos).

Com isso, compreendemos que, em uma sociedade heterogênea, a língua não é distribuída de forma igual para todos os falantes devido a diferenças geográficas, sociais e diacrônicas. A distribuição heterogênea da língua não fazia parte do escopo de estudos dos estruturalistas, uma vez que seu interesse estava na compreensão do valor do signo em relação a outros signos. Weinreich, Labov e Herzog (1968), contudo, já argumentavam em favor de uma teoria da mudança linguística que levasse em consideração o conceito de *heterogeneidade ordenada*:

Os fatos da heterogeneidade até o momento não se alinham à abordagem estrutural da língua. [...] Quanto mais os linguistas se impressionam com a existência da estrutura da língua, e quanto mais têm reforçado essa observação com argumentos dedutivos sobre as vantagens funcionais da estrutura, mais misteriosa tem se tornado a transição de língua de um estado para outro. Afinal, se uma língua deve ser estruturada para funcionar eficientemente, como as pessoas continuam a conversar enquanto a língua muda, isto é, enquanto ela passa por períodos de sistematicidade reduzida? [...] A chave para uma concepção racional da mudança linguística – e claro, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada em uma língua que serve a uma comunidade. [...] Um dos corolários de nossa abordagem é que em uma língua que serve a uma comunidade complexa (isto é, real), a *ausência* de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional¹⁷ (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968, pp. 100-101, grifo dos autores).

As clássicas pesquisas de Labov em Martha's Vineyard (1963) e nas lojas de departamento de Nova York (1966) evidenciaram que a variação linguística é intrínseca à língua e faz parte de uma complexa relação entre a(s) comunidade(s) de falantes da língua e o uso particular de variantes linguísticas

¹⁷ The facts of heterogeneity have not so far jibed well with the structural approach of language. [...] For the more linguists became impressed with the existence of structure of language, and the more they bolstered this observation with deductive arguments about the functional advantages of structure, the more mysterious became the transition of a language from state to state. After all, if a language has to be structured in order to function efficiently, how do people continue to talk while the language changes, that is, while it passes through periods of lessened systematicity? [...] The key to a rational conception of language change – indeed, of language itself – is the possibility of describing orderly differentiation in a language serving a community. [...] One of the corollaries of our approach is that in a language serving a complex (i. e., real) community, it is *absence* of structured heterogeneity that would be dysfunctional.

de cada comunidade. Percebeu-se que o aparente caos da heterogeneidade linguística era, na verdade, organizado de acordo com determinadas características sociais dos falantes.

A pesquisa sociolinguística busca, portanto, identificar os padrões de uso de formas linguísticas em variação, estabelecendo correlações entre as formas variantes e as características sociais de seus falantes. Em seu dicionário crítico de sociolinguística, Bagno (2017, p. 434) explica que os falantes que usam formas linguísticas semelhantes normalmente também compartilham características não linguísticas. Para que seja possível correlacionar essas características sociais, é necessário que elas sejam conhecidas pelo/a pesquisador/a e pertinentes à análise. Algumas dessas características são tradicionalmente consideradas nas pesquisas sociolinguísticas, como a idade dos falantes, seu sexo/gênero, etnia, grau de escolarização e classe social. Esses fatores são chamados macrosociológicos por serem estabelecidos de antemão pelo/a próprio/a pesquisador/a. No entanto, um exame minucioso das dinâmicas sociais locais de uma comunidade pode revelar categorias mais complexas, chamadas microsociológicas.

Quando são identificadas as correlações entre os usos das variantes linguísticas e as características sociais de seus falantes, isto é, quando se observa que uma variante tende a ocorrer entre falantes com determinadas características sociais, busca-se descobrir por que os falantes falam dessa forma e, a partir daí, interpretar as correlações para compreender o que essa variação significa socialmente.

Alguns dos aspectos teóricos fundamentais da sociolinguística variacionista foram resumidos em cinco princípios que dizem respeito aos fundamentos empíricos para a teoria da mudança linguística. A discussão empreendida por Weinreich, Labov e Herzog (1968) foi organizada a partir dos seguintes problemas:

O *problema das restrições*, também chamado de “problema dos fatores condicionantes”, refere-se ao primeiro objetivo do/a pesquisador/a e consiste em determinar o conjunto de possíveis mudanças e as possíveis condições para a mudança. Os autores destacam que nem todas as combinações de fatores

linguísticos e sociais foram observadas até o momento da publicação dos *fundamentos empíricos*. Segundo eles, nem mesmo todas as combinações possíveis de variáveis linguísticas foram relatadas. Em outras palavras, o problema das restrições envolve levar em consideração que há fatores de natureza social ou linguística que apresentam (im)possibilidade de serem combinados.

O *problema da transição* diz respeito à distribuição da mudança entre falantes de determinadas características sociais. O exame minucioso da forma intermediária de uma variante em processo de mudança possibilita descobrir o percurso de uma forma A até se tornar uma forma B. Até que uma mudança se estabeleça, são três as etapas pelas quais o fenômeno em variação passa: primeiro, quando o falante aprende uma forma linguística alternativa; em segundo lugar, quando as duas formas coexistem no mesmo paradigma de usos; finalmente, uma das formas passa a ser cada vez menos usada até se tornar obsoleta (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 184).

O *problema do encaixamento* é definido como o processo pelo qual um fenômeno em variação ocupa determinado lugar numa língua. O principal postulado desse problema prevê que a mudança linguística deve ser vista como estando encaixada no sistema linguístico como um todo (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968, p. 185), considerando tanto seu encaixamento na estrutura linguística quanto social. O encaixamento na estrutura linguística parte de (1) um modelo de língua que apresenta camadas ou estratos coexistentes, funcionalmente distintos e simultaneamente disponíveis a uma comunidade de fala e de (2) variáveis intrínsecas resultantes da variação entre elementos linguísticos e extralinguísticos. Os autores também apontam que a mudança linguística raramente passa inteiramente de um sistema para outro. Em relação ao *encaixamento na estrutura social*, não seria um equívoco partir da seguinte premissa: uma vez que o fenômeno linguístico sob mudança está encaixado em um amplo contexto da sociedade, a variação social e geográfica deve ser considerada como sendo intrínseca à estrutura social da qual e pela qual a variação linguística é consequência. Há variação, pois as estruturas linguísticas são desigualmente distribuídas pela estrutura social. Para resolver o problema do encaixamento na estrutura social, o/a pesquisador/a deve descobrir o grau de

correlação social e como essa correlação dá suporte ao sistema linguístico abstrato (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968, pp. 185-186).

O *problema da avaliação*, para os autores, refere-se às avaliações dos falantes em relação às variantes linguísticas. Por ser uma propriedade importante para a mudança linguística, o nível de consciência social (*social awareness*) deve ser identificado diretamente (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 186).

A avaliação desempenha um importante papel na variação e na mudança linguística¹⁸, sendo possível classificar fenômenos linguísticos de acordo com a avaliação social envolvida. Labov postula três diferentes classificações para a avaliação:

Indicadores são traços linguísticos encaixados numa matriz social, exibindo diferenciação segundo a idade e o grupo social, mas que não exibem nenhum padrão de alternância estilística e parecem ter pouca força avaliativa. [...] *Marcadores* [...], por sua vez, exibem estratificação estilística tanto quanto estratificação social. Embora possam estar abaixo do nível de consciência, produzirão respostas regulares em testes de reação subjetiva. *Estereótipos* são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade (LABOV, 2008 [1972], p. 360).

A variação entre a relativa padrão preposicionada e as relativas cortadoras é considerada um fenômeno do tipo *marcador*, uma vez que, controlando o tipo de inquérito (elocuições formais, entrevista e diálogo entre dois informantes), Corrêa (1998) identificou haver correlação entre o tipo de inquérito e o emprego da relativa padrão preposicionada:

¹⁸ Assim como Labov, Eckert (2008) esclarece que marcadores e estereótipos atraem atenção suficiente para figurar na variação estilística e se diferenciam pelo nível de consciência de cada um: diferentemente dos marcadores, os estereótipos estão acima do nível de consciência do falante e, por isso, estão sujeitos a comentários e à discussão metapragmática. O postulado laboviano de que os marcadores exibem distribuição estilística explicaria a importância dos marcadores, para Eckert, em sua análise sobre estilo. Os estudos de Eckert podem ser considerados uma extensão da proposta iniciada por Labov no que se refere à variação estilística: para Eckert, essa questão, pouco explorada no modelo inicial variacionista, se torna central.

Tabela 13 – Efeito do tipo de inquérito sobre a relativa padrão preposicionada nos dados do NURC-SP, em Corrêa (1998)

Tipo de inquérito	N (%)	Peso Relativo
Elocução Formal	83 (80%)	0.66
Entrevista	75 (44%)	0.45
Diálogo entre Informantes	97 (42%)	0.39

Fonte: adaptada de Corrêa (1998, p. 129)

Os tipos de inquérito na Tabela 13 referem-se às situações comunicativas gravadas pelo Projeto NURC. Elocuções formais designam situações mais formais de comunicação, como palestras ou aulas; as entrevistas são também chamadas “diálogo entre informante e documentador” e constituem as gravações de conversas entre o/a informante e o/a documentador/a. O diálogo entre dois informantes, por sua vez, é a situação comunicativa envolvendo dois falantes, não incluindo o documentador.

Comparando os valores de pesos relativos, percebe-se que a variante padrão preposicionada apresenta maior tendência de ser empregada durante elocuções formais. Podemos inferir que elocuções formais são, de fato, eventos comunicativos nos quais há maior monitoramento da fala em relação aos dois outros (entrevista com documentador e diálogo entre dois informantes). Dessa forma, tratar a variação entre a relativa padrão preposicionada e as variantes vernaculares como um marcador parece ser justificável.

Por outro lado, acreditamos que a variação entre a relativa copiadora e as demais estratégias possa ser considerada um fenômeno do tipo *indicador*. O uso da anáfora pronominal, que constitui a principal característica da relativa copiadora, está fortemente associado a fatores de processamento e não necessariamente a variáveis relacionadas ao estilo de fala. Nem mesmo o nível de escolarização, na pesquisa de Mollica (2003), por exemplo, mostrou-se um fator mais importante em relação ao uso da relativa copiadora como os já mencionados fatores de processamento. Não estamos, com isso, afirmando que a escolaridade não seja um fator relevante. De fato, Mollica chegou à mesma conclusão de Corrêa (1998): a de que “a escolaridade contribui para a redução de anáforas” (MOLLICA, 2003, p. 133). No entanto, cabe registrar aqui que os

resultados de Mollica (2003) apontam sobretudo para a atuação mais forte de fatores de processamento do que a escolaridade.

Embora reconheçamos a importância da avaliação social, esse problema não faz parte do escopo de nossa investigação. Nossa pesquisa busca examinar, principalmente, o problema das restrições e do encaixamento. Ressaltamos, ainda, que não há pesquisas sobre a avaliação das estratégias de relativização no português brasileiro. Segundo Freitag,

Apesar da relevância, no Brasil não há tradição de estudos de avaliação que considerem a percepção sociolinguística do falante; a avaliação social das variáveis costuma ser inferida a partir de padrões de uso decorrentes da estratificação sociodemográfica da amostra. Eventualmente, testes de reação subjetiva são realizados (FREITAG, 2016, p. 900).

Há uma tradição de se afirmar, com base na pesquisa de Tarallo (1983), que a relativa copiadora é uma estratégia socialmente estigmatizada, no entanto, essa é uma inferência feita pelos/as pesquisadores/as e não decorre de resultados empíricos sobre a percepção subjetiva do fenômeno.

O problema da implementação constitui uma complexa questão que dará suporte ao/à pesquisador/a para explicar por que e quando uma nova variante linguística começa a ser utilizada. Os autores propuseram que a correlação entre os fatores sociais e os fatores linguísticos pudesse ser considerada um mecanismo cíclico após a observação de padrões sistematicamente repetidos em casos já estudados (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968, p. 186). A mudança linguística passa por determinadas etapas ou estágios até sua conclusão: a primeira etapa é considerada o momento em que determinada característica da fala passa a ser incorporada por um grupo particular de uma comunidade e recebe significância social correspondente aos valores sociais desse grupo. A consciência sobre os valores sociais atribuídos à variante linguística inovadora desempenha papel determinante para a consolidação (ou não) da mudança, uma vez que o emprego de uma variante pode eventualmente perder sua significância social – ou seja, deixar de ser um traço distintivo de certos grupos sociais.

A proposta de Weinreich, Labov e Herzog (1968) era, portanto, impulsionar a reflexão dos principais fundamentos empíricos para uma teoria da

mudança linguística. Algumas asserções gerais para a compreensão da mudança linguística podem ser consideradas os postulados centrais da teoria da variação e mudança:

1. A mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória atuando a partir da variação inerente à fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular de um subgrupo específico da comunidade de fala assume a direção e a característica de heterogeneidade ordenada.
2. A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada de falantes e estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o comando nativo das línguas inclui o controle de tais estruturas heterogêneas;
3. Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística envolve mudança; mas toda mudança envolve variabilidade e heterogeneidade.
4. A generalização da mudança linguística pela estrutura linguística não é nem uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante períodos substanciais de tempo, e se reflete na difusão de isoglossas por áreas geográficas.
5. As gramáticas nas quais a mudança linguística ocorre são gramáticas da comunidade de fala. Já que as estruturas variáveis da língua são determinadas por funções sociais, dialetos não fornecem a base para gramáticas internas consistentes.
6. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; ela não está restrita a estratos discretos dentro da família. Quaisquer descontinuidades encontradas na mudança linguística são resultado de descontinuidades específicas dentro da comunidade, não sendo apenas produtos inevitáveis da lacuna geracional entre pais e filhos.
7. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações que estão restritas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, irão fracassar em considerar a riqueza das regularidades observáveis nos estudos empíricos do comportamento linguístico (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 187-188, tradução nossa).¹⁹

¹⁹ 1. Linguistic change is not to be identified with random drift proceeding from inherent variation in speech. Linguistic change begins when the generalization of a particular alternation in a given subgroup of the speech community assumes direction and takes on the character of orderly differentiation.

2. The association between structure and homogeneity is an illusion. Linguistic structure includes the orderly differentiation of speakers and styles through rules which govern variation in the speech community; native command of the language includes the control of such heterogeneous structures.

3. Not all variability and heterogeneity in language structure involves change; but all change involves variability and heterogeneity.

4. The generalization of linguistic change throughout linguistic structure is neither uniform nor instantaneous; it involves covariation of associated changes over substantial periods of time, and is reflected in the diffusion of isoglosses over areas of geographical space.

5. The grammars in which linguistic change occurs are grammars of the speech community. Because the variable structures contained in languages are determined by social functions. Idiolects do not provide the basis for self-contained or internally consistent grammars.

6. Linguistic change is transmitted within the community as a whole; it is not confined to discrete steps within the Family. Whatever discontinuities are found in linguistic change are the products of specific discontinuities within the community, rather than inevitable products of generational gap between parent and child.

4.1.1 Principais abordagens e métodos

A análise baseada na sociolinguística variacionista deve ser capaz de explicar a variação enquanto consequência da já mencionada distribuição socialmente heterogênea das estruturas linguísticas. Por isso, a heterogeneidade ordenada deve ser observada levando em consideração tanto fatores sociais quanto linguísticos.

Por lidar com a língua em uso, a sociolinguística variacionista trabalha com a coleta de dados tais como são produzidos pelos falantes. A obtenção de dados de fala é feita, em geral, com a gravação de entrevistas, o que acarreta um sério problema metodológico, conhecido como *paradoxo do observador*.

Uma pesquisa que pretende investigar o vernáculo, isto é, a fala espontânea com mínima (ou mesmo sem qualquer) interferência do monitoramento estilístico do falante, para ser bem sucedida, deve superar esse problema:

O objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática. O problema, evidentemente, não é insolúvel: ou achamos maneiras de suplementar as entrevistas formais com outros dados, ou mudamos a estrutura da situação de entrevista de um jeito ou de outro (LABOV, 2008 [1972], p. 244).

Algumas estratégias são utilizadas para contornar esse paradoxo, por exemplo, quando são flagrados, durante a gravação, momentos em que os participantes da entrevista são interrompidos por uma terceira pessoa, momentos em que há pausa para atender uma ligação telefônica ou o envolvimento emocional do entrevistado em assuntos relacionados à sua infância e situações de perigo em que houve risco de vida. É principalmente nesse último caso que, segundo Labov (2008 [1972], p. 245), o falante presume não estar sendo entrevistado e, dessa forma, manifesta seu vernáculo. Nos postulados labovianos a respeito do *estilo*, a atenção que o falante presta à própria fala está distribuída ao longo de diferentes estilos contextuais, como a

7. Linguistic and social factors are closely interrelated in the development of language change. Explanations which are confined to one or the other aspect, no matter how well constructed, will fail to account for the rich body of regularities that can be observed in empirical studies of language behavior.

fala casual, a fala monitorada, a leitura de textos e a leitura de listas de palavras (cf. LABOV, 2008 [1972], p. 101-120). Ao prestar mais atenção à fala, o falante adota um estilo mais formal.

Após a obtenção das amostras de fala a partir das entrevistas, são feitas suas transcrições, a partir das quais o/a pesquisador/a inicia a seleção dos dados. Nessa etapa, os dados são previamente analisados e então lançados à ferramenta escolhida para as análises quantitativas, considerando os fatores linguísticos e sociais de cada ocorrência. Cabe ao/à pesquisador/a determinar os fatores pertinentes à análise de sua amostra. A observação de propriedades gramaticais das variantes estudadas dá uma boa indicação dos contextos linguísticos em que determinada variante tende a ocorrer. Por exemplo, quanto às estratégias de relativização, o pronome relativo pode assumir diferentes funções sintáticas, como sujeito, objeto direto, objeto indireto etc. As funções sintáticas podem ser agrupadas formando um *grupo de fatores*, que, no caso, pode ser denominado *função sintática do pronome relativo*. Obviamente, esse não é o único ambiente linguístico em que são encontradas orações relativas e, por isso, o/a pesquisador/a deverá examinar outros contextos nos quais há possibilidade de haver variação do fenômeno em estudo.

Em relação aos fatores sociais, a idade dos falantes, seu sexo²⁰, nível de escolarização e classe social são algumas das variáveis mais comumente levadas em consideração em pesquisas sociolinguísticas. A estratificação dos dados através de fatores sociais pode fornecer indícios de uma mudança estável ou mudança em curso.

Durante a análise de dados distribuídos ao longo de faixas etárias, o/a pesquisador/a pode identificar, sincronicamente, a frequência de emprego de variantes linguísticas em informantes de diferentes gerações. Essa técnica é denominada *estudo em tempo aparente*. Ao observar a distribuição de uma variante por faixas etárias, é possível verificar as diferenças entre a frequência de uso dessa variante em gerações diferentes, o que poderia indicar um possível

²⁰ O termo *sexo* vem sendo substituído por *gênero* devido a questões sociais, psicológicas e ideológicas que não são levadas em consideração ao se atribuir unicamente a identidade biológica (masculina ou feminina) disponível pelo conceito *sexo*. No entanto, a amostra analisada trabalhou com a variável relacionada ao sexo, não ao gênero.

processo de mudança. Outra maneira de se observar a mudança linguística é o *estudo em tempo real*. Nos estudos em tempo real, o/a pesquisador/a obtém amostras de fala de informantes em determinado recorte temporal e, após um intervalo de tempo (vinte anos, por exemplo), são feitas novas gravações. Quando a constituição das duas amostras (da primeira e, após alguns anos, da segunda) é feita com os mesmos falantes, estamos diante de um *estudo de painel*. O estudo de painel é capaz de evidenciar a variação ou mudança linguística nos usos individuais do falante ao longo de sua vida. Isso significa que nem sempre um uso particular de um ou outro indivíduo será assimilado por outros membros da comunidade. No entanto, nem sempre é possível reencontrar as mesmas pessoas gravadas no primeiro contato. As razões são diversas e não estão sob o controle do/a pesquisador/a, como *mudança de endereço, perda de interesse na pesquisa, doenças ou morte*. A alternativa encontrada para superar esse problema é realizar novas gravações com outros representantes da mesma comunidade de fala com as mesmas características sociais da amostra anterior. Nesse caso, o estudo é chamado de *estudo de tendência*. Diferentemente do estudo de painel, o estudo de tendência evidencia a variação e a mudança linguística *na comunidade*. Além disso, uma vez que as amostras de fala da comunidade são obtidas em duas sincronias diferentes, essa técnica permite determinar, com relativa segurança, se há ou não um processo de mudança linguística na comunidade estudada (BAGNO, 2017).

Para a análise de um fenômeno variável é imprescindível o uso de ferramentas que possibilitem tratamento quantitativo adequado dos dados. O estudo da variação e da mudança linguística lida com grande quantidade de dados – o/a pesquisador/a certamente irá se deparar com centenas ou mesmo milhares – e uma abordagem estritamente qualitativa não daria conta de analisar e descrever fenômenos variáveis. Segundo Guy e Zilles (2007), a abordagem quantitativa tem se tornado essencial para o estudo da variação e da mudança linguística:

Cada vez mais, portanto, a pesquisa dialetal vem se amparando no aparato-padrão da metodologia quantitativa, incluindo o uso de tabelas e gráficos para a apresentação de dados, medidas estatísticas para *resumir* os dados e fazer inferências sobre eles, testes de significância e confiabilidade e técnicas analíticas quantitativas (GUY; ZILLES, 2007, p. 20, grifos dos autores).

Para a abordagem quantitativa, a Linguística dispõe de diversas ferramentas computacionais, como o Varbrul (CEDERGREN; SANKOFF, 1974), sua versão mais nova para o ambiente *Windows*, chamada *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e o R (R Core Team, 2014), que realizam tarefas indispensáveis para as análises estatísticas, como cálculos de porcentagens e pesos relativos, testes de qui-quadrado e outros testes de significância estatística, por exemplo. O *software* utilizado para as análises quantitativas na presente pesquisa será o pacote *GoldVarb X*.

A primeira etapa do trabalho com o *GoldVarb X* consiste em encontrar as ocorrências da variável dependente e os fatores linguísticos e sociais que atuam sobre cada uma e, posteriormente, codificar cada ocorrência na forma de cadeias de caracteres. O primeiro caractere da sequência representa a variável dependente²¹ e os demais representam cada fator presente no contexto em que a variável dependente foi encontrada. As ocorrências são então reunidas em um arquivo de dados.

As etapas posteriores variam de pesquisa para pesquisa, portanto, serão mencionados apenas alguns procedimentos mais elementares. Após a codificação, o *GoldVarb X* oferece a possibilidade de visualização dos dados em formato de tabela, com o número de ocorrências e porcentagens de cada variante em relação a cada fator codificado. A visualização geral em tabela é fundamental para observar possíveis problemas de assimetria na distribuição dos dados e identificar *knockouts*²². Esses problemas podem ser solucionados através de um arquivo de condições, gerado pelo *GoldVarb X*, que também possibilita refinar a análise.

Em linhas gerais, a análise quantitativa com o *GoldVarb X* fornece resultados numéricos para que o/a pesquisador/a possa, então, interpretá-los. É

²¹ Na versão mais atual do Varbrul, é possível alterar a variável independente por qualquer variável dependente já codificada, modificando o arquivo de condições.

²² *Knockout*, segundo Guy e Zilles (2007), é um fator cujo valor corresponde a uma frequência de 0% ou 100% em determinado contexto, sobrepondo-se ao efeito de quaisquer outros fatores presentes. Durante a rotina de cálculos realizados pelo programa, são feitas divisões pela fração de aplicações e não aplicações da regra variável. Devido a isso, se a frequência de aplicação de um fator é 100%, seu peso relativo será 1; de forma correlata, se a frequência de aplicação for 0%, o peso relativo será 0 e, não sendo um caso de variação, não há porque continuar a análise com esse fator.

de grande importância questionar *o que significam esses números*. Como descrevem Guy e Zilles:

Munidos desses resultados [numéricos], a fase final do trabalho do lingüista começa: a de interpretação e explicação. Os números não são a resposta a nenhuma de nossas perguntas; eles são apenas estatísticas inferenciais adicionais que podemos usar como indicadores empíricos na nossa busca por respostas (GUY; ZILLES, 2007, p. 42).

A interpretação dos resultados é, em sua essência, *qualitativa*. Uma explicação satisfatória para fenômenos linguísticos em variação deve ser capaz de identificar, quantitativa e qualitativamente, quais os mecanismos que impulsionam a variação e a mudança linguística. Os resultados quantitativos são, em suma, o ponto de partida para que se busquem explicações qualitativas sobre o fenômeno pesquisado.

4.2 A Amostra Analisada

Serão analisadas, nessa pesquisa, entrevistas sociolinguísticas do banco de dados do Projeto Português Falado na Cidade de Vitória (PortVix). O PortVix surgiu do interesse de formar um banco de dados para o estudo da fala de Vitória, uma vez que, mesmo após 460 anos desde sua fundação, ainda não havia um registro sistemático da fala capixaba (YACOVENCO et al., 2012, p. 772). Entre 2001 e 2003, foram gravadas quarenta e seis entrevistas sociolinguísticas com falantes naturais de Vitória e residentes na cidade, distribuídos em quatro faixas etárias, três níveis de escolaridade e de acordo com seu sexo, conforme a Tabela 13:

Tabela 14 – Distribuição dos falantes no banco de dados do PortVix

Idade	07-14		15-25		26-49		Maior que 49		Total
Sexo	H	M	H	M	H	M	H	M	
Ensino Fundamental	4	4	2	2	2	2	2	2	20
Ensino Médio	-	-	3	3	2	2	2	2	14
Ensino Superior	-	-	2	2	2	2	2	2	12
Total =									46

Fonte: retirada de Yacovenco et al. (2012, p. 777)

Buscou-se, nas entrevistas, o vernáculo, isto é, o estilo em que a atenção ao monitoramento da fala é mínimo (LABOV, 2008 [1972], p. 244). Entretanto, a gravação das entrevistas permitiu que fosse registrada, na maior parte dos casos, a fala monitorada, devido ao já mencionado paradoxo do observador (cf. seção 4.1.1). Foram adotados, portanto, diversos meios de contornar esse problema, com especial destaque para o envolvimento emocional da pessoa entrevistada ao relatar situações vividas por ela em que houvesse risco de vida (YACOVENCO *et al.*, 2012, p. 777).

As três variáveis sociais levadas em consideração pelo PortVix (e também nesta dissertação) foram a) faixa etária do falante; b) sexo; e c) nível de escolarização.

A distribuição dos dados ao longo das faixas etárias dos falantes poderá evidenciar se a variação da estrutura relativa apresenta comportamentos distintos entre falantes mais jovens ou de idade mais avançada, permitindo verificar uma possível mudança em curso. Tarallo (1983) mostra que a relativa cortadora é uma inovação no português brasileiro, com índices crescentes a partir do século XIX. No entanto, como salienta Vale (2014), as pesquisas mais recentes têm mostrado que os contextos estruturais já se encontram praticamente vencidos, uma vez que a relativa padrão preposicionada está praticamente ausente do português brasileiro falado. Em outras palavras, a variação de relativas preposicionadas tem se restringido apenas às variantes copiadora e cortadora: o “corte da preposição” é uma estratégia empregada com notável consistência no PB atual.

Em relação à variável sexo/gênero, será testado o postulado laboviano de que as mulheres tendem a recorrer mais a formas de prestígio que os homens (LABOV, 2008 [1972], pp. 281-282).

A relativa padrão preposicionada parece estar relacionada à intervenção da escola, testada a partir do grau de escolarização dos indivíduos (CORRÊA, 1998). Espera-se encontrar resultados que atestem estar os falantes mais escolarizados apresentando índices mais expressivos da relativa padrão preposicionada. Em relação aos falantes menos escolarizados, temos como

hipótese que empregarão mais as relativas cortadoras e copiadoras do que os mais escolarizados.

Descrevemos, a seguir, as variáveis linguísticas que serão levadas em conta para as análises empreendidas na presente pesquisa.

4.3 Variáveis Analisadas

Para a análise das estratégias de relativização nos dados do PortVix, serão levados em consideração grupos de fatores previamente testados, ainda que alguns deles não tenham sido estatisticamente relevantes em outras amostras. Tomamos como principais referências, conforme exposto no capítulo 3, os trabalhos de Mollica (1977; 1997), Tarallo (1983), Corrêa (1998), Silva e Lopes (2007) e Vale (2014).

4.3.1 A variável dependente

Conforme já exposto, a variável dependente, isto é, o fenômeno variável estudado no presente trabalho, é composto por três variantes: relativa sem cópia pronominal, relativa copiadora e relativa cortadora. A análise consistirá, primeiramente, em separar as orações segundo a função sintática do pronome relativo, uma vez que há diferenças significativas entre as estratégias de relativização utilizadas em funções não preposicionadas e preposicionadas. Em funções não preposicionadas (sujeito e objeto direto), a variável é binária, podendo ser realizada sem cópia ou com cópia. Os exemplos abaixo ilustram as variantes sem cópia e com cópia nas funções de sujeito (35a-b) e objeto direto (36a-b), respectivamente:

(35) a. eu acho que tem **muita gente boa que fica de fora** e até desiste... e tem cada coisa horroroso::sa que passa (PortVix: M-2-Superior)

b. se bem que existem/ existem **FILmes... que eles ficam sem graça na televisão** né? (PortVix: M-4-Superior)

(36) a. [...] NOSsa Deus coMER MESmo eu não como... só se for num **churrasco que a gente faz em casa** mas na PRAia com o pessoal vendendo eu não como não (PortVix: M-2-Superior)

b. só conheci **uma menina que assassinaram ela**... acho que foi o ano passado /retrasado (PortVix: M-2-E. Médio)

Em funções preposicionadas, as três variantes são possíveis. A relativa padrão preposicionada é assim denominada por haver uma preposição que antecede o pronome relativo. A copiadora é caracterizada pelo preenchimento da posição sintática do antecedente no interior da oração relativa, seja por um elemento pronominal, adverbial ou mesmo um sintagma nominal. Por fim, a relativa cortadora tem como principal característica o “corte” da preposição (TARALLO, 1983) na oração relativa concomitantemente ao apagamento da cópia, quando esta é possível, como discutiremos mais adiante. Os exemplos (37) ilustram, respectivamente, um caso de relativa padrão preposicionada (37a), copiadora (37b) e cortadora (37c):

(37) a. eu falei bem assim “vamos entrar aqui/vamos entrar aqui”... aí:: **nisso**²³ **em que /em que eles iam entrar junto comigo** tava vindo uns carro (PortVix: H-1-EF)

b. e tinha uma **V.** também que era da era professora de português também... **que eu gostava muito dela** (PortVix: F-3-EF)

c. abaixo dos dezoito tem várias coisas emPREgo você consegue mas você não consegue dirigir não tem carte::ra tem **várias coisas que precisa** às vezes com dezoito você não tem caBEça e:: no:: faz besteira não adiANta ter filho (PortVix: H-2-ES)

Feitas essas considerações sobre o comportamento distinto do fenômeno para funções preposicionadas e não preposicionadas, analisaremos os dados separadamente, de acordo com as possibilidades de relativização de cada função sintática.

²³ Consideramos o demonstrativo “nisso” equivalente a “no momento”. É importante notar a pausa seguida de alongamento vocálico (aí::), que podem ser interpretados como recursos de planejamento da fala. A sequência truncada da preposição com o relativo (em que), mesmo que tenha sido realizada duas vezes, foi contabilizada como sendo apenas um dado.

4.3.2 As variáveis linguísticas

Listamos, na presente seção, as variáveis linguísticas consideradas relevantes para a análise do fenômeno. Para tanto, foram tomadas como principais trabalhos norteadores as pesquisas de Mollica (1977; 1997), Tarallo (1983), Silva e Lopes (2007) e Vale (2014). Ao todo, foram levados em consideração oito variáveis linguísticas, além das três variáveis sociais dos indivíduos entrevistados na amostra PortVix.

4.3.2.1 Função sintática do pronome relativo

Inicialmente, havíamos codificado as funções sintáticas exercidas pelo relativo segundo a Hierarquia de Acessibilidade proposta por Keenan e Comrie (1977), isto é, sujeito, objeto direto, objeto indireto, complementos oblíquos e genitivo. Entretanto, observamos que, sob o rótulo de *complementos oblíquos*, as relativas com valor de adjunto adverbial de tempo não apresentavam a variante copiadora, ou seja, notamos que estruturas como (38a, relativa padrão preposicionada) admitiam variação com (38b, cortadora de preposição), mas não com (38c, copiadora – dado adaptado), assim como observado por Mollica (1977):

(38) a. acho que vai incentivando quem tá vendo as coisas funcionando e realmente acho que nós vamos chegar **num ponto em que a sociedade vai tar envolvida e ajudando... voluntariamente** né? (PortVix: M-3-ES)

b. às vezes minha irmã também vai mas tem vez que ela não vai **no horário que eu vou...** ela vai às vezes no sá::bado (PortVix: F-4-EF)

c. *às vezes minha irmã também vai mas tem **vez que ela não vai no horário que eu vou nele...** ela vai às vezes no sá::bado

De igual modo, as relativas de adjunto adverbial de modo também não admitem a variante copiadora. Destacamos que foi encontrada apenas uma ocorrência da relativa padrão nessa função sintática e, ainda assim, não se trata

de uma relativa padrão preposicionada, já que foi encabeçada pelo relativo *como*.

(39) a. não que perca a idéia da mensagem **a forma como ela é passada...** pra mim eu acho muito:: teatral vamos dizer assim... mas agora pra noventa e nove vírgula nove por cento das pessoas que tão lá dentro tão querendo isso entendeu? (PortVix: M-3-ES)

(39) b. eles/ assim/ acaba/ é perde a inocência... então as vezes assim... ou... amadurece de **um jeito que não era pra amadurecer...** sabe? (PortVix: F-2-ES)

(39) c. eles/ assim/ acaba/ é perde a inocência... então as vezes assim... ou... amadurece de **um jeito que não era pra amadurecer com ele/dele...** sabe? (exemplo adaptado)

A variante preposicionada *um jeito com o qual* parece ser possível, se considerarmos as regências verbais aceitas por esse complemento: 1) *não era pra amadurecer com esse jeito* ou 2) *não era para amadurecer desse jeito*, por exemplo. Atribuímos esses comportamentos idiossincráticos ao antecedente (*forma, jeito, modo* etc.) e, embora tenhamos observado que há restrições em relação ao uso da relativa padrão preposicionada ou da relativa padrão encabeçada pelo relativo *como*, reunimos todos esses casos sob a classificação de *relativas de advérbio de modo*.

No entanto, a variante cortadora não é uma estrutura correlata à relativa padrão encabeçada pelo relativo *como*, isto é, a relativa cortadora só é assim considerada em relação à relativa padrão preposicionada, e não à relativa encabeçada com outro pronome. Uma vez que não pudemos realizar a análise de regra variável com a relativa nessa função somente com o relativo *que*, optamos por analisar tais dados a partir de uma abordagem estritamente qualitativa.

A impossibilidade de haver a variante copiadora nas relativas de advérbio de tempo nos levou a incluir essa função apenas nas rodadas binárias entre a variante padrão preposicionada e a cortadora. Diante dessa questão, percebeu-se que as funções sintáticas da Hierarquia de Acessibilidade de Keenan e Comrie (1977) não nos permitiriam levar em consideração tais comportamentos.

Por fim, os dados foram codificados de acordo com as seguintes funções sintáticas:

4.3.2.1.1 Sujeito

Pesquisas como as de Mollica (1977), Tarallo (1983), Silva e Lopes (2007) e Vale (2014) têm atestado alta produtividade da função de sujeito, sendo a função sintática mais frequente em todos os casos. Segundo Silva e Lopes (2007), o alto índice de relativas de sujeito (e também de objeto direto), isto é, funções não preposicionadas, pode estar sendo responsável pelo enfraquecimento semântico do *que* como um pronome anafórico, generalizando a estrutura superficial semelhante à cortadora em todas as demais posições sintáticas (SILVA; LOPES, 2007, p. 97). Reproduzimos, abaixo, os exemplos anteriormente elencados (35a-b), ilustrando a relativa padrão e a copiadora de sujeito:

- (35) a. eu acho que tem **muita gente boa que fica de fora** e até desiste... e tem cada coisa horrorosa:: que passa (PortVix: M-2-ES)
- b. se bem que existem/ existem **FILmes... que eles ficam sem graça na televisão** né? (PortVix: M-4-ES)

4.3.2.1.2 Objeto Direto

Outra função sintática não preposicionada é a de objeto direto. Exemplificamos abaixo, mais uma vez, retomando exemplo anteriormente citado:

- (36) a. [...] NOSsa Deus coMER MESmo eu não como... só se for num **churrasco que a gente faz em casa** mas na PRAia com o pessoal vendendo eu não como não (PortVix: M-2-ES)
- b. uma pessoa assim pra... sair com você... uma pessoa **companhia; assim que você pode chamar ela; pra ir em todos lugares** entendeu? (PortVix: M-1-Fundamental)

Assim como previsto por Keenan e Comrie (1977) e atestado por Tarallo (1983) e Vale (2014), a relativização de objeto direto desfavorece a relativa copiadora e, por isso, esperamos encontrar resultados semelhantes em nossos dados.

4.3.2.1.3. Objeto Indireto

A função de objeto indireto é, por sua vez, menos produtiva que a de objeto direto. Tarallo (1983) encontrou 76 dados nessa função, enquanto em Vale (2014) foram registradas apenas duas ocorrências. Em nossa amostra, encontramos apenas uma ocorrência de objeto indireto relativizado, em uma relativa cortadora:

(40) então:: essa questão de:: ... São:: ... São Agostinho São:: **Santo Antônio que o pessoal pede muito pra casar** ... ((risos)) ... ah! Eu casei porque Santo Antônio ajudou (PortVix: M-2-EM)

Não sendo um dado variável, essa ocorrência foi excluída da análise.

4.3.2.1.4 Complemento Oblíquo

A classificação de complemento oblíquo compreende as funções sintáticas de complemento relativo e circunstancial (preposicionado), assim definidos por Rocha Lima (2011, p. 311-313):

[o complemento relativo] é o complemento que, ligado ao verbo por uma preposição determinada (*a, com, de, em*, etc.), integra, com o valor de objeto direto, a predicação de um verbo de significação relativa. [...] Não corresponde, na 3ª pessoa, às formas pronominais átonas *lhe, lhes*, mas às formas tônicas *ele, ela, eles, elas*, precedidas de preposição. [...]

[o complemento circunstancial] é um complemento de natureza adverbial – tão indispensável à construção do verbo quanto, em outros casos, os demais complementos verbais (ROCHA LIMA, 2011, p. 311)

No entanto, as ocorrências de complemento circunstancial tradicionalmente classificadas como *adjunto adverbial de tempo* foram computadas separadamente. Não foram encontrados casos da relativa padrão preposicionada de complemento oblíquo, o que corrobora a proposta de Silva e

Lopes (2007) de que esse resultado indica estar havendo uma mudança na estrutura superficial, que passa a ser igual à de sujeito e de objeto direto, isto é, encabeçada pelo relativo sem a preposição. Ilustramos exemplos da relativa copiadora (41a), cortadora (41b) e padrão preposicionada (41c e d, exemplos adaptados) de complemento oblíquo. A variação, na função de complementos oblíquos, é binária, comportando a variante copiadora e a cortadora:

(41) a. te /**essa senho::ra que eu falei com ela...** se ela vê que cêis falam isso ela vai contar e mui::to ainda pra vocês (PortVix: F-2-Fundamental)

b. muito lindo você vê... que você tá com **uma pessoa que você gosta** né? (PortVix: F-2-Fundamental)

c. **essa senhora com que eu falei** (adaptado)²⁴

d. **uma pessoa de que você gosta** (adaptado)

4.3.2.1.5 Locativos

A relativização de locativos inclui advérbios de lugar, complementos de verbos com ideia de movimento (*ir, voltar, chegar* etc.) (42a), verbos intransitivos (42b) e copulativos (42c). Agrupamos todas essas funções por terem em comum antecedentes que veiculam ideia de lugar:

(42) a. é ... por isso mesmo ... tem antigamente né os bloco mesmo pra dançar de carnaval tem **os BLOcos né que os homens vão vestido de muLHER::** tal a:: isso aí eu não vou não vou não isso aí é muita zuação (PortVix: M-2-Superior)

b. oh agora que eu tô até parada... entendeu?... aonde eu trabalhava fechou... **a loja que eu trabalhava** fechou (PortVix: F-3-Fundamental)

c. acredito muito em energia... cê tá pensando uma coisa positiva e aquilo atrair cê tá pensando numa coisa negativa e aquilo atrair as coisas

²⁴ Destacamos, também, a possibilidade de terem sido usados outros relativos, como “quem” e “a qual”.

negativas pra você... até isso é um pouco do espiritismo até se **no ambiente que você tá** se é um ambiente carregado de pessoas/... no bar enchendo a cara... não sei... aqueles espíritos estão ali por volta convivendo com aquelas pessoas em volta né (PortVix: M-3-Superior)

Os antecedentes relativizados como *lugar* incluem palavras que designam lugares específicos ou instituições (estacionamento, loja, igreja etc.), palavras que fazem referência a um lugar menos especificado (lugar, local etc.), eventos/objetos com noção de lugar (show, festa, cena, computador, jogo etc.). Foi atribuído o mesmo código para todos esses casos.

A relativização, nessa função, admite as três variantes, mas nossos dados mostraram que a relativa padrão ocorre apenas com o pronome relativo *onde*. Todos os nossos dados com esse relativo fazem referência exclusiva a lugar.

(43) nã::o... lá no/ na:: no **colégio onde eu dava aula** por exemplo as colegas faziam mas era lá em Colatina (PortVix: F-4-Médio)

Por fim, observamos que a cópia de adjunto adverbial de lugar não é realizada com um pronome lexical como *e/e(s)* ou *ela(s)*, mas com o dêitico “lá”:

(44) a. quer dizer né? pela ótica a gente vê assim... é **um lugar_i que tá todo mundo lá_i ale::gre** já é um bom negócio (PortVix: M-4-Superior)

b. eu me lembro que tinha:: **uma discoteca_i que tinha um monte de luz lá_i:: color_i::da** (PortVix: M-1-Fundamental)

Assim como na relativização de complementos oblíquos, a função de locativos, quando encabeçada com o relativo *que*, é binária, com a variante copiadora e cortadora. Quando encabeçada por *onde*, é considerada padrão, mesmo que (embora seja possível) não apresente preposição.

4.3.2.1.6 Advérbio de Tempo

Na função adverbial de tempo, identificamos os casos em que o antecedente era constituído por vocábulos como *hora*, *tempo*, *vez*, *momento* etc. Como discutido em 4.3.2.1, Mollica (1977) já havia atestado a impossibilidade da relativa copiadora em função de advérbio de tempo. Nossos resultados

corroboram tal afirmação na medida que não foi encontrado sequer um dado da relativa copiadora nesse caso. Seguem exemplos da relativa padrão preposicionada (45a) e cortadora (da preposição) (45b) de advérbio de tempo:

(45) a. a gente passou um tempo até::... vivendo de ajuda... dos outros ... porque::... foi **o tempo em que::... ‘tava a transação... negociação de... fundo de garantia** que não tinha saída... ele ‘tava recebendo:: um salário mínimo no INSS... bem baixo (PortVix: M-2-Médio)

b. eu não tenho... o medo né... quando você não tem medo você não... **o dia que eu for assaltado...** acho que eu vou começar... ((risos))... a me proteger (PortVix: M-2-Superior)

4.3.2.1.7 Complemento Nominal

Outra função sintática analisada foi a de complemento nominal. Foram registradas apenas quatro ocorrências, listadas em (46a-d):

(46) a. a história é muito legal entendeu ou então pa :: **alguma coisa que cê tem curiosidade** sobre o escorpião REI (PortVix: M-2-Superior)

b. **É uma coisa que a gente tem que tá bem ligado** é comida né? (PortVix: M-2-Superior)

c. quando você pega o camaRÃO /você /tem gente que come ele com casca e sem casca agora o camarão com CASca se você for comprar:: assim:: eu acho que:: **o camarão que você tem mais assim:: que devia ter mais cuiDado** é o camarão que você compra no mercado (PortVix: M-2-Fundamental)

d. é **um curso_i que você é:: ao final dele_i** você vai estar apto a lidar com a sociedade diretamente a conviver com os problemas sociais né? (PortVix: M-3-Superior)

Como se pode observar, dos quatro casos de relativização de complemento nominal, três foram de relativas cortadoras e 1 de relativa copiadora. Além da função de complemento nominal, a de adjunto adnominal foi pouco produtiva, com apenas 1 ocorrência. Não incluímos na análise de pesos

relativos nenhuma dessas duas funções. Abaixo, apresentamos o único dado de adjunto adnominal: uma relativa copiadora.

(47) se você quiser alguma **profissão: que você não tenha amor a ela**; você nunca vai nela por que ela não vai dá certo pra você (PortVix: M-4-Fundamental)

4.3.2.1.8 Genitivo

O controle dessa função sintática tem como objetivo a constatação da obsolescência do relativo *cujo*, atestada em outros trabalhos, como o de Tarallo (1983), que encontrou apenas 1 ocorrência e Vale (2014), com duas. Também buscamos testar a afirmação de Keenan e Comrie (1977) de que essa função sintática, em relação a todas as demais analisadas no presente trabalho, é a mais suscetível de apresentar a cópia. Apresentamos, a seguir, exemplos da relativa cortadora (48a) e copiadora (48b) de genitivo.

(48) a. se fosse só pra reproduzir ... faça isso ou faça aquilo ... então ... poderia botar uma outra pessoa que 'tá ali ... mas esse não é o meu meu trabalho ... e EU TEenho a FELicidade de ter ... trabalhar **numa escola que a equipe é muito::... reflexiva**²⁵ (PortVix: F-3-Superior)

b. aí você assiste aquele filme de terror ... aí você chega em CAsa aSSIM:: aí você fica ouv /ouvindo aqueles baRUIho... que nem a vez que eu vi aquele filme da:: /da **menina; lá que o diabo entra no corpo dela**; (PortVix: M-2-Fundamental)

Não houve, na amostra analisada, a relativização padrão de genitivo, isto é, com o pronome relativo *cujo*, o que poderia estar relacionado ao seu desuso, assim como constatado por Oliveira e Cyranka (2013) em trabalho sobre a escrita jornalística, realizado com estudantes do ensino fundamental.

²⁵ Interpretamos esse dado como se o sintagma nominal relativizado fosse “a equipe da escola”, cuja forma padrão preposicionada seria “numa escola da qual a equipe é muito reflexiva”. Não desconsideramos, no entanto, a possibilidade de ser “a equipe na escola”, sendo a forma padrão preposicionada “numa escola em que a equipe é muito reflexiva” ou, ainda, “numa escola cuja equipe é muito reflexiva”.

Tendo em vista que há diferenças entre as estratégias de relativização em diferentes funções sintáticas, tentaremos argumentar que o sistema de relativização com o relativo *que* pode ser organizado em subsistemas, tomando como base os dados da amostra PortVix aqui analisados. Vejamos, em primeiro lugar, as funções não preposicionadas.

O primeiro subsistema é o da relativização de funções não preposicionadas. Como já descrito em 4.3.2.1.1, e 4.3.2.1.2, a relativização de sujeito e objeto direto varia entre a estratégia sem cópia e com cópia:

Quadro 2 – Relativização de sujeito e objeto direto

Função Sintática	Sem cópia pronominal	Com cópia pronominal
Sujeito	X	X
Objeto Direto	X	X

Admite-se que a relativização de funções preposicionadas constitui uma variável ternária. Entretanto, caso se considere apenas a relativização com o relativo *que*, as possibilidades de variação diferem a depender da função sintática do relativo. As relativas de advérbio de tempo alternam apenas entre a relativa padrão preposicionada e a cortadora (cf. exemplos 44a-b).

Quadro 3 – Relativização de adjunto adverbial de tempo

Função Sintática	Padrão preposicionada	Cortadora
Adj. Adv. Tempo	X	X

Em nossos dados, as funções de complemento oblíquo e genitivo, quando relativizadas com o *que*, apresentam variação binária, com a relativa copiadora (com cópia pronominal) e a cortadora (com apagamento da preposição antecedendo o pronome relativo).

Quadro 4 – Relativização de complemento oblíquo e genitivo

Função Sintática	Com cópia pronominal	Cortadora
Comp. Oblíquos	X	X
Genitivo	X	X

As relativas copiadoras de locativo têm como cópia não um pronome lexical como *ele* ou *ela*, mas o dêitico *lá*. Decidimos, portanto, realizar a análise de pesos relativos dessa função separadamente. Destacamos que a variante padrão preposicionada em função de locativo e de complemento oblíquo não foi encontrada em nossa amostra.

Quadro 5 – Relativização de locativos

Função Sintática	Copiadora (com cópia do dêitico <i>lá</i>)	Cortadora (com corte da preposição ou da cópia com preposição)
Locativos	X	X

A organização desses subsistemas (ou subgrupos) de funções sintáticas e possibilidades de relativização tem como principal objetivo garantir análises nas quais o emprego do relativo *que* seja regular. Os subgrupos serão analisados em rodadas separadas. Além disso, espera-se que as posições sintáticas mais baixas, seguindo a Hierarquia de Acessibilidade (KEENAN; COMRIE, 1977), favoreçam a relativa copiadora.

4.3.2.2 Traço humano do antecedente

As pesquisas de Mollica (1977; 1997) sobre o traço humano nas relativas mostram que antecedentes [+ humanos] favorecem a realização de pronome anafórico, resultando na relativa copiadora. Controlamos essa variável com o objetivo de testar seu efeito em nossa amostra. Em (49a-d), apresentamos exemplos de uma relativa com antecedente [+ humano] e [- humano] com cópia e sem cópia, respectivamente:

(49) a. uma pessoa assim pra... sair com você... **uma pessoa** companhia assim que você pode chamar ela pra ir em todos lugares entendeu? (PortVix: M-1-Fundamental)

b. eu já /vi/ já conheci CASos que deram certo aí já apareceram na televisÃ::o **pessoas que se coNHE::cem na internet** VÃO ele combinam um horá::rio tal se GOstam até se CASam e continuam juntos (PortVix: M-2-Superior)

c. tirar do sério? ó pa tirar do sério tem que pisar no meu calo ou tem que me contrariar mu::into ou tem que fazer **uma coisa que eu não goste mesmo** entendeu ou me xinGAR:: ou me provoCAR fora isso eu não esquento (PortVix: M-2-Superior)

d. se você quiser **alguma profissão que você não tenha amor a ela** você nunca você vai nela por que ela não vai dá certo pra você (PortVix: M-4-Fundamental)

4.3.2.3 Distância

O conceito designado como *processamento sintático* (MOLLICA, 1977; 1997; TARALLO, 1983) relaciona-se à distância entre os elementos que compõem as orações relativas. Tarallo (1983) controlou diferentes casos de distância, como orações intercaladas, pausas e outras orações à esquerda do pronome relativo ou à direita, entre outros. Em seus resultados (cf. Tabela 5), Tarallo (1983) constatou que a distância *após o pronome relativo* foi o fator sintático que apresentou maior favorecimento para a realização da cópia.

Vale (2014), por sua vez, controlou, considerando o número de sílabas, a distância entre o pronome relativo e a posição canônica ocupada pela cópia na relativa. Esse grupo de fatores ficou organizado em: i. nenhuma sílaba; ii. de uma a cinco sílabas; iii. de seis a nove sílabas; iv. mais de nove sílabas. Os resultados de Vale (2014) mostram que a variável *distância* não foi estatisticamente significativa e, portanto, foi rejeitada nas etapas de *stepping-down*. Entretanto, testaremos o efeito desse grupo de fatores na amostra PortVix. Os fatores relacionados à distância foram codificados tais como Vale (2014) realizou, considerando o número de sílabas. Tendo em vista os já mencionados

resultados de Tarallo (1983) de que a distância após o pronome relativo é a que mais favorece o emprego da cópia, optamos por levar em consideração o mesmo contexto na codificação da variável relacionada à distância, isto é, a distância, em número de sílabas, após o pronome relativo. Temos como hipótese que quanto maior for a distância entre o pronome relativo e a posição canônica da função sintática exercida pela cópia, maior a probabilidade de ser utilizada a variante copiadora. Em (49a-d), estão listados exemplos de relativas com cada uma das distâncias, tais como codificadas em nosso *corpus*:

(50) a. ela é **uma pessoa_i que ela_i pode estar em qualquer lugar** conversar sobre qualquer assunto em qualquer lugar (PortVix: F-4-Superior – distância zero)

b. aí chegava no quinze anos **esse menino_i que eu gosto dele_i** falava bem assim pra mim (PortVix: F-2-Fundamental – distância de uma a cinco sílabas)

c. eu também me disponho a ir:: né:: **minha irmã_i que... também... se precisar... ela_i vai...** mas eu gosto... gosto de cuidar... eu gosto né? (PortVix: F-3-Médio – Distância de seis a nove sílabas)

d. Olha só, apesar da/da polícia militar desenvolver esse/vários papéis, né, sociais, ela é **uma instituição_i que eu acho que pela maioria da população ela_i é uma instituição mal vista** (PortVix: M-3-Superior – Distância de dez ou mais sílabas)

4.3.2.4 Tipo de preposição

As preposições foram separadas em dois grupos: com mais conteúdo e com menos conteúdo semântico, a fim de testar a probabilidade de apagamento (VALE, 2014). Para tanto, foram observados os casos em que a preposição foi expressa ou apagada. Espera-se que preposições com menos conteúdo semântico sejam mais facilmente apagadas. O tipo de preposição foi determinado da seguinte forma: por funcionar apenas como elemento de ligação entre o verbo e o complemento, foi atribuída a classificação de preposição *gramatical* quando a preposição pudesse ser substituída por outra sem que

houvesse alteração do sentido, ou, ainda, quando sua substituição causasse estranheza ao enunciado. Se, por outro lado, o significado do enunciado fosse alterado com a substituição de uma preposição por outra, então se trataria de uma preposição *lexical*, ou seja, uma preposição que contém carga semântica. Os exemplos em (51a-b) ilustram casos de preposição gramatical e (51c-d) casos de preposição lexical, respectivamente:

(51) a. aí chegava no quinze anos **esse menino que eu gosto dele** falava bem assim pra mim (PortVix: F-2-ES)

b. não sei se é por /por influência do bairro... das **pessoas que ele convive** na escola (PortVix: F-2-ES), preposição apagada: “com”

c. **essa senho::ra que eu falei com ela...** se ela vê que cêis falam isso ela vai contar e mui::to ainda pra vocês (PortVix: F-2-ES)

d. ia ser uma conta grande a não ser que a:: **a empresa... que eu trabalhasse** já me desse o VAle ia ser uma conta grande pra caramba (PortVix: F-2-ES) preposição apagada: “em”

Não é possível alterar as preposições encontradas em (51a-b), pois resultariam em enunciados não naturais na língua. Substituindo a preposição “de”, em (51a) por qualquer outra, como “com”, “a” ou “em”, a frase ficaria mal formada ou incompreensível. O mesmo acontece com (51b): a preposição apagada (com), se substituída por “em”, “para” ou “de”, resultaria em frases inaceitáveis. Por isso, as preposições empregadas nesses casos foram consideradas gramaticais, já que têm como principal função a de ligar o verbo ao complemento.

Nos exemplos (51c-d), a mudança de preposição acarretaria mudança de significado, a depender da preposição. Em (51c), se a preposição “com” for trocada por outras, como “por”, “sobre” ou “de”, o sentido da frase é alterado. O mesmo acontece com (51d), em que as preposições possíveis, “em” ou “para”, têm sentidos diferentes: pode-se trabalhar *em* uma empresa ou *para* uma empresa, sem que, neste último caso, se trabalhe necessariamente dentro de seu espaço físico. Esses últimos são exemplos de preposições lexicais.

4.3.2.5 Pronome relativo empregado

O último fator linguístico controlado foi o pronome relativo que encabeçava as orações relativas. O paradigma de relativos utilizados em nossa amostra é constituído pelos relativos *que*, *onde*, *como* e *quanto*, sendo esse último possível apenas quando o antecedente é a palavra *tudo*. Percebeu-se que, embora a palavra *tudo* admita relativização com *que* ou *quanto*, parece haver restrições em relação ao seu uso:

(52) a. eles não soltam é:: pega também:: **tudo quanto é tipo de bicho de/ fi/ de filhote** (PortVix: F-2-ES)

b. ele carrega **tudo que vem na maré** aí vem os peixinho eles não soltam/ mata/ acaba matando os peixinho (PortVix: F-2-ES)

As relativas encabeçadas por *tudo quanto* apresentam, categoricamente, o verbo copulativo *ser* em seu interior, com a expressão *tudo quanto é*, admitida também com o relativo *que*, em *tudo que é*. Uma vez que essas expressões não variam em relação à estratégia de relativização empregada, foram excluídas das análises de pesos relativos e consideradas apenas em relação à frequência de uso do pronome relativo empregado. Outros verbos que não o copulativo *ser* não são possíveis com o *quanto*, isto é, uma relativa como (52b) é possível se encabeçada por *que*, mas não por *quanto*, em (52b’):

(52) b’. *ele carrega **tudo quanto vem na maré** aí vem os peixinho eles não soltam /mata /acaba matando os peixinho

Destacamos que todos os relativos diferentes de *que* encabeçavam relativas padrão (sem cópia pronominal). Sendo assim, os pronomes relativos serão analisados em termos de frequência, tendo em vista o trabalho de Silva e Lopes (2007) que tomamos como ponto de partida para possíveis interpretações sobre a gramaticalização do *que*. Espera-se identificar baixa frequência de relativos como *onde* e *quanto*, reforçando o esvaziamento semântico atestado pelo alto índice de uso do relativo *que* em relação aos demais. Abaixo, estão exemplos de relativas encabeçadas com *que*, *onde* e *quanto*:

(53) a. eu acho que é por causa do remédio porque jogar lixo na rua não tem jeito não... tem **mui::ta gente que joga** (PortVix: F-1-Fundamental)

b. hoje você paga o seguro pela **localização onde você mora...** tem vários dados né? (M-4-Médio)

c. é só ligar a televisão domingo cê vê... a baixaria pela competição do Ibope em **tudo quanto é canal** não tem jeito (PortVix: M-3-Superior)

O pronome relativo *qual* foi excluído da análise por ter sido empregado apenas uma vez. O dado constitui um uso hipercorrigido, já que se relativizou um locativo regido pela preposição *em*, mas foi empregada a preposição *a*:

(54) você tem que dar eh ocupação ao preso... então o que você tem que fazer? você tem que montar **um presídio ao qual você tem um trabalho pra ele** (PortVix: M-4-Médio)

Em (54), o falante utilizou a preposição “a” em vez de “em”. Acreditamos que esse tenha sido um caso de hipercorreção. Segundo Bagno (2017), a hipercorreção é um

[...] fenômeno sociolinguístico que se observa quando um(a) falante ou uma comunidade de falantes, ao tentar se aproximar de um padrão ideal imaginário de língua “boa”, acaba “acertando demais” e se desviando tanto da gramática intuitiva da língua quanto da gramática normativa. Por isso é uma **hiper-** (do grego *hyper*, correspondente ao latim *super*, isto é, “sobre; acima de; demais; para além de; excessivo” etc.) **-correção**, uma correção excessiva, exagerada que acaba resvalando, a contragosto, no erro (BAGNO, 2017, p. 189).

4.3.2.6 Existencialidade

Tomamos como existenciais as sentenças iniciadas por verbos que estabelecem um tópico conversacional, como *ter* ou *haver*. Segundo Tarallo (1983), espera-se que as relativas precedidas de uma matriz existencial apresentem a anáfora pronominal. Em (55a-b) estão exemplos de uma relativa sem cópia e com cópia, cujo antecedente é o tópico vinculado ao verbo existencial:

(55) a. quando você pega o camarão/ você/ **tem gente que come ele com casca e sem casca** (PortVix: H-2-Fundamental)

b. eu acho que **tem uns garoto que:: eles trabalham assim::... trabalham assim tomando conta de carro** (PortVix: H-2-Fundamental)

4.3.2.7 Restritividade

Assim como Tarallo (1983), optamos por codificar as relativas restritivas e as não restritivas (também chamadas “apositivas” ou “explicativas”). Há de se notar que Tarallo (1983) considera essa distinção problemática tanto em relação ao papel desempenhado por cada uma delas quanto em relação às características que distinguem umas das outras: se são diferenças de natureza sintática, semântica ou pragmática (TARALLO, 1983, p. 83). Consideramos que as relativas restritivas e não restritivas pouco se diferem em sua configuração sintática. Em textos escritos, as relativas não restritivas se diferenciam das restritivas por serem separadas por vírgulas. Na fala, as não restritivas, diferentemente das restritivas, são intercaladas por pausas e entonação ascendente. Do ponto de vista semântico, levamos em conta a diferença de sentido descrita por Bechara (2009):

[...] a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas (BECHARA, 2009, p. 381).

Não discutimos as motivações pragmáticas que subjazem o uso variável das relativas restritivas e não restritivas. Em vez disso, mantivemos a diferenciação binária dessas classificações, restrita aos níveis sintático e semântico.

A análise inicial dos dados de Tarallo (1983) mostrou que as relativas não restritivas favoreciam o emprego da cópia. Os exemplos em (56a-b) são de relativas restritivas com cópia e sem cópia, respectivamente e, em (56c-d), de relativas não restritivas com cópia e sem cópia. Todos são exemplos reais da amostra PortVix:

(56) a. ah... eu tinha um [professor de direito]_i **que ele_i dizia assim::...**
que a/ a lei tá aqui... ali (PortVix: F-4-Superior)

b. tirar do sério? ... ó pa tirar do sério tem que pisar no meu calo ou tem que me contrariar mu::ito ou tem que fazer uma coisa **que eu não goste mesmo** entendeu? (PortVix: M-2-Superior)

c. emprego bom do/ pro grau de estudo não.... mas é/ mas pelo menos trabalham... né?... só [a minha mais nova]i... **que ela tem dezoito anos...** ela tá com um emprego mais ou menos melhorzinho... né? (PortVix:F-3-Fundamental)

d. tudo isso né... tecnologia de modo geral... **que eu falo...** é... beleza o mundo de HOje né? (PortVix: F-4-Superior)

4.3.2.8 Pluralidade

Na pesquisa de Mollica (1977), a relativização de sintagmas nominais com o traço [+ coletivo] desfavorecia o uso da anáfora, ou, dizendo de outra forma, antecedentes com o traço [+ singular] favoreciam a relativa copiadora. O traço coletivo foi definido por um critério semântico e um critério morfológico: a ideia plural ou coletiva do sintagma nominal antecedente e o morfema de plural (MOLLICA, 1977, p. 40).

Tarallo (1983) não descreve os critérios relacionados à pluralidade do antecedente. Sobre esse fato, podemos apenas inferir que foi levado em consideração o critério morfológico, já que os fatores dessa variável foram separados em “singular” e “plural”.

Em ambos os trabalhos, os resultados convergem: sintagmas nominais antecedentes com ideia singular favoreceram o emprego da relativa copiadora. Adotamos os mesmos critérios de Mollica (1977) para a seleção dos dados de antecedentes com ideia de plural ou de singular: marca morfológica e traço semântico. Em (57a-d), elencamos exemplos reais de relativas com antecedentes (sublinhados) de traço [+ plural] e [- plural], com cópia e sem cópia.

(57) a. eu tenho é::... diferentes formas de exposição... então existem **formas** **que elas são tão acelera::das**... que elas só SERvem como

aperfeiçoamento elas não servem como capacitação... entendeu? (PortVix: M-4-Superior)

b. [...] lá eles não dão muita colher de chá pra fotografar não ... mas também... **os países que eu fu::i** não conheço países ... eu conheço Bolívia Uruguai e Paraguai... só (PortVix: M-4-Superior)

c. diz um/ um parente meu que eu tenho **um sobrinho; que ele; é médico** mas ele mora em Brasília (PortVix: F-4-Fundamental)

d. aí eu faço **um bolo que ninguém resiste...** acaba em menos de dois três dias (PortVix: F-1-Fundamental)

4.3.2.9 Especificidade

Mollica (1977), em sua pesquisa, distinguiu os antecedentes em “especificados” e “não especificados”. Os antecedentes considerados “especificados” eram caracterizados pela presença de artigo definido, pronome possessivo ou demonstrativo; os “não especificados”, por artigo indefinido, pronome indefinido (como “muito”, “muitas” etc.) ou qualquer vocábulo com ideia indeterminada (como gente, pessoa, coisa etc.) (MOLLICA, 1977, p. 38). Antecedentes não especificados favoreciam a presença da cópia, enquanto os especificados a desfavoreciam.

Embora com uma classificação diferente, Tarallo (1983) também buscou identificar os antecedentes que eram definidos ou indefinidos. O pesquisador esclarece que, apesar de fazer uma distinção binária nas análises, ele tentou estabelecer uma escala que vai do mais definido para o mais indefinido:

1. Artigo definido;
2. Artigo indefinido;
3. Nome próprio;
4. Adjetivo possessivo;
5. Adjetivo demonstrativo;
6. Adjetivo demonstrativo com sentido indefinido (como “esse cara”);
7. Superlativo;

8. Números e coletivos;
 9. Qualquer;
 10. Nenhum(a);
 11. Quantificadores existenciais (alguns, muitos, poucos etc.);
 12. Quantificadores universais (tudo, todos, ambos, cada etc.)
- (TARALLO, 1983, p. 85-86)

A partir da quantificação das ocorrências de sintagmas relativizados nessa escala, os fatores foram agrupados em apenas dois tipos: definidos e indefinidos:

[...] os subfatores anteriores foram agrupados em definidos (artigo definido, adjetivos possessivos, nomes próprios, superlativos, adjetivos demonstrativos puros e quantificadores universais) e indefinidos (artigos indefinidos, demonstrativos como indefinidos, quantificadores existenciais, números e coletivos e qualquer) (TARALLO, 1983, p. 86).

Pode-se notar que os critérios levados em consideração em ambos os trabalhos se aproximam. Entendemos que os antecedentes denominados por Mollica (1977) de “especificados” se aproximam daqueles que Tarallo (1983) chamou de “definidos”.

Codificamos os antecedentes como “especificados” e “não especificados”, conforme os critérios adotados por Mollica (1977). Listamos exemplos de antecedentes especificados e não especificados, com e sem cópia, abaixo:

- (58) a. eu tenho [**a minha cunha::da**]_i que::... ela_i era já membra de igreja há quase cinquenta anos né? (PortVix: F-4-Fundamental)
- b. Então cê faz uma/ **essa análise** que eu te falei (PortVix: F-3-Superior)
- c. isso aqui era tudo mangue... não existia casa aqui... tinha maruí era [**um bichinho miudinho**]_i que ele_i (morde) você (PortVix: M-4-Médio)
- d. ele xingou ela de **um nome** que eu não gostei entendeu? (PortVix: M-2-Médio)

4.3.2.10 Tipo de informação

Assim como Vale (2014), optamos por testar o efeito da variável relacionada ao tipo de informação do antecedente. Esse grupo reuniu três fatores: informação nova (referente mencionado pela primeira vez durante a interlocução), informação inferível (referente ausente do discurso, mas identificado por outras informações no discurso) e informação evocada (referente já mencionado).

Temos como hipótese que informações novas, evocadas pela primeira vez na interlocução, favoreçam o aparecimento da cópia, já que constituem uma entidade ainda não conhecida (e, provavelmente, não definida). De forma correlata, acreditamos que informações já mencionadas no discurso desfavoreçam a relativa copiadora. Os exemplos abaixo ilustram dados de antecedentes com informação nova, inferível e velha, respectivamente:

(59) a. ela ficou doidinha levaram tudo... tudo! deixaram só **uma sacolinha** que ela tava na mão (PortVix: F-2-Fundamental - informação nova: “uma sacolinha”)

b. eu já vi assim eu já perdi eu/ **uma colega minha** que ela tava com a pessoa errada na hora errada e no lugar errado:: no lugar errado não, ela tava na casa dela:: ela tava com a pessoa errada e deixou a pessoa errada entrar na casa dela (PortVix: M-2-Médio - informação nova: “uma colega minha”)

c. [...] acho aquela coisa de marqueteiro né? que vai atrás do cara e fala “ó... você tem esse perfil então vamos fazer assim”... eu votei no Lula... nas **duas vezes que eu votei pra presidente** votei no Lula (PortVix: F-2-Superior - informação inferível: “duas vezes”)

d. eu sou vascaíno mas o Romário... ((risos)) ele é **um jogador** que:: a época dele::... passou... gosto muito do futebol dele... pra mim ele é excelente (PortVix: M-2-Médio - informação inferível: “um jogador”)

e. [...] nós temos **um professor** aqui na engenharia... mamãe diz que ele é como criança... tem (nego) não importa dele ‘tá reprovado na disciplina dele... todo o mundo adora o cara [...] por exemplo **esse cara** que eu (citei) pra

vocês... ele deve ser um cara tremendamente fechado (PortVix: M-4-Superior - informação evocada: “esse cara”)

f. mas ela é **uma pessoa** que ela pode estar em qualquer lugar conversar sobre qualquer assunto em qualquer lugar (PortVix: F-4-Superior - informação evocada: “uma pessoa”)

4.4 Tratamento Estatístico com o GoldVarb X

Os dados foram processados quantitativamente com o programa computacional *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Após a etapa de codificação dos dados, o programa permite visualizar sua distribuição geral de acordo com a frequência de cada fator em relação às variantes analisadas. As diferenças entre os valores de frequência são confirmadas com testes de significância nas rodadas de *stepping-up* e *stepping-down*.

Durante a análise quantitativa, são calculados valores referentes à frequência de uso de uma variante quando determinado fator de um grupo de fatores está presente, chamado *input*. O *GoldVarb X* analisa individualmente cada grupo de fatores e atribui valores de *log likelihood* e de significância, selecionando aquele que apresentar o melhor valor de significância. Em seguida, inclui mais um dos grupos de fatores e, novamente, calcula os valores, testando a significância e os que são estatisticamente significativos, até que todos os grupos de fatores passem por essas etapas, chamadas de *stepping up*. Após as rodadas de *stepping up*, o programa reúne todos os grupos de fatores de uma vez e calcula sua significância, excluindo aqueles que não apresentam significância estatística. Essas etapas são denominadas *stepping down*. Como resultado, são obtidos os valores do peso relativo (PR) de cada um dos fatores estatisticamente significativos (GUY; ZILLES, 2007).

Os valores do peso relativo são calculados tendo em vista a variante levada em consideração e situam-se entre 0 e 1, sendo 0,5 o ponto neutro ou intermediário de fenômenos em variação binária. Quando um fator apresenta peso relativo maior que 0,5, dizemos que tal fator favorece uma das variantes.

De forma análoga, se o peso relativo de um fator for inferior a 0,5, esse fator a desfavorece.

Devido a limitações do *GoldVarb X*, as etapas de *stepping up e down* que fornecem os valores de pesos relativos somente são possíveis em fenômenos binários, isto é, com duas variantes. Uma vez que o fenômeno da relativização apresenta variação ternária, seguiremos as possibilidades de variação com *que*, organizadas de acordo com os subsistemas propostos nos quadros 2, 3, 4 e 5.

Devido a limitações do *GoldVarb X*, as etapas de *stepping up e down* que fornecem os valores de pesos relativos somente são possíveis em fenômenos binários, isto é, com duas variantes. Uma vez que o fenômeno da relativização apresenta variação ternária, seguiremos as possibilidades de variação com *que*, organizadas de acordo com os subsistemas propostos nos quadros 2, 3, 4 e 5.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Apresentamos, abaixo, os resultados gerais obtidos com os dados da amostra PortVix. Obtivemos um total de 2.785 dados. A tabela 15 traz a distribuição geral das três estratégias de relativização de acordo com a função sintática exercida pelo relativo.

Tabela 15 – Distribuição geral dos dados por função sintática do relativo na amostra PortVix

Função Sintática	Padrão ²⁶		Copiadora		Cortadora		Total (%)
	N	%	N	%	N	%	
Sujeito	1553	96	65	4	-	-	1618 (58,1%)
Objeto Direto	481	99,4	3	0,6	-	-	484 (17,4%)
Adv. Tempo	3	1	-	-	298	99	301 (10,8%)
Comp. Oblíquo	0	0	11	5,3	198	94,7	209 (7,5%)
Locativos	32	24	13	9,8	88	66,2	133 (4,7%)
Genitivo	0	0	8	44,4	10	55,6	18 (0,7%)
Adv. Modo	1	6,2	-	-	15	93,8	16 (0,6%)
Comp. Nominal	0	0	1	25	3	75	4 (0,1%)
Objeto Indireto	0	0	0	0	2	100	2 (0,1%)
Total (%)	2.070	74,3	101	3,6	614	22	2.785

Constata-se que a maior parte dos dados se encontra na posição de sujeito e objeto direto. Mais da metade dos dados (58,1%) corresponde à função de sujeito, o que confirma a alta produtividade dessa função, como já observado nas pesquisas de Mollica (1977), Tarallo (1983), Silva e Lopes (2007) e Vale (2014).

Como explicado na metodologia, separamos as funções sintáticas em quatro grupos, a depender de suas possibilidades de relativização. Iniciaremos a primeira análise com as funções de sujeito e objeto direto, que admitem as variantes padrão (sem cópia pronominal) e copiadora (com cópia pronominal).

²⁶ Reunimos sob o rótulo de “padrão” as relativas de sujeito e objeto direto sem cópia pronominal e, nas funções preposicionadas, as relativas que apresentaram a preposição antes do pronome relativo (relativa padrão preposicionada), conforme prevê a tradição gramatical, ou encabeçadas por um pronome relativo com conteúdo semântico, como “onde”.

5.1 Sujeito e Objeto Direto

A tabela 15 apresenta os dados da relativa em função de sujeito e objeto direto em relação às duas possibilidades de relativização, quais sejam, a variante sem cópia e a copiadora:

Tabela 16 – Distribuição da relativa sem cópia pronominal e copiadora segundo a função de sujeito e objeto direto

	Sem cópia		Copiadora		Total (%)
	N	%	N	%	
Sujeito	1553	96	65	4	1618 (77%)
Objeto Direto	481	99,4	3	0,6	484 (23%)
Total	2034	96,8	68	3,2	2102

Tais resultados mostram que a função de sujeito constitui contexto de efeito semicategórico (LABOV, 2003, p. 241-243). A frequência relativa às copiadoras na função de objeto direto foi de apenas 0,6% (efeito categórico), referente a três ocorrências, elencadas abaixo:

(60) a. só conheci **uma menina_i que assassinaram ela_i**... acho que foi o ano passado /retrasado (PortVix: M-2-Médio)

b. uma pessoa assim pra... sair com você... uma pessoa **companhia_i assim que você pode chamar ela_i pra ir em todos lugares** entendeu? (PortVix: M-1-Fundamental)

c. houve um caso de **uma música_i que eles fizeram que ... alguém já chegou e já... pegou essa música_i**... não sei se patentearam (PortVix: M-2-Médio)²⁷

²⁷ Há, nesse dado, uma sequência composta por duas relativas: “uma música que eles fizeram” e “que alguém já chegou e já... pegou essa música”, sendo esta última a relativa com cópia. Consideramos como antecedente o sintagma nominal “uma música”, mas não descartamos a possibilidade de que a segunda relativa possa estar correferente a “um caso de uma música”. Apesar da dupla possibilidade de interpretação, preferimos considerar a segunda possibilidade apenas para ilustrar a (única) ocorrência de cópia na forma de sintagma nominal encontrada em nosso *corpus*.

A relativa de sujeito teve frequência de 4% de copiadoras. Com isso, entre essas duas funções sintáticas, analisamos a variação apenas quando o relativo exercia função de sujeito.

Procedendo à análise de pesos relativos, realizamos as etapas de *stepping up e down* (GUY; ZILLES, 2007, p. 164) a fim de identificar os grupos de fatores que condicionam a presença da cópia pronominal na função de sujeito. As variáveis consideradas estatisticamente relevantes foram selecionadas na seguinte ordem pelo programa computacional *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005):

1. traço humano;
2. especificidade;
3. distância;
4. tipo de informação;
5. pluralidade;
6. nível de escolarização;
7. faixa etária.

Pudemos comparar a seleção das variáveis com os resultados de Mollica (1977), que realizou análise de regra variável com a função de sujeito, diferentemente dos outros trabalhos analisados. Não pudemos comparar nossos resultados com os de Tarallo (1983), já que a análise deste inclui todas as funções sintáticas nas rodadas, não conferindo tratamento estatístico específico para a função de sujeito.

O quadro abaixo mostra a ordem de seleção dos fatores na amostra PortVix em comparação com os da amostra Mobral (MOLLICA, 1977). Destacamos que Mollica (1977) não apresenta a ordem de seleção das variáveis, portanto, decidimos ordená-las de acordo com o valor de probabilidade que indica a força de atuação de cada uma delas.

Quadro 6 – Variáveis selecionadas em relativas de sujeito em duas amostras

Variáveis	Mobral (1977)	PortVix (2001 a 2003)
1	Distância	Traço humano
2	Traço humano	Especificidade
3	Especificidade	Distância
4	Pluralidade	Tipo de informação
5		Pluralidade
6		Escolarização
7		Faixa etária

As variáveis relacionadas às relativas com orações existenciais, ao sexo dos informantes e à restritividade foram descartadas, nessa ordem, durante a etapa de *step-down* pelo *GoldVarb X*. Analisaremos, individualmente, cada uma das variáveis selecionadas, comparando nossos resultados aos de Mollica (1977). Apesar das diferenças na apresentação dos resultados, decorrentes do uso de versões diferentes do Varbrul em cada pesquisa, faremos comparações que possibilitem visualizar as semelhanças entre os resultados dessas pesquisas.

5.1.1 Traço humano do antecedente

Assim como nas pesquisas de Mollica (1977; 1997) e Tarallo (1983), esse fator mostrou-se uma forte restrição para a relativa copiadora na função sintática de sujeito. Os exemplos abaixo ilustram relativas de sujeito com traço [+ humano] e [- humano], sem cópia e com cópia:

(61) a. eu acho que tem **muita gente boa que fica de fora** e até desiste... e tem cada coisa horrorosa:: que passa (PortVix: M-2-ES)

b. ela é **uma pessoa_i que ela_i pode estar em qualquer lugar** conversar sobre qualquer assunto (PortVix: M-4-ES)

c. cara acho que:: desemprego... é **uma coisa que estimula muito a criminalidade** (PortVix: M-2-ES)

d. se bem que existem/ existem **FILmes_i... que eles_i ficam sem graça na televisão** né? (PortVix: M-4-ES)

Apresentamos, abaixo, o efeito do traço [+/- humano], na amostra PortVix, em relativas com função de sujeito:

Tabela 17 – Efeito do traço [+/- humano] sobre a relativização com cópia na amostra PortVix, em função de sujeito

Tipo de antecedente	n/N	%	Peso Relativo
[+ humano]	56/1002	5,6	0,652
[- humano]	9/616	1,5	0,265
Total	65/1618	4,0	
<i>Range</i>			387
Significância			0,000

Os resultados de Mollica (1977) mostram, também, favorecimento da relativa copiadora diante do traço [+ humano]²⁸.

Tabela 18 – Efeito do traço [+/- humano] sobre a relativização com cópia na amostra de Mollica (1977), em função de sujeito

Tipo de antecedente	n/N	%	Probabilidade
[+ humano]	35/573	6,1	0,77
[- humano]	2/222	0,9	0,23
Total	37/795	4,7	

O maior favorecimento para a realização da cópia com antecedentes contendo o traço [+ humano] está relacionado à tendência geral na língua de pronominalizar nomes de traço [+ humano], fenômeno que, nas palavras de Mollica (1977, p. 68), “transcende o domínio da estrutura relativa”. Duarte (2003), por exemplo, menciona que o preenchimento do sujeito pronominal é condicionado também pelo traço [+ humano]. Portanto, embora não seja um aspecto restrito às orações relativas, essa tendência cumpre um importante papel na variação das relativas na função de sujeito.

²⁸ A pesquisadora apresenta os resultados tendo como referência a variante sem a cópia. Apresentaremos a tabela com os resultados de Mollica (1977) com a devida inversão dos valores probabilísticos, isto é, de forma a mostrar o efeito das variáveis sobre a variante com cópia.

5.1.2 Especificidade do antecedente

Conforme discutido no capítulo 4, controlou-se a especificidade do sintagma nominal antecedente, adotando-se os mesmos critérios de Mollica (1977). Os resultados de Mollica (1977) e Tarallo (1983) acerca do efeito desse fator atestaram o favorecimento da presença da cópia em antecedentes não especificados. Lembramos que classificamos os antecedentes de acordo com os critérios encontrados em Mollica (1977): antecedentes especificados são sintagmas constituídos por artigo definido, pronome possessivo ou pronome demonstrativo; antecedentes não especificados, por outro lado, são sintagmas nos quais há presença de artigo indefinido, pronome indefinido ou quaisquer palavras com ideia indeterminada (como “gente” ou “coisa”, por exemplo). Retomamos os exemplos (58a-d) para ilustrar ocorrências de antecedentes especificados e não especificados com cópia e sem cópia:

(58) a. eu tenho [**a minha cunha::da**]_i que::... ela_i era já membra de igreja há quase cinquenta anos né? (PortVix: F-4-Fundamental)

b. Então cê faz uma/ **essa análise** que eu te falei (PortVix: F-3-Superior)

c. isso aqui era tudo mangue... não existia casa aqui... tinha maruí era [**um bichinho miudinho**]_i que ele_i (morde) você (PortVix: M-4-Médio)

d. ele xingou ela de **um nome** que eu não gostei entendeu? (PortVix: M-2-Médio)

Apresentamos, abaixo, os resultados do efeito do fator *especificidade* sobre a relativa copiadora nos dados de sujeito na amostra PortVix e na amostra analisada por Mollica (1977):

Tabela 19 – Efeito da especificidade do antecedente sobre a relativa copiadora na amostra PortVix, em função de sujeito

Especificidade do antecedente	n/N	%	Peso Relativo
Não especificado	51/860	5,9	0,647
Especificado	14/758	1,8	0,335
Total	65/1618	4,0	
<i>Range</i>			312
Significância			0,000

Tabela 20 – Efeito da especificidade do antecedente sobre a relativa copiadora na amostra de Mollica (1977), em função de sujeito

Tipo de antecedente	n/N	%	Probabilidade
Não especificado	33/509	6,5	0,70
Especificado	4/286	1,4	0,30
Total	37/795	4,7	

Mollica (1977) discute o efeito da especificidade, relacionando-a à referencialidade dos constituintes da relativa, envolvendo tanto as relativas sem cópia e quanto as relativas com cópia. Para a pesquisadora, a associação entre referencialidade e o (não) emprego da cópia teria suas raízes em um componente relacionado à ênfase:

[...] podemos atribuir a importância do traço especificado para a aplicação da regra de apagamento da cópia ou a importância do traço não-especificado para a não-aplicação da regra, isto é, para o aparecimento da cópia. Se o SN antecedente [+ especificado] é marcado semanticamente pelo traço [+ referencial], tem menos probabilidade de ser copiado, já que o pronome aparece apenas para enfatizá-lo. O SN antecedente [não-especificado] tem portanto maior probabilidade de ser copiado, quando necessita de ser referencializado (MOLLICA, 1977, p. 75-76).

Tarallo (1983), por sua vez, reserva-se a mencionar que essa variável, no trabalho de Mollica (1977) e Kroch (em comunicação pessoal), favorece a retenção pronominal em cláusulas relativas (TARALLO, 1983, p. 97). Os resultados de Tarallo (1983), entretanto, mostram que a especificidade é a mais

fraca das variáveis semânticas e sustenta-se apenas nas funções de objeto indireto e oblíquos. Nossos resultados, portanto, corroboram os das demais pesquisas: antecedentes não especificados favorecem a cópia.

5.1.3 Distância

A terceira variável selecionada pelo *GoldVarb X* foi a distância, em número de sílabas, entre o pronome relativo e a posição da cópia na relativa. Retomamos o dado em (50d) como exemplo de maior distância entre o relativo e a posição da cópia correferente ao antecedente:

(50) d. Olha só, apesar da/da polícia militar desenvolver esse/vários papeis, né, sociais, ela é **uma instituição; que eu acho que pela maioria da população ela; é uma instituição mal vista** (PortVix: M-3-Superior – Distância de dez ou mais sílabas)

Tabela 21 – Efeito da distância sobre a relativização com cópia na amostra PortVix, em função de sujeito

Distância	n/N	%	Peso Relativo
Sem distância	54/1520	3,6	0,474
De 1 a 5 sílabas	5/72	6,9	0,767
De 6 a 9 sílabas	4/12	33,3	0,968
10 ou mais sílabas	2/14	14,3	0,909
Total	65/1618	4,0	
<i>Range</i>			494
Significância			0,000
<i>Log-likelihood</i>			-264,791

Essa variável, embora tenha sido relevante em Mollica (1977) e Tarallo (1983), não foi selecionada como significativa na pesquisa de Vale (2014). Ambientes com distância zero desfavorecem a relativização com cópia. Os pesos relativos deixam bem claro que, quanto maior a distância, maior a tendência de haver a retomada anafórica do antecedente.

Contudo, observa-se uma diferença de apenas 0,059 pontos entre os pesos relativos do terceiro e do quarto fator. Atribuímos tal diferença à escassez de dados nessas duas distâncias e decidimos amalgamar os dois fatores. Realizamos testes de significância, verificando se a diferença entre os efeitos dos grupos com e sem amálgama era estatisticamente significativa (cf. GUY; ZILLES, 2007, p.193-195). A tabela com esses dois fatores amalgamados encontra-se a seguir:

Tabela 22 – Efeito da distância sobre a relativização com cópia na amostra PortVix, em função de sujeito (com amálgama)

Distância	n/N	%	Peso Relativo
Sem distância	54/1520	3,6	0,473
De 1 a 5 sílabas	5/72	6,9	0,767
6 ou mais sílabas	6/26	23,1	0,948
Total	65/1618	4,0	
<i>Range</i>			475
Significância			0,000
<i>Log-likelihood</i>			-265,457

Primeiramente, obtivemos a diferença entre os valores de *log-likelihood* das rodadas com e sem amálgama e, posteriormente, multiplicamos por dois. Encontramos o valor de qui-quadrado (x^2) igual a 1,332. Ao consultar a tabela de qui-quadrado, descobrimos que $p > 0,05$ (mais precisamente, $0,30 > p > 0,20$), indicando que as diferenças entre as tabelas não eram estatisticamente significativas e, portanto, a generalização com o amálgama se mostrou válida. Nossa hipótese de que a probabilidade de realização da cópia aumentaria à medida que há maior distância entre os termos foi, portanto, confirmada.

Em seguida, testamos se haveria diferença entre os fatores “sem distância” e “distância de 1 a 5 sílabas”, resultando em uma oposição entre os seguintes fatores: “distância de até 5 sílabas” vs. “distância de 6 sílabas ou mais”, por um lado, e, de outro, entre “distância de 1 a 5 sílabas” e “distância de 6 ou sílabas ou mais”, resultando na oposição “com distância” vs. “sem distância”. No primeiro teste, encontramos o valor de $x^2 = 1,798$ e $p > 0,05$, isto é, manter a

distinção entre os dois primeiros fatores era irrelevante. No entanto, antes de fazermos uma nova rodada de pesos relativos com os fatores amalgamados, testamos a segunda possibilidade de amálgama. Dessa vez, encontramos o valor de $\chi^2 = 4,424$ e $p < 0,05$, significando que a diferença era estatisticamente significativa e a distinção entre os dois últimos fatores deveria ser mantida. A melhor apresentação desse resultado se encontra na Tabela 23, abaixo:

Tabela 23 – Efeito da distância sobre a relativa copiadora na amostra PortVix, em função de sujeito (com novo amálgama)

Distância	n/N	%	Peso Relativo
Até 5 sílabas	59/1592	3,7	0,488
6 sílabas ou mais	6/26	23,1	0,948
Total	65/1618	4,0	
<i>Range</i>			460
Significância			0,000

Em Mollica (1977), essa variável foi definida pela presença ou ausência de elementos (pausas, pronomes possessivos e demonstrativos, advérbios, apostos, sentenças encaixadas etc.) depois ou antes do pronome relativo e classificada em “com distância” e “sem distância”:

Tabela 24 – Efeito da distância sobre a relativa copiadora na amostra de Mollica (1977), em função de sujeito

Distância	n/N	%	Probabilidade
Sem distância	4/534	0,8	0,19
Com distância	33/261	12,7	0,81
Total	37/795	4,7	

Outra possível interpretação para explicar o efeito da distância estaria ligada à iconicidade. Bispo (2014), por exemplo, explica que

Quanto à iconicidade, a mudança na ordenação linear na oração relativa contraria o subprincípio da integração, segundo o qual os conceitos mais integrados no plano cognitivo se apresentam com maior grau de ligação morfossintática (BISPO, 2014, p. 231)

Concluimos que, nos dados do PortVix, quando o relativo exerce função de sujeito, maiores distâncias após o pronome relativo favorecem o uso da relativa copiadora, uma vez que a cópia reestabeleceria o subprincípio da integração, por proporcionar a integração entre o relativo e seu antecedente.

5.1.4 Tipo de informação do antecedente

Apoiando-nos no trabalho de Vale (2014), separamos os antecedentes de acordo com o tipo de informação (cf. item 4.3.2.10). Vale (2014) tomou como valor de aplicação, para a rodada de pesos relativos, a relativa cortadora, mas essa variável não foi selecionada pelo programa utilizado pela pesquisadora, no caso, o Varbrul. Vale (2014) relata que a variável relacionada ao *status* informacional do antecedente foi a primeira descartada na etapa de *step-down*, mas apresentou diferenças nos pesos relativos sugestivas de que os referentes evocados (ou velhos) devem favorecer a relativa cortadora:

O status informacional, primeiro grupo descartado no *stepdown*, apresentou alguma diferença entre referentes inferíveis e novos, de um lado, com pesos variando entre 0,33 e 0,43, e os evocados, de outro, com 0,58, sugerindo que este último fator exerce algum favorecimento à relativa cortadora (VALE, 2014, p. 92).

Os resultados que encontramos na amostra PortVix, para a função de sujeito, levam em consideração o efeito dessa variável sobre a relativa copiadora:

Tabela 25 – Efeito do tipo de informação veiculado pelo antecedente sobre a relativa copiadora, na amostra PortVix, em função de sujeito

Tipo de informação	n/N	%	Peso Relativo
Nova	48/917	5,2	0,586
Inferível	9/449	2,0	0,344
Evocada	8/252	3,2	0,474
Total	65/1618	4,0	
<i>Range</i>			242
Significância			0,000
<i>Log-likelihood</i>			-267,886

Observa-se que apenas antecedentes que constituem informação nova favorecem o uso da cópia. Informações inferíveis e velhas (ou evocadas) têm efeito semelhante, embora apresentem diferenças quanto à sua intensidade.

Realizamos um teste de significância para descobrirmos se seria possível amalgamar os tipos de informação “inferível” e “velha”. A diferença não foi estatisticamente significativa ($\chi^2 = 0,902$ e $p > 0,30$) e pudemos estabelecer a oposição entre “informação nova” vs. “informação velha ou inferível”. Os resultados dessa rodada estão apresentados na tabela abaixo:

Tabela 26 – Efeito do tipo de informação do antecedente sobre a relativa copiadora, na amostra PortVix, em função de sujeito

Tipo de informação	n/N	%	Peso Relativo
Nova	48/917	5,2	0,583
Velha ou inferível	17/701	2,4	0,392
Total	65/1618	4,0	
<i>Range</i>			191
Significância			0,000
<i>Log-likelihood</i>			-268,337

Justificamos a junção dos dois últimos fatores, uma vez que, se considerarmos que o falante dá conta de resgatar uma informação inferível contextualmente, não seria contraditório entendermos que tal informação esteja semanticamente mais próxima de uma informação velha ou evocada do que de uma informação nova. Pode-se depreender do seguinte trecho de uma das entrevistas que o tópico da conversa era a contaminação por alimentos. Embora o sintagma nominal “contaminação” não tenha sido mencionado anteriormente, ele é contextualmente inferível.

(61) [...] a pessoa que consome ele acaba contaminando sua própria pele porque aquele bi::cho/ a/ que/ a:: **contaminação** que tem no peixe passa tudo pra você (PortVix: M-2-Fundamental)

Informações novas, quando relativizadas, têm maior tendência de apresentar a cópia. No exemplo abaixo, os interlocutores conversavam sobre a

atividade de cozinhar. Ao inserir uma informação nova durante a conversa, o falante produz uma relativa copiadora. Atribuímos à cópia, nesse caso, função semelhante à já discutida no item 5.1.2, relacionada à referencialização, uma vez que o antecedente carrega uma informação nova no enunciado e, portanto, necessita ser referencializado.

(62) eu tenho **um amigo** que ele dizia assim “olha minha mulher me pegou por cau/pela boca... porque eu nunca vi cozinhar igual você Z.” (PortVix: F-4-Fundamental)

Outra interpretação possível seria a de que informações novas tenderiam a não ser especificadas. Ao cruzarmos as variáveis “especificidade” e “tipo de informação”, encontramos o seguinte resultado:

Tabela 27 – Tabulação cruzada entre “tipo de informação do antecedente” e “especificidade do antecedente” em relação à estratégia copiadora, na amostra PortVix, em função de sujeito

Tipo de informação vs. especificidade	Especificado		Não especificado		Total (%)
	n/N	%	n/N	%	n/N
Informação nova	7/441	1,6	41/476	8,6	48/917 (5,2%)
Informação velha ou inferível	7/317	2,2	10/384	2,6	17/701 (2,4%)
Total	14/758	1,8	51/860	5,9	65/1618 (4,0%)

A tabela 27 mostra que, de fato, há uma tendência em antecedentes com informação nova serem não especificados e, por isso, favorecerem o emprego da cópia. Em termos de frequência, antecedentes com essas características conjugadas apresentam o maior percentual de cópias entre todas as demais combinações.

5.1.5 Pluralidade

Descrevemos anteriormente que as pesquisas de Mollica (1977) e Tarallo (1983) encontraram efeitos semelhantes da atuação do traço “pluralidade” em

relação ao uso da relativa copiadora. Em ambos os trabalhos, o sintagma de sujeito, quando continha o traço [+ singular], favorecia a cópia. Na amostra PortVix, encontramos os seguintes resultados:

Tabela 28 – Efeito do traço [pluralidade] sobre a relativa copiadora, na amostra PortVix, em função de sujeito

Pluralidade	n/N	%	Peso Relativo
Singular	51/1052	4,8	0,582
Plural	14/566	2,5	0,351
Total	65/1618	4,0	
<i>Range</i>			231
Significância			0,005

Nossos resultados confirmam os já atestados por Mollica (1977), reproduzidos abaixo, e de Tarallo (1983).

Tabela 29 – Efeito do traço [pluralidade] sobre a relativa copiadora na amostra de Mollica (1977), em função de sujeito

Pluralidade	n/N	%	Probabilidade
Singular	30/469	6,4	0,68
Plural	7/326	2,2	0,32
Total	37/795	4,7	

Mollica (1977, p. 76) explica que a tendência ao emprego da cópia corresponde à necessidade ou não de referencializar (e tornar mais explícito) o sintagma nominal antecedente, o que explicaria nossos resultados corroborarem os das citadas pesquisas.

5.1.6 Nível de escolarização dos falantes

A primeira variável social selecionada pelo programa *GoldVarb X* foi o nível de escolarização, que reúne três fatores: ensino fundamental, ensino médio

e ensino superior. Vejamos a distribuição da relativa copiadora em cada nível de escolarização:

Tabela 30 – Efeito da escolarização sobre a relativa copiadora na amostra PortVix, em função de sujeito

Nível de escolarização	n/N	%	Peso Relativo
Ensino Fundamental	33/577	5,7	0,649
Ensino Médio	20/418	4,8	0,579
Ensino Superior	12/623	1,9	0,313
Total	65/1618	4,0	
<i>Range</i>			336
Significância			0,003
<i>Log-likelihood</i>			-266,050

Havíamos levantado a hipótese de que falantes com maior grau de escolarização tenderiam a empregar mais as formas consideradas “padrão” (ou seja, sem a cópia) que os menos escolarizados. Os pesos relativos decrescem à medida que se eleva o nível de escolarização do falante, confirmando nossa hipótese – no caso, a probabilidade de relativização com a cópia de sujeito é a mais baixa nos falantes de ensino superior. Percebeu-se uma diferença numérica pouco expressiva entre os pesos relativos dos falantes de ensino fundamental e médio, o que poderia sugerir que esses dois níveis de escolarização são quantitativamente semelhantes no que se refere à relativização de sujeito com cópia.

Realizamos um teste de significância a fim de verificar a possibilidade de amalgama dos fatores “ensino fundamental” e “ensino médio”. O teste de qui-quadrado teve como resultado $\chi^2 = 0,424$ e $p > 0,30$, indicando que a diferença entre os pesos relativos de tais fatores não era estatisticamente significativa. Dessa forma, amalgamamos os níveis fundamental e médio em um superfator, opondo-o ao nível superior, estabelecendo a oposição “universitários vs. não universitários”. Observamos, também, que o nível de significância de 0,001 teve

um valor melhor que o anterior, de 0,003 e que essa variável passou a ser selecionada antes da variável anterior (pluralidade do antecedente)²⁹.

Tabela 31 – Efeito da escolarização sobre a relativa copiadora na amostra PortVix, em função de sujeito (universitários vs. não universitários)

Nível de escolarização	n/N	%	Peso Relativo
Não universitários	53/995	5,3	0,620
Universitários	12/623	1,9	0,314
Total	65/1618	4,0	
<i>Range</i>			306
<i>Significância</i>			0,001
<i>Log-likelihood</i>			-266,262

Constatou-se que o nível de escolarização parece estar, de fato, associado à tendência de o falante “copiar” ou não o antecedente, quando este estiver na função de sujeito. Indivíduos com nível de escolarização superior apresentaram um peso relativo de 0,314, desfavorecendo a presença cópia de sujeito, na relativa, enquanto os de ensino fundamental e médio, com peso relativo de 0,620, favorecem a relativa copiadora.

Nossos resultados corroboram os de Corrêa (1998) no sentido de que a relativa copiadora aparece com maior frequência nos falantes com menor grau de escolarização. Lembramos que Corrêa (1998) controlou o efeito da escolarização em relação à estratégia padrão de sintagmas preposicionais. No entanto, se considerarmos que a relativa sem cópia (isto é, a relativa considerada padrão) é favorecida pelos falantes universitários, podemos afirmar que o nível de escolarização exerce um efeito inibidor da relativa copiadora nos falantes mais escolarizados.

Embora com uma frequência quase três vezes inferior à dos falantes menos escolarizados (ver percentagens na Tabela 27), os mais escolarizados

²⁹ Apesar da mudança no peso relativo (e, conseqüentemente, no *range* dessas variáveis), o efeito da pluralidade sobre a relativa copiadora se manteve o mesmo, com antecedentes com o traço *singular* favorecendo a cópia e antecedentes com o traço *plural* desfavorecendo. A principal diferença foi a de que a *pluralidade* deixou de ser um fator com mais força que o nível de escolarização e, como veremos adiante, que a faixa etária dos falantes.

efetivamente empregaram a relativa copiadora. A fim de identificarmos se havia atuação de outra variável, cruzamos o nível de escolarização ao traço [humano] do antecedente e verificamos que, das 12 relativas copiadoras nos falantes universitários, 9 tinham como antecedente um sintagma nominal [+ humano]. Isso explica que o nível de escolarização não foi o único fator determinante em relação ao uso da anáfora, já que o traço semântico [+ humano] do antecedente também foi um fator atuante. O mesmo pode ser dito em relação aos menos escolarizados: dos 53 dados de relativas copiadoras, 47 eram com antecedente [+ humano], mas lembramos que, na fala dos menos escolarizados, a frequência de relativas copiadoras foi muito mais expressiva.

5.1.7 Faixa etária dos falantes

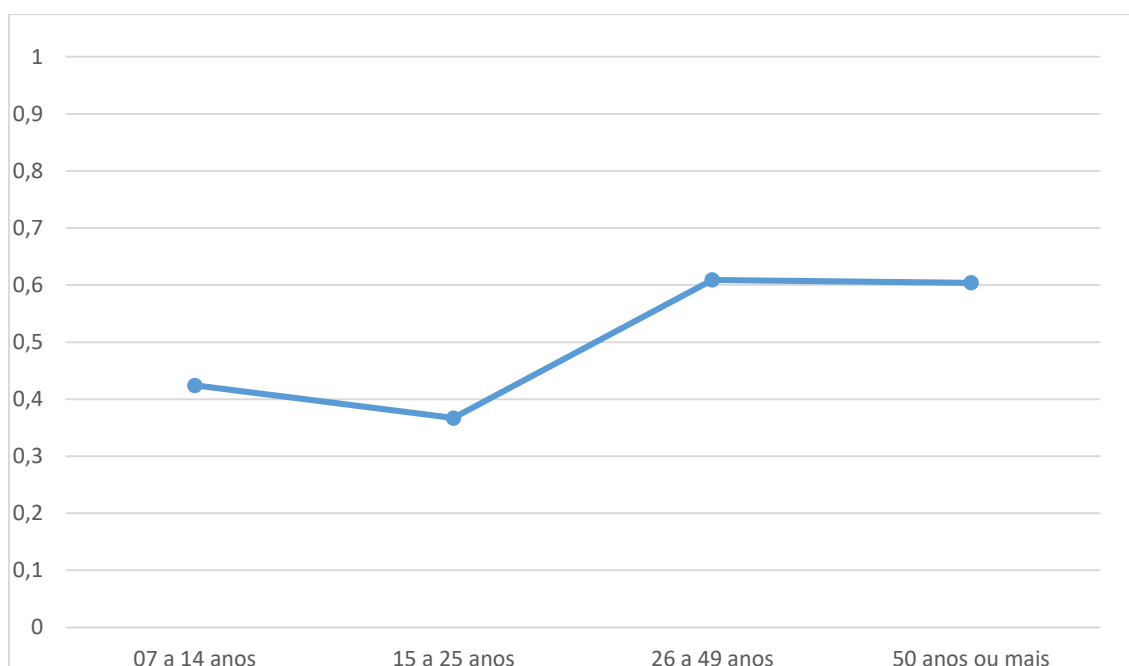
O último dos fatores selecionados foi a faixa etária dos falantes. Tradicionalmente, nas pesquisas variacionistas, o exame da distribuição de uma variante por faixas etárias pode evidenciar um processo de mudança linguística em curso, a depender da curva projetada em gráficos. A ordem de seleção dos grupos de fatores revela que a variação das estratégias de relativização é um fenômeno muito mais vinculado a aspectos internos à língua do que a questões propriamente sociais. No entanto, não se pode negar que as características dos falantes interferem no uso que é feito dessas estratégias, mesmo que não tão fortemente quanto às variáveis linguísticas. Abaixo, apresentamos uma tabela com o efeito da faixa etária em relação à estratégia copiadora na função de sujeito, nas quatro faixas etárias analisadas na amostra:

Tabela 32 – Efeito da idade dos falantes sobre a relativa copiadora na amostra PortVix, em função de sujeito

Faixa etária	n/N	%	Peso Relativo
7-14 anos	6/162	3,7	0,424
15-25 anos	12/592	2,0	0,367
26-49 anos	21/423	5,0	0,609
50 anos ou mais	26/441	5,9	0,604
Total	65/1618	4,0	
<i>Range</i>			242
Significância			0,017
<i>Log-likelihood</i>			-266,676

Nas faixas etárias mais avançadas, a relativização com cópia é mais frequente, embora tal estratégia apresente uma taxa de frequência muito baixa em todas elas. Os falantes da segunda faixa etária (15 a 25 anos) apresentaram o menor índice de relativas copiadoras, sendo o grupo que mais desfavorece seu uso (PR = 0,367).

Gráfico 1 – Peso relativo sobre a relativa copiadora de sujeito nas quatro faixas etárias controladas na amostra PortVix



Observando o gráfico acima, nos questionamos sobre o que estaria levando os falantes da segunda faixa etária a empregarem menos a relativa copiadora. Ou, ainda, por que os falantes mais velhos usam mais a copiadora que os demais? Acreditamos, em primeiro lugar, que tal resultado não se deva ao efeito exclusivo da progressão etária dos falantes, mas de uma sobreposição de efeitos entre o nível de escolarização e a idade dos falantes. Realizamos uma tabulação cruzada entre as faixas etárias e os níveis de escolarização. Ao cruzar essas variáveis, mantivemos a oposição entre não universitários e universitários:

Tabela 33 – Tabulação cruzada (faixa etária vs. nível de escolarização) em relação à estratégia copiadora em função de sujeito, na amostra PortVix

Idade vs. Escolarização	7 a 14 anos		15 a 25 anos		26 a 49 anos		50 anos ou mais		Total (%)
	n/N	%	n/N	%	n/N	%	n/N	%	
Não universitários	6/162	4%	12/367	3%	18/201	9%	17/265	6%	53/995 (5%)
Universitários	-	-	0/225	0%	3/222	1%	9/176	5%	12/623 (2%)
Total	6/162	4%	12/592	2%	21/423	5%	26/441	6%	65/1618 (4%)

Diante desses resultados, observa-se, em primeiro lugar, que a relativa copiadora está completamente ausente dos dados de universitários da segunda faixa etária, portanto, as ocorrências de copiadoras nesses falantes (3%) foram todas encontradas nos não universitários. A ausência de relativas copiadoras nos dados de universitários dessa faixa etária levou a uma redução do percentual final para 2%, o que explicaria ser essa a faixa etária com menor peso relativo para a relativa copiadora.

Nos falantes de 7 a 14 anos, o percentual de copiadoras se manteve constante (4%) devido ao fato de que não há falantes de 7 a 14 anos de idade que ingressaram no ensino superior. É nas duas últimas faixas etárias que os percentuais da copiadora são mais expressivos, com 9% e 6% nos falantes não universitários da terceira e quarta faixas etárias, respectivamente. Esses percentuais, comparados aos dos universitários nas mesmas faixas etárias,

parecem confirmar que a conjugação do nível de escolarização à idade dos falantes aumenta a tendência de uso da relativa copiadora.

Testamos a possibilidade de reagrupar as duas últimas faixas etárias, uma vez que os valores dos pesos relativos eram muito próximos. Encontramos um $\chi^2=0,364$ e p valor maior que 0,50, ou seja, não havia diferença estatisticamente significativa entre a terceira e quarta faixas etárias. Com isso, agrupamos as duas em um único fator, que denominamos “adultos” (falantes de 26 anos ou mais).

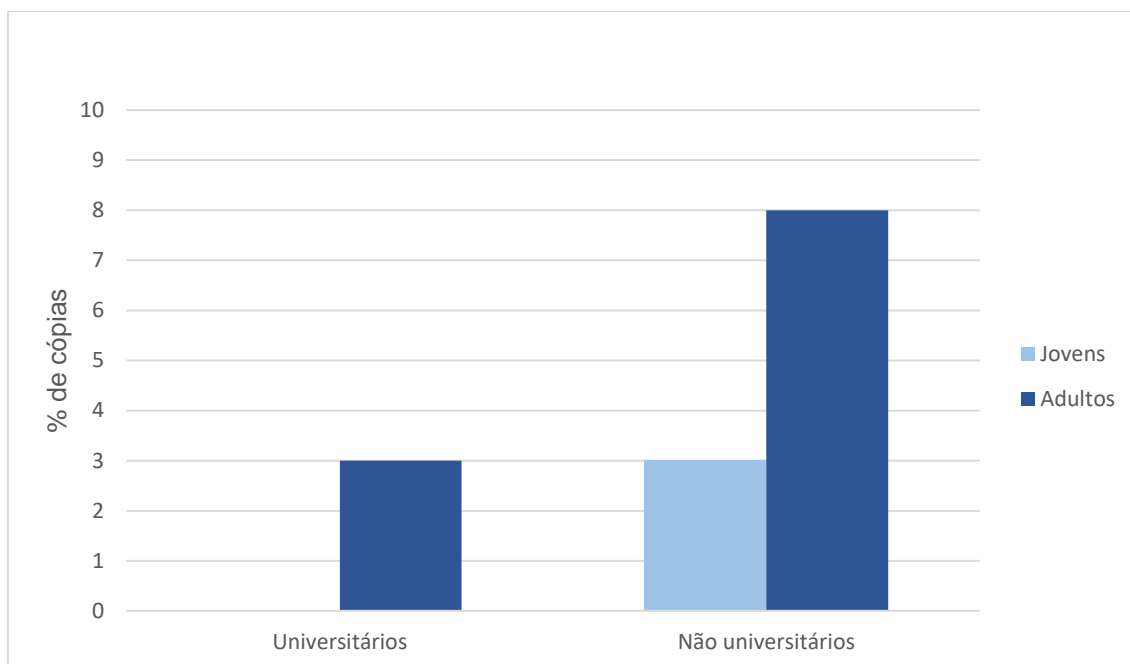
Também testamos a significância entre as duas faixas etárias mais jovens e verificamos que também não havia diferença estatisticamente significativa entre elas ($\chi^2=1,382$ e $p>0.20$). Pudemos, portanto, agrupar os dois primeiros fatores como sendo “jovens” (falantes de 7 a 25 anos) e “adultos” (falantes de 26 anos ou mais). Na rodada de pesos relativos, agora com os quatro fatores reorganizados em dois, essa variável, assim como aconteceu com o nível de escolarização, apresentou um efeito mais forte e foi selecionada antes da *pluralidade do antecedente*.

Tabela 34 – Efeito da faixa etária sobre a relativa copiadora, na amostra PortVix, em função de sujeito

Faixa etária	n/N	%	Peso Relativo
Jovens	18/754	2,4	0,382
Adultos	47/864	5,4	0,603
Total	65/1618	4,0	
<i>Range</i>			221
Significância			0,001

Novamente, cruzando os fatores “nível de escolarização” com “faixa etária”, verificamos que os mais jovens e os universitários tendem a não usar a relativa copiadora, enquanto os adultos e não escolarizados apresentam os maiores índices de uso da cópia. Elaboramos o seguinte gráfico para melhor visualização desses resultados:

Gráfico 2 – Índices de relativas com cópia entre jovens e adultos universitários e não universitários



Pudemos, com esses resultados, concluir que a faixa etária atua de forma conjugada ao nível de escolarização, favorecendo ou inibindo a relativa copiadora. Os adultos de 26 anos ou mais, do grupo dos não universitários, apresentaram o maior índice de uso da cópia. Por outro lado, os jovens de até 25 anos e com nível universitário não a usaram sequer uma vez.

Como já havia sido apontado por Tarallo (1983), a relativização é um fenômeno mais fortemente condicionado por fatores internos à língua do que por fatores sociais: na amostra PortVix, as duas das variáveis sociais controladas foram selecionadas justamente após a seleção das variáveis linguísticas. A análise das relativas na função de sujeito confirmou resultados até aqui conhecidos: a anáfora é favorecida quando o antecedente é um SN com traço [+humano], não especificado, quando há material interveniente entre o relativo e a posição da cópia no interior da relativa (MOLLICA, 1977; 1997; 2003, TARALLO, 1983). Além disso, verificamos que antecedentes que constituem informação nova tendem a não ser especificados e, portanto, também favorecem o uso da relativa copiadora de sujeito, bem como SNs com traço [singular] (MOLLICA, 1977; TARALLO, 1983).

5.2 Adjunto Adverbial de Tempo

Quando o relativo exerce função de adjunto adverbial de tempo, a variação possível envolve a relativa padrão preposicionada e a relativa cortadora. Como havíamos mencionado, em nossos dados, assim como em Mollica (1977), não houve relativas copiadoras (MOLLICA, 1977).

Foram encontradas 301 ocorrências de relativas na função de adjunto adverbial de tempo, das quais apenas três (equivalendo a 1%) eram relativas padrão preposicionadas. Listamos os três dados de relativa padrão preposicionada e um dado de relativa cortadora na função de adjunto adverbial de tempo:

(62) a. acho que vai incentivando quem tá vendo as coisas funcionando e realmente acho que nós vamos chegar num **ponto em que a sociedade vai ‘tar envolvida e ajudando... voluntariamente** né? (PortVix: M-3-Superior)

b. a gente passou um tempo até::... vivendo de ajuda... dos outros ... porque::... foi **o tempo em que::... ‘tava a transação... negociação de... fundo de garantia** que não tinha saída... ele ‘tava recebendo:: um salário mínimo no ieniésse esse (= INSS)... bem baixo (PortVix: M-2-Médio)

c. eu falei bem assim vamos entrar aqui/vamos entrar aqui... aí:: **nisso em que /em que eles iam entrar junto comigo** ‘tava vindo uns carro (PortVix: M-1-Fundamental)

d. [...] um colega te leva... ali... (pronto)... **na hora que salta...chegando em casa... ((gestos))... não é brincadeira** nã::o (PortVix: F-4-Superior)

No primeiro caso, o antecedente *ponto* faz referência a um momento determinado, especificado pela relativa. É importante notar que a preposição *em* vem expressa no próprio antecedente (*vamos chegar num ponto*), constituindo um sintagma preposicionado e que pode ter facilitado o falante a empregar a preposição. Em (62b), a relativa padrão preposicionada foi produzida por um falante do ensino médio. Nota-se, também, o alongamento vocálico seguido de pausa, que pode ter sido utilizado como indicativo de hesitação ou dúvida em relação à progressão do enunciado. A hesitação e/ou a dúvida parecem

possibilitar ao/à falante reformular, planejar a fala de forma a utilizar a preposição em conformidade com a prescrição gramatical. O terceiro dado, de um indivíduo de 7 a 14 anos do ensino fundamental, embora não tenha como antecedente um vocábulo como “dia”, “hora” ou “momento”, é um dêitico comumente utilizado como forma de expressão de tempo, também preposicionado (“*nisso*”) conforme exemplo (62c). Mais uma vez, interpretamos o alongamento vocálico e a pausa como indicativos de hesitação ou planejamento da fala. O último dado, diferentemente dos demais, não apresenta a preposição entre o antecedente “hora” e o relativo “que”, exemplo de uma relativa cortadora na função de adjunto adverbial de tempo.

A frequência extremamente baixa desses dados não nos permitiu proceder à análise de regra variável. Passemos, agora, à análise das funções de complemento oblíquo, adjunto adverbial de lugar e genitivo.

5.3 Complementos Oblíquos e Genitivo

As duas funções aqui analisadas, embora apresentem diferenças semânticas, aproximam-se no que se refere às possibilidades de relativização, uma vez que apresentavam variação entre a relativa copiadora e a cortadora com o relativo *que*. Retomamos os exemplos (41a-b) e (48a-b), ilustrando relativas de complementos oblíquos e genitivos, sem cópia e com cópia, respectivamente:

(41) a. te /**essa senho::ra que eu falei com ela**... se ela vê que cêis falam isso ela vai contar e mui::to ainda pra vocês (PortVix: F-2-Fundamental)

b. muito lindo você vê... que você tá com **uma pessoa que você gosta** né? (PortVix: F-2-Fundamental)

(48) a. se fosse só pra reproduzir ... faça isso ou faça aquilo ... então ... poderia botar uma outra pessoa que ‘tá ali ... mas esse não é o meu meu trabalho ... e EU TENho a FELicidade de ter ... trabalhar **numa escola que a equipe é muito::... reflexiva** (PortVix: F-3-Superior)

b. aí você assiste aquele filme de terror ... aí você chega em Casa aSSIM:: aí você fica ouv /ouvindo aqueles baRUlho... que nem a vez que eu vi aquele filme da:: /da **menina lá que o diabo entra no corpo dela** (PortVix: M-2-Fundamental)

Lembramos que a distribuição dos dados nessas duas funções não inclui as relativas padrão preposicionadas, uma vez que não tivemos esses dados em nosso *corpus*:

Tabela 35 – Distribuição geral dos dados de complementos oblíquos e genitivo na amostra PortVix

	Cortadora		Copiadora		Total (%)
	N	%	N	%	
Comp. Oblíquo	198	94,7	11	5,3	209 (92,1%)
Genitivo	10	55,6	8	44,4	18 (7,9%)
Total	208	91,6	19	8,4	227

A rodada geral mostrou que havia *knockout* no grupo de fatores relacionado à pluralidade do antecedente, já que não foram encontrados dados de relativas copiadoras com o traço [+ plural]. Após a exclusão desse grupo de fatores, procedemos à análise de regra variável.

Quatro grupos de fatores foram selecionados pelo *GoldVarb X* na seguinte ordem: traço [+/- humano] do antecedente; função sintática do relativo; distância e especificidade do antecedente.

Nenhuma variável social foi selecionada, o que, para nós, evidencia que a relativização é um fenômeno mais fortemente ligado à estrutura interna da língua e menos às características sociais dos falantes. Analisaremos, a seguir, as variáveis selecionadas.

5.3.1 Traço humano do antecedente

Conforme os estudos tomados como ponto de partida – e também nossos resultados para a função de sujeito – o antecedente [+ humano] favorece a

relativa copiadora. A variável relacionada a essa característica foi a primeira a ser selecionada pelo GoldVarb X. Eis os resultados do efeito desse traço sobre a relativa copiadora:

Tabela 36 – Efeito do traço [+/- humano] sobre a relativa copiadora de complemento oblíquo e genitivo na amostra PortVix

Tipo de antecedente	n/N	%	Peso Relativo
[+ humano]	16/67	23,9	0,890
[- humano]	3/160	1,9	0,294
Total	19/227	8,4	
<i>Range</i>			596
Significância			0,000

Nossos resultados convergem com os de Mollica (1977) e Tarallo (1983), constatando que a pronominalização seja, de fato, mais aceitável quando se trata de referentes [+ humanos], o que se confirma pelos pesos relativos.

5.3.2 Função sintática do relativo

Buscamos identificar as funções sintáticas que favoreciam a relativa copiadora. Na Hierarquia de Acessibilidade de Keenan e Comrie (1977), posições sintáticas mais baixas na hierarquia (menos frequentes) são menos acessíveis por terem maior grau de encaixamento morfossintático em relação às posições mais altas e, por isso, têm maior tendência de apresentar o pronome lembrete. Em nossa análise, consideramos a realização da cópia na relativa em uma rodada binária entre a estratégia copiadora vs. cortadora:

Tabela 37 – Efeito das funções sintáticas de complemento oblíquo e genitivo sobre a variante copiadora na amostra PortVix (copiadora vs. cortadora)

Função sintática	n/N	%	Peso Relativo
Comp. Oblíquo	11/209	5,3	0,447
Genitivo	8/18	44,4	0,923
Total	19/227	8,4	
<i>Range</i>			476
Significância			0,000

A função de genitivo, como esperado, levando em consideração as análises de Keenan e Comrie (1977), é a que mais favorece a relativa copiadora, com peso relativo de 0,923 e incidência dessa estratégia em mais de 40% dos dados nessa função. Em (63a-c), apresentamos alguns dados de relativas copiadoras de genitivo e suas versões na relativa padrão com o relativo *cujo*:

(63) a. o senhor usa **aqueles que colocam sua vida nas mãos de deus** (PortVix: M-3-Superior)

a'. aqueles cuja vida colocam nas mãos de deus;

b. agora uma **essa que eu almoço na casa dela** todo domingo ela freqüenta a Maranata... e tem uma outra que é a batista também lá em jardim da penha (PortVix: F-4-Superior)

b'. essa em cuja casa eu almoço todo domingo

c. aí você assiste aquele filme de terror... aí você chega em casa assim:: aí você fica ouv/ ouvindo aqueles barulho... que nem a vez que eu vi aquele filme da::/ da **menina lá que o diabo entra no corpo dela** (PortVix: M-2-Fundamental)

c'. menina em cujo corpo o diabo entra

Em (63a), a cópia foi realizada com um pronome possessivo de segunda pessoa, diferentemente dos pronomes “(d)ele(s)” ou “(d)ela(s)”, prototipicamente associados à relativa copiadora. Entre essas duas funções, a de complemento oblíquo desfavoreceu a relativa copiadora, apresentando frequência de 5,3% e

peso relativo de 0,447. De fato, a função de genitivo é sintaticamente mais encaixada que os adjuntos ou complementos oblíquos, levando o falante a preencher a lacuna da relativa com um elemento que estabeleça correferência com o antecedente e, ao mesmo tempo, mantenha a ordem sintática canônica, SVO, o que não acontece quando o relativo *cujo* é empregado. Além disso, esse resultado corrobora a análise de Silva e Lopes (2007) de que a frequência de uso das relativas encabeçadas com *que* e sem cópia (de sujeito e objeto direto) resultou no enfraquecimento semântico do *que*, com a perda de sua propriedade anafórica e generalização da estrutura superficial, isto é, uma relativa encabeçada com o *que*, sem preposição e sem cópia. Lembramos que estamos diante de uma quantidade reduzida de dados da relativa copiadora em geral, e dos dados de genitivo, em específico, e que quaisquer conclusões se restringem à amostra aqui pesquisada.

5.3.3 Distância

Assim como na função de sujeito, a distância também foi selecionada como uma variável com efeito favorecedor da cópia nas relativas de complemento oblíquo e genitivo. Mantivemos os fatores agrupados em “distância de até 5 sílabas” e “distância de 6 sílabas ou mais”.

Tabela 38 – Efeito da distância sobre a relativa copiadora na amostra PortVix, nas funções de complemento oblíquo e genitivo (copiadora vs. cortadora)

Distância	n/N	%	Peso Relativo
Até 5 sílabas	8/131	6,1	0,347
6 sílabas ou mais	11/96	11,5	0,703
Total	19/227	8,4	
<i>Range</i>			356
Significância			0,045

As relativas com ambientes de maior distância após o pronome relativo favorecem a presença da cópia. Por outro lado, se a distância for de até cinco sílabas, há tendência de não haver o emprego da cópia. Mais uma vez, nossos

resultados corroboram os de outras pesquisas. Em Mollica (1977), essa variável foi selecionada entre as mais fortes, condicionando a relativa copiadora. Tarallo (1983) mostra que, entre os diferentes tipos de distância controlados em seu trabalho, a distância após o relativo *que* foi a mais forte em relação ao uso da cópia.

5.3.4 Especificidade do antecedente

O último fator selecionado foi a especificidade do antecedente. Tomamos como hipótese a de que antecedentes não especificados favoreceriam a relativa copiadora como um recurso de referencializar o antecedente não especificado.

Tabela 39 – Efeito da especificidade sobre a relativa copiadora, na amostra PortVix, em funções de complemento oblíquo e genitivo (copiadora vs. cortadora)

Especificidade do antecedente	n/N	%	Peso Relativo
Não especificado	7/100	7,0	0,332
Especificado	12/127	9,4	0,635
Total	19/227	8,4	
<i>Range</i>			303
Significância			0,045

Diferentemente da função de sujeito, a variável relacionada à especificidade não atuou da mesma maneira. Os antecedentes não especificados favoreciam a relativa sem cópia e os especificados, por sua vez, favoreciam a relativa copiadora. Buscamos descobrir se outros fatores favorecedores da cópia estavam atuando. Uma vez que a variável mais forte foi o traço humano do antecedente (*range* = 596), cruzamos a especificidade do antecedente com a variável *traço humano*:

Tabela 40 – Tabulação cruzada entre “especificidade do antecedente” e “traço humano” em relação à estratégia copiadora nas funções de complemento oblíquo e genitivo, na amostra PortVix

Especificidade vs. Traço humano	Não especificado		Especificado		Total (%)
	n/N	%	n/N	%	
[+ humano]	7/32	22%	9/35	26%	16/67 (24%)
[- humano]	0/68	0%	3/92	3%	3/160 (2%)
Total	7/100	7%	12/127	9%	19/227 (8,4%)

Como mostra a distribuição na tabela acima, parece haver uma atuação conjunta do traço humano à especificidade do antecedente. Esperávamos que antecedentes não especificados favorecessem a relativa copiadora, entretanto, descobrimos que a maior parte dos dados nas funções de oblíquo e genitivo constituía-se de antecedentes com o traço [+ humano]. Podemos afirmar, com esses resultados, que a especificidade do antecedente atua com menos força sobre a relativa copiadora, além disso, o traço [+ humano] se sobressai, incidindo com certo equilíbrio (vê-se a diferença de apenas 4 pontos percentuais) sobre antecedentes especificados e não especificados.

5.4 Locativos

Do total de 133 relativas com função de locativo, excluimos as 32 ocorrências de relativas encabeçadas por *onde*, uma vez que não apresentaram variação. Foram computados, para a rodada de pesos relativos, 101 dados nessa função, dos quais 13 foram de relativas copidoras (12,9%) e 88 de relativas cortadoras (87,1%). Para que pudéssemos realizar rodada de pesos relativos, foi necessário excluir a variável relacionada ao tipo de preposição, uma vez que a relativa copiadora nessa função teve como cópias os dêiticos “lá” e “ali”, sem preposição, o que resultou em *knockouts* nesse grupo. Eliminados os *knockouts*, realizamos a rodada de pesos relativos. Todos os oito grupos de fatores foram descartados na seguinte ordem:

1. especificidade;
2. existencialidade;
3. distância;
4. faixa etária;
5. sexo;
6. tipo de informação;
7. restritividade;
8. nível de escolarização.

No geral, os resultados foram bastante discrepantes em relação aos subgrupos anteriormente analisados, provavelmente devido às características do próprio antecedente. Retomamos os exemplos (43) e (44a), ilustrando casos de relativas de locativo sem cópia e com cópia, respectivamente:

(43) nã::o... lá no/ na:: no **colégio onde eu dava aula** por exemplo as colegas faziam mas era lá em Colatina (PortVix: F-4-Médio)

(44) a. quer dizer né? pela ótica a gente vê assim... é **um lugar que tá todo mundo lá ale::gre** já é um bom negócio (PortVix: M-4-Superior)

Organizamos os dados com as oito variáveis e as respectivas frequências de relativas copiadoras e cortadoras:

Tabela 41 – Distribuição das relativas de locativos na amostra PortVix
(copiadoras vs. cortadoras)

	Copiadoras (com “lá” ou “ali”)		Cortadoras (corte da preposição)		Total	
	N	%	N	%	N	%
Especificidade						
Não especificado	7	13,5	45	86,5	52	51,5
Especificado	6	12,2	43	87,8	49	48,5
Existencialidade						
Não existenciais	10	12,5	70	87,5	80	79,2
Existenciais	3	14,3	18	85,7	21	20,8
Distância						
Até 5 sílabas	6	12,2	43	87,8	49	48,5
6 sílabas ou mais	7	13,5	45	86,5	52	51,5
Faixa etária						
Jovens	8	16	42	84	50	49,5
Adultos	5	9,8	46	90,2	51	50,5
Sexo						
Masculino	6	12	44	88	50	49,5
Feminino	7	13,7	44	86,3	51	50,5
Tipo de informação						
Nova	9	13	60	87	69	68,3
Velha	2	20	8	80	10	9,9
Inferível	2	9,1	20	90,9	22	21,8
Restritividade						
Restritiva	11	11,8	82	88,2	93	92,1
Não restritiva	2	25	6	75	8	7,9
Nível de escolarização						
Universitários	6	20	24	80	30	29,7
Não universitários	7	9,9	64	90,1	71	70,3
TOTAL	13	12,9	88	87,1	101	100

Em relação aos dados de locativos, algumas tendências puderam ser observadas. Em primeiro lugar, há uma distribuição relativamente equilibrada

(ver percentagens dos totais) dos dados entre os fatores relacionados à especificidade, distância, faixa etária e sexo. Percebeu-se, também, um comportamento diferente do esperado em relação aos falantes universitários, que apresentaram maior percentual de relativas copiadoras (20%) em comparação aos não universitários (9,9%). Lembramos que estamos diante de apenas 13 dados de relativas copiadoras, o que não nos permite fazer conclusões seguras acerca de seu comportamento.

5.5 Os pronomes relativos e a hierarquia de acessibilidade

Identificamos o uso de apenas quatro pronomes relativos nas entrevistas: *que*, *onde*, *como* e *quanto*. A frequência de uso de cada um desses pronomes se encontra na tabela abaixo:

Tabela 42 – Frequência de uso dos pronomes relativos na amostra PortVix

Pronome relativo	N	%
Que	2752	98,3
Onde	32	1,1
Quanto	14	0,5
Como	1	0,1

Podemos atribuir a alta incidência do relativo *que* a duas principais questões. A primeira delas está ligada às restrições de uso dos demais pronomes relativos: *onde* tem como antecedente um sintagma com valor semântico de lugar (e também de tempo, como há evidências em Vale, 2014, por exemplo) e, sintaticamente, de adjunto ou complemento de lugar; *como* relativiza antecedentes de adjunção de “modo”, “maneira”; o relativo *quanto*, por sua vez, tem como antecedente unicamente a palavra *tudo*. O uso do *cujo*, não encontrado na amostra PortVix, é ainda mais restrito, pois sintetiza uma estrutura complexa que envolve relação ou posse, exercendo uma função de adjunto adnominal bastante específica.

A questão que se coloca aqui é que esses relativos marcam caso e, por isso, não podem ser empregados em qualquer contexto, isto é, uma relativa de

sujeito não admite o uso de *quem*, *cujo* ou *onde*; uma relativa de locativo não admite o uso de *quem* ou *cujo*, pois a marcação de caso é realizada, nesse contexto, apenas pelo relativo *onde*. Além da marcação de caso, outro fator importante nessa discussão é a flexão de alguns relativos, como o/a(s) *qual(is)* e *cujo/a(s)*. A preferência pelas relativas encabeçadas por *que* parece estar relacionada à simplificação do paradigma de relativos: o *que* é invariável e pode relativizar qualquer tipo de sintagma antecedente (SILVA; LOPES, 2007). Acreditamos que a alta frequência do relativo *que* é resultado de seu enfraquecimento semântico devido à repetição do mesmo estímulo, como apontam Silva e Lopes (2007), fundamentadas nos postulados de Bybee (2003) sobre frequência e gramaticalização. Dessa forma, o pronome relativo *que* estaria perdendo suas características pronominais e assumindo, conforme já afirmado por Tarallo (1983), simplesmente papel de conector ou complementizador, nas relativas cortadoras e copiadoras (TARALLO, 1983). Em outras palavras, a substituição dos pronomes passíveis de flexão por *que* parece confirmar a hipótese de esvaziamento semântico do pronome relativo e a perda de seu caráter anafórico (SILVA; LOPES, 2007, p. 96).

A segunda questão estaria relacionada à frequência de uso do relativo *que* nas relativas mais acessíveis da Hierarquia de Acessibilidade (KEENAN; COMRIE, 1977) e, em decorrência de sua rotinização, estaria se generalizando, com a mesma estrutura superficial, nas demais posições (SILVA; LOPES, 2007).

Segundo Bybee (2003), não basta definir a gramaticalização como um processo pelo qual um item mais lexical se torna mais gramatical, mas um processo em que uma construção com determinados itens lexicais se torna mais gramatical (SILVA; LOPES, 2007). Retomando os resultados da tabela 15, abaixo, observa-se que as relativas de sujeito e objeto direto foram as mais produtivas em nossa amostra:

Tabela 43 – Distribuição geral das relativas por função sintática do relativo na amostra PortVix

Função Sintática	Padrão		Copiadora		Cortadora		Total (%)
	N	%	N	%	N	%	
Sujeito	1553	96	65	4	-	-	1618 (58,1%)
Objeto Direto	481	99,4	3	0,6	-	-	484 (17,4%)
Adv. Tempo	3	1	-	-	298	99	301 (10,8%)
Comp. Oblíquo	0	0	11	5,3	198	94,7	209 (7,5%)
Locativos	32	24	13	9,8	88	66,2	133 (4,7%)
Genitivo	0	0	8	44,4	10	55,6	18 (0,7%)
Adv. Modo	1	6,2	-	-	15	93,8	16 (0,6%)
Comp. Nominal	0	0	1	25	3	75	4 (0,1%)
Objeto Indireto	0	0	0	0	2	100	2 (0,1%)
Total (%)	2.070	74,3	101	3,6	614	22	2.785

Como já havíamos atestado, as relativas de sujeito e objeto direto constituem a maioria dos dados, somando 75,5% do total. A alta frequência das relativas de sujeito e objeto direto, que têm o mesmo *output* fonético da relativa cortadora (CORRÊA, 1998), pode estar relacionada à automatização do uso dessa construção, fazendo com que essa estrutura esteja se generalizando nas funções sintáticas menos acessíveis (TARALLO, 1983).

Vejamos a Hierarquia de Acessibilidade (KEENAN; COMRIE, 1977) a partir de dados da amostra PortVix. Não incluímos as funções de complemento nominal, objeto indireto e adjunto adverbial de modo devido à não variação entre as variantes possíveis.

SU > OD > ADV. TEMPO > OBL > ADV. LUGAR > GENITIVO

As funções mais acessíveis são, como esperado, de sujeito e objeto direto, seguidas das funções preposicionadas: advérbio de tempo, complementos oblíquos, advérbio de lugar e genitivo. De acordo com Keenan e Comrie (1977), à medida que se avança na escala, as funções menos acessíveis são menos frequentes e de mais difícil relativização, por serem sintaticamente mais encaixadas. Por serem menos frequentes, argumentam Silva e Lopes (2007), as relativas preposicionadas têm representação mais fraca na memória, sendo substituídas por padrões mais produtivos.

Ao ler verticalmente as frequências das relativas cortadoras, observamos que esta é a estratégia mais produtiva em todas as funções preposicionadas. A função de adjunto adverbial de tempo admite variação apenas entre a relativa padrão preposicionada e a relativa cortadora. Nessa função, os falantes recorreram à relativa cortadora em 99% dos casos, o que indica preferência por se dizer

(64) “na hora que ele foi correr... escorregou” (PortVix: H-3-Fundamental) em vez de

(65) “na hora **em que** ele foi correr... escorregou”

Interpretamos a alta frequência da relativa cortadora em todas as funções preposicionadas como sendo decorrente da generalização da estrutura superficial das relativas mais acessíveis – de sujeito e objeto direto – nas funções menos acessíveis.

Em relação à estratégia copiadora, a Hierarquia de Acessibilidade prevê que as posições menos acessíveis têm maior tendência de apresentar a cópia. Interessante notar que a relativa de adjunto adverbial de tempo, que não admite a variante copiadora, é a terceira posição mais acessível da hierarquia, atrás apenas das funções de sujeito e objeto direto.

As funções de complemento oblíquo, adjunto adverbial de lugar e genitivo apresentaram frequências crescentes para a relativa copiadora, ou seja, de fato, quanto menos acessível for a posição relativizada, tão maior será a incidência da cópia. Não foi encontrado sequer um dado de relativa padrão preposicionada nessas funções. As 32 ocorrências da estratégia padrão em função de locativo constituem usos do relativo *onde*. Entre usar uma estrutura como (66) ou (67), o falante preferiu a (67).

(66) “eu gostaria de morar numa cidadezinha... **onde** não houvesse violência” (PortVix: F-1-Fundamental)

(67) “há muitos lugares que::... você não tem segurança” (PortVix: M-2-Médio)

A função de genitivo foi a menos acessível na escala, com 18 ocorrências, das quais 8 (44,4%) apresentaram cópia pronominal. Na Hierarquia de

Acessibilidade, de Keenan e Comrie (1977), o genitivo foi uma das funções sintáticas que mais favoreceu a relativa copiadora. Nossos resultados confirmam a tendência já mencionada de que as funções sintáticas menos acessíveis favorecem a cópia.

Encontramos evidências de que a relativização está relacionada a uma rede mais ampla de outros fenômenos. À luz da hipótese de Kato (1981) – também mencionada por Tarallo (1983) –, haveria uma correlação entre processos anafóricos e estratégias de relativização. Para a autora, seria possível prever a estratégia de relativização empregada pelo falante a partir da estratégia anafórica usada. A correlação é explicada com base nos seguintes exemplos³⁰:

- (68) a. Eu descasquei as laranjas e Pedro as comeu.
 b. Encontrei a revista cuja capa estava rasgada.
- (69) a. Eu descasquei as laranjas e Pedro comeu elas.
 b. Encontrei a revista que a capa dela estava rasgada.
- (70) a. Eu descasquei as laranjas e Pedro comeu ∅.
 b. Encontrei a revista que a capa ∅ estava rasgada.

Com esses exemplos, Kato (1981) defende haver possibilidade de contribuição para as seguintes hipóteses implicacionais:

- a. se a anáfora do objeto for \emptyset , então a estratégia de relativização será a cortadora;
- b. se a anáfora for de pronome pessoal, então a estratégia de relativização será a copiadora;
- c. se a anáfora for de clítico, então a estratégia de relativização será a de pronome relativo e/ou preposicionada.

Tarallo (1983) não encontrou ocorrências de clíticos nas amostras analisadas em sua pesquisa, não confirmando a hipótese de Kato (1981).

³⁰ A numeração dos documentos difere da publicação original. Os grifos são da própria autora.

Estudos posteriores a Tarallo (1983), como a dissertação de Duarte (1986), corroboram o uso cada vez mais raro de clíticos na fala vernacular, havendo preferência pelo emprego da categoria vazia e uso moderado de pronomes pessoais. Esses resultados reforçam outra hipótese de Kato (2005): existem formas que fazem parte da gramática do indivíduo letrado e só aparecem em situações de escrita ou fala mais monitorada.

Vale (2014) menciona outra hipótese formulada por Kato (1993), que diz respeito à relação entre as construções topicalizadas e as orações relativas. Para Kato (1993), as relativas cortadoras no português brasileiro seriam derivadas da posição de tópico, já que essa posição não requer o uso de preposições. No caso das copiadoras, a preposição viria acompanhada da cópia em sua posição canônica (VALE, 2014, p. 42).

Essas são algumas questões que auxiliam a esclarecer o encaixamento das orações relativas na estrutura linguística: os processos anafóricos e a topicalização parecem estar encaixados na mesma matriz em que se encontram as orações relativas do português brasileiro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, com essa pesquisa, determinar os contextos sociolinguísticos nos quais há variação das estratégias de relativização. Analisamos uma amostra de fala de 46 falantes nascidos na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, distribuídos em quatro faixas etárias, três níveis de escolarização e dois sexos/gêneros.

Reflexões iniciais sobre o comportamento das estratégias de relativização nos levaram a agrupar nossos dados de acordo com as variantes admitidas por cada função sintática. Dessa forma, agrupamos as funções sintáticas controladas, levando em consideração a regularidade quanto ao pronome relativo empregado e às possibilidades de relativização. Os dados foram analisados à luz dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Codificamos e processamos nossos dados com a ferramenta de análise estatística *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Nossos resultados para a função de sujeito nos mostraram que a variação é condicionada principalmente por fatores de natureza linguística. As variáveis mais fortemente atuantes favorecendo o uso da cópia foram a distância (*range* = 460) e o traço humano do antecedente (*range* = 387). Esse resultado corrobora os de outras pesquisas que têm mostrado a importância da atuação de variáveis ligadas ao processamento sintático (MOLLICA, 1997; TARALLO, 1983) ou à preservação do princípio da iconicidade (BISPO, 2014). Outras variáveis relevantes em outras pesquisas foram testadas e se mostraram igualmente importantes em relação ao condicionamento da variação nas relativas de sujeito, como a especificidade do antecedente, o tipo de informação do antecedente e a pluralidade (MOLLICA, 1977; TARALLO, 1983; VALE, 2014).

O nível de escolarização foi a primeira variável social a ser selecionada pelo programa computacional *GoldVarb X* na análise da função de sujeito. Descobrimos que, de fato, falantes menos escolarizados favorecem o emprego da relativa copiadora. Tal fato evidencia que o nível de escolarização atua de forma a inibir o uso da estratégia copiadora entre os mais escolarizados, confirmando os resultados de Corrêa (1998). Entretanto, cumpre destacar que

os falantes de nível de escolarização mais alto também recorrem, mesmo que menos frequentemente, à relativa copiadora, principalmente devido à atuação do traço semântico [+ humano] do antecedente.

As relativas de adjunto adverbial de tempo não foram submetidas à rodada de pesos relativos por não apresentarem variação. Dos 301 dados nessa função, apenas 3 foram relativas padrão preposicionadas. É importante notar que, de todas as funções preposicionadas, essa foi a única que apresentou ocorrências de relativa padrão com a preposição.

Nas funções de complemento oblíquo e genitivo, a análise de regra variável selecionou apenas variáveis linguísticas: o traço semântico [humano], a função sintática exercida pelo relativo, a distância e a especificidade do antecedente, nessa ordem, favorecendo a relativa copiadora. Da mesma forma que os resultados de sujeito, nessas funções, antecedentes [+ humanos] favoreceram o uso da anáfora. A função sintática que mais favoreceu a cópia foi a de genitivo, como havíamos esperado, segundo a proposta da Hierarquia de Acessibilidade (KEENAN; COMRIE, 1977). Ambientes com maior distância após o relativo, assim como na função de sujeito, favoreceram a relativa copiadora. A última variável selecionada foi o traço semântico relacionado à especificidade do antecedente. Nossos resultados confirmaram a atuação de antecedentes com o traço [- especificado] favorecendo o uso da cópia, o que corrobora os resultados encontrados por Mollica (1977; 1997).

A última função sintática controlada foi a de locativos. Nenhuma das variáveis foi selecionada, o que não nos permitiu descobrir que fatores favoreciam o uso da relativa cortadora (sem preposição) ou da relativa copiadora (com os dêiticos “lá” e “ali”). A relativa padrão, nesse contexto, foi caracterizada pelo emprego categórico do relativo *onde*. Em todos os casos em que o relativo *onde* foi empregado, não foram observadas ocorrências nas quais houvesse o relativo *onde* com preposição ou com cópia: todas os usos apresentavam exatamente a mesma estrutura. Por não apresentar variação, a análise de regra variável não incluiu essa variante nas rodadas.

As estratégias de relativização, na fala de Vitória, tendo em vista a amostra de fala do PortVix, são caracterizadas pela predominância da

relativização na função sintática de sujeito, o que corrobora os resultados de amostras já analisadas no português brasileiro (CORRÊA, 1998, MOLLICA, 1977; 1977; 2003; SILVA E LOPES, 2007; TARALLO, 1983; VALE, 2014). Variáveis que se mostraram favorecedoras da relativa copiadora em outros trabalhos atuam de forma semelhante na fala de Vitória: principalmente os antecedentes com traço [+ humano], não especificados, em contextos sintáticos em que há distância condicionam o falante a empregar um elemento anafórico correferente ao sintagma nominal antecedente. Tais contextos sintáticos coincidem com as posições mais baixas da Hierarquia de Acessibilidade (KEENAN; COMRIE, 1977).

Mostrou-se, também, uma variável importante, o nível de escolarização dos falantes. Como constataram Corrêa (1998) e outros pesquisadores, como Mollica (2003) e Vale (2014), a escola consegue, com algum sucesso, inibir o uso de formas linguísticas consideradas de menor prestígio social, mas não bloqueia seu uso nem mesmo entre os falantes mais escolarizados. Em relação à frequência de uso dos pronomes relativos, nossos resultados corroboram a análise de Silva e Lopes (2007) e nos levam à interpretação sugerida pelas autoras de que a alta frequência das relativas de sujeito e objeto direto tem desencadeado um processo de gramaticalização da partícula *que* com esvaziamento semântico e generalização de sua estrutura superficial a contextos preposicionados. Como pudemos observar, o que parece levar os falantes a empregar a anáfora nas relativas é um conjunto de fatores mais intrinsecamente ligados ao processamento sintático do que a componentes sociais.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- _____. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BARRETO, T. Estruturas relativas. In: MATTOS E SILVA, R. V. (org.). **A carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500**. Salvador, Editora da UFBA, 1996.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BISPO, E. B. Orações relativas em perspectiva histórica: interface uso e cognição. **VEREDAS on-line – sintaxe das Línguas Brasileiras**. v. 18, 2014, p. 222-235. Disponível em < <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/07/12-Balduino-Bispo.pdf>> Acesso em 13 mai. 2018.
- BRUCKART, J. M. La estructura del sintagma nominal: Las oraciones de relativo. In: BOSQUE, I; DEMONTE, V. (eds.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. v. 1, Madrid: Espasa. 1999, p. 1395-1522.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. & JANDA, R. (eds.) **The Handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2003.
- CAMACHO, R. G. Regularização das Relativas de Lacuna: motivações em competição. In: BAGNO, M. et al. (Org.) **Dinâmicas Funcionais da Mudança Linguística**. São Paulo: Parábola, 2017, p. 131-161.
- CEDERGREN, H. J.; SANKOFF, D. Variable rules: Performance as a statistical reflection of competence. **Language**, vol. 50, n. 2, 1974, p. 333-355. Disponível em < <https://www.ling.upenn.edu/courses/cogs501/CedergrenSankoff1974.pdf>> Acesso em 28 jul. 2019.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.
- COMPANY, C. C. Gramaticalización y dialectología comparada. Una isoglosa sintáctico-semántica del español. **Cuadernos de Filología Hispánica**. n. 20, 2002, p. 39-71.
- CORRÊA, V. R. **Oração Relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil**. 1998. 174 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998.

DUARTE, M. E. L. **Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil: variação e sintaxe**. 1986. 73f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1986.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**., vol. 12, n. 4, 2008, p. 453-476.

FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. **DELTA**, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 889-917, dez. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502016000400889&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 15 mai. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-44506992907750337>.

GUY, G.; ZILLES, A. M. S. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, B. & JANDA, R. (eds.) **The Handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2003.

KATO, M. Orações relativas: variação universal e variação individual no português. In: **Estudos linguísticos**, V, 1981, p. 1-16.

_____. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, Ian & KATO, M. A. **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 1993.

_____. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A.; KOLLER, E.; TEIXEIRA, J.; LEMOS, S. A. (orgs). **Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino**. Braga: Centro de Estudos Humanísticos - Universidade do Minho, p. 131-145, 2005.

KEENAN, E.; COMRIE, B. Noun Phrase Accessibility and Universal Grammar. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v. 8, n. 1, 1977, p. 63-99.

KURYLOWICZ, J. The evolution of grammatical categories. **Diogenes**, v. 13, n. 51, 1965, p. 55-71.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. (trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso). São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

_____. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.) **Sociolinguistics: The Essential Readings**, Oxford: Blackwell Publishing, 2003, p. 234-250.

LOPE BLANCH, J. M. Los nexos conjuntivos en las 'Cartas' de Diego de Ordaz. **Thesaurus**, Tomo XXXIX, 1984. Disponível em <https://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/39/TH_39_123_066_0.pdf> Acesso em 27 jun. 2018.

MOLLICA, M. C. de M. **Estudo da cópia nas construções relativas em português**. 1977. 95 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.

_____. Anáforas em relativas no português do Brasil. **Alfa**, São Paulo, n. 41, 1997, pp. 171-179.

_____. Relativas em tempo real no português brasileiro contemporâneo. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.) **Mudança lingüística em tempo real**, Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003, p. 129-138.

NEVES, M. H. M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Unesp, 2000.

OLIVEIRA, L. C.; CYRANKA, L. F. M. Sociolinguística educacional: ampliando a competência de uso da língua. **Revista Soletras**, n. 26, 2013, p. 75-90. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/7392>> Acesso em 19 jul. 2019.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2002.

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2013. Disponível em <<http://www.r-project.org/>> Acesso em 22 abr. 2019.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **GoldVarb X – a multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>> Acesso em 01 jun. 2019.

SILVA, B. G.; LOPES, C. R. O papel da frequência na gramaticalização do que: análise das estratégias de relativização no português do Brasil. **Veredas on line**, Juiz de Fora, v. 11, n. 1. 2007, p. 80-100. Disponível em <www.ufjf.br/revistaveredas/> Acesso em 21 mar. 2019.

SILVA, R. M. G. **A Gramática Invisível: o caso das orações relativas**. 2007. 101f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

TARALLO, F. L. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. Tese de doutorado. Philadelphia, University of Pennsylvania, mimeo. 1983.

VALE, M. J. Q. **Estratégias de Relativização na Fala de Adultos Maranhenses**. 2014. 102 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014.

WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. I. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W. P.; MAKIEL, Y. (orgs.)

Directions for Historical Linguistics: A Symposium. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97-195.

YACOVENCO, L. C.; SCHERRE, M. M. P.; TESCH, L. M.; BRAGANÇA, M. L.; EVANGELISTA, E. M.; MENDONÇA, A. K. de; CALMON, E.; CAMPOS JÚNIOR, H. S.; BARBOSA, A. F.; BASÍLIO, J. O. S.; DEOCLÉCIO, C. E.; SILVA, J. B.; BERBERT, A. T. F.; BENFICA, S. A. Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena. *Alfa*, São Paulo, v. 56, n. 3. 2012, p. 771-806. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/issue/view/449>> Acesso em 25 jun. 2018.